BIZZ

ROCK & CHURRASCO
Num rodízio com o SLAYER

HORROR AO VIVO
Um repórter brasileiro na GUERRA

⊕ A volta do Led Zeppelin · Prince · Neil Young

Red Hot

CHILI PEPPERS

na mais andida das entrevistas

GUITARRAS
objetos do desejo

5561 • ANO 10/Nº 10 • EDIÇÃO 111 • R$ 2,25
ISSN 0104-1649
00111>
9 770104 164007

ALTERNATIVA®

Qualidade de
MESBLA

EDITORIAL

"Paz & Amor" era a pregação hippie nos anos 60. Afinal, o tal "sonho" não tinha acabado. As utopias do amor livre, da expansão da consciência através das drogas e do poder revolucionário do rock passavam pelos seus dias dourados.

"Guerra & Punheta" parece ser um lema mais adequado para a época que vivemos. A violência campeia em cada esquina: dos "arrastões" no Rio de Janeiro até os quebra-quebras em Los Angeles, dos massacres em Ruanda até os ataques neonazistas na Europa. E a liberdade sexual fechou-se num casulo, temendo a Aids, dando lugar para diversas fantasias masturbatórias. Sem contar que drogas são atualmente mais de alçada da Máfia e o rock em geral transformou-se numa indústria corporativista em que imagem e marketing são mais valorizados que a música.

Sendo assim, trazemos duas reportagens "não-musicais" nesta edição, mas que com certeza são de interesse geral de quem lê a BIZZ. A primeira apresenta o depoimento de LEÃO SERVA, correspondente londrino da Folha de S. Paulo que se aventurou por guerras sangrentas (Bósnia, Somália, Angola), em um registro histórico. A outra é uma investigação de Hélio Gomes (ao lado, observando a modelo na cabine de um peep show paulistano) através do mundo daquelas pessoas que optaram pelo SEXO SOLITÁRIO. Para elas, há uma crescente variedade de fetiches como peep shows (já existe um no Rio), vídeos, publicações para todos os gostos, "disque-eróticos" etc. Négocio lucrativo no exterior, que agora se expande no Brasil.

Mas não deixamos o som de lado! Então, divirta-se com a completíssima entrevista dos RED HOT CHILI PEPPERS, cheia de barbaridades ditas pelo baixista Flea e pelo vocalista Anthony Kiedis. No estilo "To funk or to fuck?".

Ou acompanhe Robert Halfoun e o nosso colaborador Carlos Eduardo Miranda na pantagruélica visita que fizeram a uma churrascaria rodízio, com o pessoal do SLAYER (à esquerda, Kerry King medita sobre um pedaço de picanha). "Arrout!".

Também estamos estreando uma nova seção, cujo nome já diz tudo: 10 Perguntas + 1. Logo de cara com uma figurinha bem carimbada: o cantor e compositor cearense FALCÃO - que se define como um tesão para as mulheres e um paladino dos bregas e dos cornos do Brasil. De quebra, um ensaio fotográfico com as ASAS PARA O DESEJO que pairam sobre um dos símbolos do rock'n'roll: a guitarra. A Redação

BiZZ

Ano 10 • Nº10 • Edição 111 • Outubro, 1994

30 **VI A GUERRA DE PERTO...** Leão Serva, jornalista da área cultural na Folha de S. Paulo, acabou como correspondente nos conflitos da Bósnia, Somália e Angola, sentindo na pele os horrores da guerra

38 O **SLAYER** veio ao Brasil mostrar seu thrash metal no festival Monsters Of Rock. Mas fizeram um programa mais "podreira" que o som deles: ir a um rodízio de carnes, a convite da BIZZ

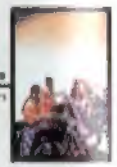
42 "O diabo é o pai do rock", como dizia Raul Seixas? Nem sempre... Um solo ou um riff de guitarra podem elevar o ouvinte ao paraíso. Com este "objeto de desejo", suba ao céu dos **ANJOS & GUITARRAS**

52 Em tempos de Aids, cresce o **SEXO SOLITÁRIO**. A masturbação – antes reprimida – foi aceita e até incentivada. Peep shows no Brasil, sexo por telefone, vídeos... Explode aquela velha manta

60 Reis do funk metal? Todos nus, só com meias enfiadas nos paus? "Homens-Tochas"? "Homens-Lâmpadas"? Viciados? Tarados? Sexo, drogas & rock'n'roll na trilha do **RED HOT CHILI PEPPERS**

este mês

Capa: Red Hot Chili Peppers
Foto: Derek Ridgers



CARTAS
6 A polêmica sobre a Tropicália e os recados dos leitores

SHOWBIZZ
8 Dois "aviões": Elle McPherson e a morenaça Naomi Campbell
10 Prepare os saquinhos de pipocas: dez filmes imperdíveis
12 O Led Zeppelin vai decolar de novo! E sem eletricidade
14 Quando foi?... Leia em Baixo e ainda quem vem tocar por aqui
16 TV: Arquivo X e quem barrou Beavis And Butt-Head?
19 50 mil dólares pelas roupas de Carlitos? Bono Vox pagou!
20 Drugstore?... Concretness?... Você Vai Ouvir Falar De...

ENJOY IT
22 Guitarra Gibson pioneira, Aerosmith interativo...

MIX
24 Viúva de Kurt Cobain... e Dando num hotel?
O que rola entre Courtney Love e o líder dos Lemonheads

SATÉLITE
26 Ilha de Páscoa, carnaval londrino, patins rodam em Nova York

10 PERGUNTAS + 1 PARA...
28 Na estréia, o cearense Falcão diz que é "bonito, lindo e jolado"

LANÇAMENTOS
70 Ex-Prince e atual "homem-símbolo", em disco, CD-ROM e HQ
72 Neil Young homenageia o finado líder do Nirvana
e muito rap – Fugees, Racionais MC's e Thaide & DJ Hum
74 Reggae made in Brasil: Cidade Negra, Nomad e Worubu
76 Música De Rua, disco da musa da axé music, Daniela Mercury
78 Grant Lee Buffalo, Freedy Johnston, Trilhas Sonoras
80 Rápido & Rasteiro
82 Bolsa De Discos e Paradas

CLÁSSICOS
84 Os primeiros álbuns de Elvis Presley, agora em CDs nacionais
86 Raul Seixas, Neil Diamond e uma caixa da Steve Miller Band
86 O ex-Velvet Underground, John Cale, mais soul e MPB
88 Jukebox: Joe Jackson/Video: toda a série de TV The Monkees

DISCOTECA BÁSICA
90 O pop encontra o jazz: Can't Buy A Thrill, estréia do Steely Dan

Errata: No início da resenha do disco de Neil Young, *Sleeps With Angels* (pg.72), onde está "No final de abril passado...", leia-se "No final de março passado..."

A torcida pediu, a Volkswagen foi lá e fez. Por um lado, fez um carro que vai continuar no mesmo caminho do Gol: o caminho do sucesso. Por outro lado, fez um carro que se dirige para onde todo mundo quer ir: para o futuro. E em respeito à sabedoria popular, que diz que não se deve mexer em time que está ganhando, a Volkswagen não mexeu no Gol. Simplesmente fez um carro totalmente novo.

Novo Gol.
É Gol de novo.

A versão GTI tem motor **AP 2000**
com injeção eletrônica digital multiponto.

As outras versões têm motor **AP 1600**
AP 1800
também com injeção eletrônica digital.

O Novo Gol tem design arrojado, com linhas arredondadas, que resultam numa excelente aerodinâmica: **Cx = 0,34**
A versão GTI tem computador de bordo e, opcionalmente, CD player. A capacidade do porta-malas aumentou em mais de 50%.

Ao invés de andar atrás de coisas novas, ande na frente. Novo Gol. Mais um Gol da Volkswagen.

VOLKSWAGEN
Você conhece, você confia.

Este veículo está em conformidade com o PROCONVE.

Cartas

A BOCA-LIVRE DO SLAYER

Só estou mandando um fax rápido para dizer "obrigado" pelo excelente almoço e a entrevista na churrascaria em São Paulo. O Slayer teve bons momentos com vocês e estamos todos muito curiosos em saber em que rendeu aquela "festa" tipicamente brasileira.

Michael Mazur (assessor de imprensa), *Novo Jersey/EUA*

Se o pessoal do Slayer curtiu o rango, imagine a equipe da BIZZ... Em relação à entrevista com a banda, pode ser conferida nesta edição da revista.

RENÉ FERRI NA MIRA

Não deu para entender a crítica de René Ferri aos tropicalistas na BIZZ 108. Ferri rasga a seda para os artistas de Woodstock e acaba com os tupiniquins.

Fernanda Mayer, *São Paulo/SP*

O artigo sobre os 25 anos da conquista da Lua foi escrito como se fora uma redação de vestibular, com sutis demonstrações de suposto conhecimento filosófico/histórico/social da parte do articulista.

Ana Cláudia, *São Paulo/SP*

Na reportagem sobre Woodstock na BIZZ 108, René Ferri fala mal da Tropicália. Até aí tudo bem. Mas ao ler a palavra "baianada", me senti ofendido. Nós somos seres humanos, independente da região onde nascemos.

André Marques, *Salvador/BA*

René Ferri responde: reconheço que meu texto ficou pesado e a edição o deixou ainda mais forte – mas não quis causar ódio. A Tropicália foi genial, é a minha sincera opinião: o problema foi o resíduo, a herança que deixou. Cometi o pecado de bulir com unanimidades, o que não merece perdão. Devo declarar que amo – discutir e ouvir – MPB.

MADONNA E SUA GATA

Fiquei chocada com a foto da Madonna beijando a Ingrid Casares na BIZZ 109. Não acredito que ela seja lésbica, mas sim que faz isso para causar polêmica. Sei que logo ela irá lançar um novo álbum e espero que a BIZZ faça uma supercobertura sobre ele.

Elizabeth Biondi, *Cacondé/SP*

Cara Elizabeth, você deve estar careca de saber que não dá para ter qualquer certeza em relação ao comportamento sexual de Madonna. Quanto ao lançamento de seu novo disco, pode ficar absolutamente tranquila: a BIZZ fará uma cobertura mais do que completa sobre o disco.

E A BIZZ MUDOU...

Sou assinante desta revista e escrevo para manifestar a agradável surpresa de, pela primeira vez, ter ficado muito satisfeito com as mudanças efetuadas.

Edwards Santos Silva, *Aracajú/SE*

Estou indignado com as declarações feitas na reportagem sobre a "cultura do ódio" na edição 109 da BIZZ, que despeja farpas em cima de Axl Rose.
Não seriam as revistas e fanzines que ensinam o público a odiar os seus próprios ídolos?

Marcelo Neves, *Petrópolis/RJ*

Coisas estranhas acontecem. A BIZZ de agosto parece uma revista do futuro. As mudanças na edição fizeram dela uma revista bonita e diferente de todas por aí.

Luís Damário, *São Paulo/SP*

> "Meu coração está amando! A morena que apareceu no ensaio fotográfico da edição 109 é absolutamente maravilhosa. Façam com que mais fotos dela sejam publicadas"
>
> Nelson Saraiva, *São Paulo/SP*

Parabéns! A edição 109 da BIZZ está ótima. Mas o melhor foi a presença do Renato Russo na foto da reportagem sobre o show.

Francismar Botelho, *Conceição do Araguaia/PR*

Cutucamos! Pois é moçada, a intenção da redação ao promover mudanças na BIZZ era exatamente essa: retomar a velha faceta polêmica e provocativa da revista. Obrigado a todos vocês, leitores e leitoras, que escreveram aqui para a redação comentando a nova fase da BIZZ. Continuem assim, pois a participação de vocês é essencial.

QUEM É ESSA GAROTA?

Preciso saber quem é a deusa morena da edição 109!!

Alexandre Magalhães, *Curitiba/PR*

A matéria das motos e das modelos da edição 109 nem é tão legal assim... Mas a morena que aparece nas fotos é uma gostosa e me tirou completamente do sério.

Ricardo Nazareth, *Rio de Janeiro/RJ*

O nome da modelo é Renata e quem sabe faremos uma surpresa nas próximas edições...

EDITORA AZUL

Fundador VICTOR CIVITA (1907-1990)

Diretoria Angelo Rossi, Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor - Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Editor Especial: Celso de Salles Pucci
Editor de Arte: Richard Kovacs
Editores-assistentes: Hélio Gomes, Robert Halfoun, Sérgio Martins
Editor-Assistente de Arte: Flavio H. B. Vianna
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Arte: Di Sumida
Correspondentes: Anamaria Lemos (Londres), Cláudio Campos (Rio de Janeiro), José Emílio Rondeau (Los Angeles)
Colaboraram nesta edição – Texto: Alex Antunes, Alexandre Rossi, André Barcinski, Arthur G. Couto Duarte, Ayrton Mugnaini Jr., Camilo Rocha (Londres), Carlos Eduardo Miranda, Christian Petermann, Cristina Ruiz (Nova York), Daniel Benevides, Fernando Naporano (Londres), Jefferson de Souza, Lourival C.S. Júnior, Marcel Plasse, Paulo Cavalcanti, Sérgio Barbo, Tomoko Spessotto, Viviane Rodrigues **Fotos:** André Sader, Cláudio Elisabetsky, Penna Prearo, Rose Mauro, R. Mendes **Ilustração:** Eppen **Revisão e Preparação de Texto:** Alexander Ortiz Ramos

PUBLICIDADE

Diretor de Publicidade: Cláudio Santos
Gerente: Ana Lúcia Serra
Supervisores de Contas: Álvaro Fabrinares, Fábio Gomes, Ricardo Santos
Contatos: Ana Lúcia Bertola, Ana Maria Lobo, Cristiane Monteiro Loureiro
Marketing Publicitário: Denise Tamanaha
Coordenadores: Antônio Fernandes, Igor Assan, José Soares

COMERCIAL

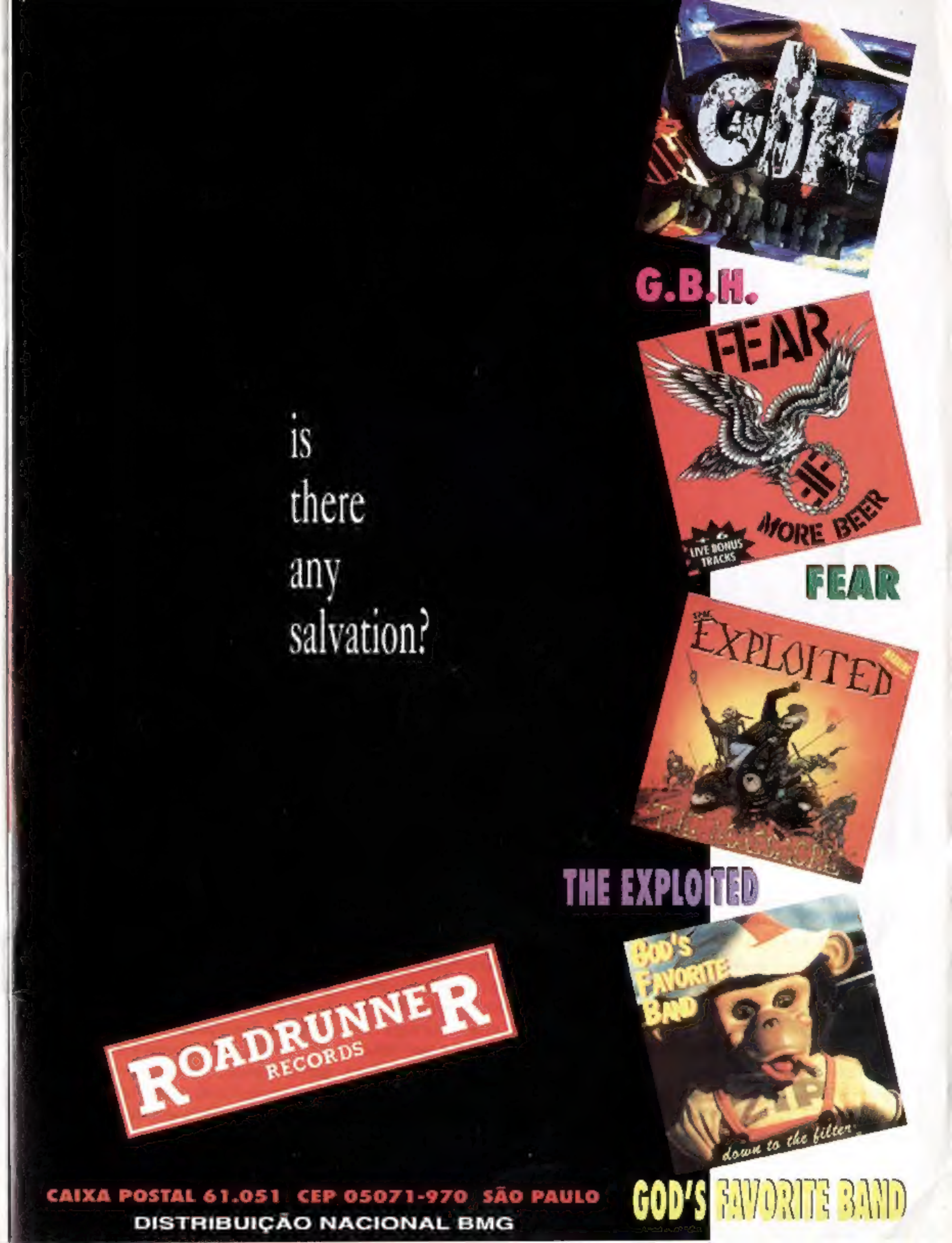
Diretora: Vera Helena Miranda Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Arnoaldo C. Dias
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Galli Fonseca
Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Franke
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Walter Toscano
Diretora Responsável: Lígia de Lima Dória Castelli

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **(ISSN 0104-1649**, edição 111, outubro de 1994). **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel. (011) 816-7066, Caixa Postal 46254, CEP 05389-970, telex (011) 83178, fax (011) 813 9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, CEP 20020-080, Centro, tel. (021) 532-0313, fax (021) 532-1968, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** ao fazer sua assinatura exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em moeda corrente nacional, correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com o índice oficial legalmente aplicável. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas, para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser do seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP.

ANER **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222

Fotolito: Fotolina Ltda, Postscript Artes Gráficas, Grafcolor, Prepress Editorial

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.



SHOWBIZZ

O belo par de pernas de McPherson está pronto para atazanar a vida do agente secreto

EX-NAMORADA DE SENNA ATACA JAMES BOND

Desde que apareceu na capa da revista americana *Time*, há oito anos, a bela modelo australiana **ELLE MCPHERSON** é mundialmente conhecida como "The Body", ou seja, "o corpo".

Repare na foto acima para logo adivinhar o motivo de tanta paparicação em torno dela.

Elle é linda da cabeça aos pés, além de suas pernas estarem entre as mais maravilhosas que surgiram em todo o *jet set* internacional.

"The Body", com seus 30 anos de idade, já colecionou diversos namorados famosos, entre eles o corredor brasileiro Ayrton Senna – cuja morte deixou a modelo bem abalada. "Eu sabia que ele gostaria de morrer nas pistas. Mas o que eu não esperava era que isso fosse acontecer tão cedo", confessou ela à revista inglesa *Sky*.

Elle McPherson está pronta para invadir outro tipo de público: os fãs de cinema, sempre ávidos por uma lourinha gostosa.

"The Body", que já havia feito um filme "cabeça" em sua terra natal, agora vai estrelar a próxima aventura de James Bond – desta vez vivido pelo irlandês Pierce Brosnan, o rival de Robin Willians em *Uma Babá Quase Perfeita*.

E mais: a deslumbrante modelo também será a principal protagonista de um filme sobre sereias.

O parceiro de Elle nesta próxima aventura "aquática" é nada menos de Hugh Grant, aquele de *Quatro Casamentos E Um Funeral*.

A modelo de 24 anos prova ser insaciável na busca pelo sucesso

NAOMI DÁ TRÊS DE UMA VEZ

NAOMI CAMPBELL também resolveu cantar. Juntou um time de convidados – como Doug Wimbish, do Living Colour, o cantor Luther Vandross, Chryssie Hynde, a galera do P.M. Dawn – e lançou *Babywoman*.

O título do álbum nada mais é que um dos apelidos prediletos de Naomi. *Babywoman* tem 11 faixas, entre românticas e dançantes, além de uma curiosidade: a versão de "Ride A White Swan", (T. Rex).

Mas isso não é tudo. A modelo negra de 24 anos acaba de lançar *Swan*. O livro, segundo a própria Naomi Campbell, foi baseado em sua biografia. Fala da dura batalha de uma garota para vencer um concurso de modelos.

Swan foi recebido com descaso pela imprensa. Muitos desconfiavam que o livro não teria sido escrito pela deusa de ébano. Outros, mais irônicos, partiram para a gozação – acham que Naomi sequer leu o seu próprio livro.

Naomi costuma trocar de namorado como quem troca de roupa. A modelo já andou aos beijos e abraços com o ator Robert De Niro. Também jurou amor eterno a Adam Clayton, baixista da banda de rock U2 – que aprontou poucas e boas com a garota enquanto eles estiveram juntos.

O mais novo par da modelo agora é Nellee Hopper (um dos cabeças do Soul II Soul).

Curiosamente, Hopper também é o produtor de *Babywoman*.

DEZ FILMES QUE VÃO SACUDIR OS CINEMAS

Foto: Albert Watson / Warner Bros.

Pulp Fiction
Direção: Quentin Tarantino. Com John Travolta, Uma Thurman. O filme foi o vencedor do festival de cinema em Cannes. Aqui, Travolta (foto) deixa de vez a imagem de *Embalos de Sábado À Noite* para viver um assassino frio e sanguinário. Um policial sangrento e bem ao estilo de Tarantino, que já havia feito o grande *Cães De Aluguel*.

Columbia

O Especialista
Direção: Luis Llosa. Com Sylvester Stallone. O fortão encontra o "vulcão feminino" Sharon Stone numa mistura de ação e erotismo. Ele interpreta um especialista em bombas que ajuda uma mulher – Stone, é claro – a se vingar de dois mafiosos que mataram a família dela inteira quando ela ainda era uma menina. Stallone tem boas cenas de sexo ao lado de Stone – mas afirma ter detestado fazê-las – ao mesmo tempo em que massacra a moçada. *The Speciallist* tem estréia marcada no Brasil para o dia 28 de outubro.

Assassinos Por Natureza
Direção: Oliver Stone. Com Woody Harrelson, Juliette Lewis. Um casal de malucos (Harrelson e Lewis) passa três semanas matando quem pintar na frente deles. O filme tem roteiro de Quentin Tarantino – já deu para notar que ele é o novo *darling* do cinema – e a trilha sonora e maluquete de Trent Reznor, o cabeça do Nine Inch Nails

Entrevista Com O Vampiro
Direção: Neil Jordan. Com Tom Cruise (foto), Brad Pitt, Antonio Banderas, Christian Slater. A grande incógnita da temporada. Cruise – tentanto provar que não é apenas um cara lindinho – vive Lestat, um vampiro cruel e que vive de chupar sangue e relações mais que carinhosas com Louis (Pitt) e uma vampirinha.

Associated Press

STILLS

Quiz Show
Direção: Robert Redford. Com John Turturro, Ralph Fiennes. Baseado em fatos reais, o filme conta a história de um programa de entrevistas dos anos 50, em que tanto as perguntas quanto a reação dos participantes não passavam de um embuste. Tudo vai bem até que um dos participantes bota a boca no trombone. O inglês Fiennes arrasou na pele de um comandante nazista em *A Lista De Schindler*.

Frankenstein
Direção: Kenneth Branagh. Com Kenneth Branagh (foto), Robert De Niro. Sob a produção de Francis Ford Coppola (*Drácula*), trata-se de mais uma versão da famosa história do barão von Frankenstein e suas experiências para ressuscitar os mortos. Branagh tem duelo de interpretação à altura com De Niro fazendo o papel da Criatura – imortalizada nos cinemas por Boris Karloff.

STILLS

Timecop
Direção: Peter Hyams. Com Jean Claude Van Damme, Mia Sara. Nessa ficção científica regada a violência, Van Damme vive um soldado que volta no tempo para perseguir um político corrupto. *Timecop* faturou legal lá fora e está sendo considerado o filme que vai levar o belga ao estrelato.

Street Fighter
Direção: Steven de Souza. Com Jean Claude Van Damme, Raul Julia, Kyile Milogu (foto). Filme de pancadaria, baseado no famoso *game*.

The River Wild
Direção Curtis Hanson. Com: Meryl Streep, Kevin Bacon. Streep interpreta uma espécie de navegadora que se vê às voltas com um maníaco (Bacon). A atriz chegou a passar por perigos reais de vida. O diretor é o mesmo de *A Mão Que Balança O Berço*.

Angel

Ed Wood
Direção: Tim Burton. Com Johnny Depp, Martin Landau. Considerado "o pior diretor do mundo", Wood gostava de dirigir vestido de mulher e fez filmes como *Glenn Or Glenda* e *Plan 9 From Outer Space* – mas é considerado *cult* por muitos apreciadores de filmes B.

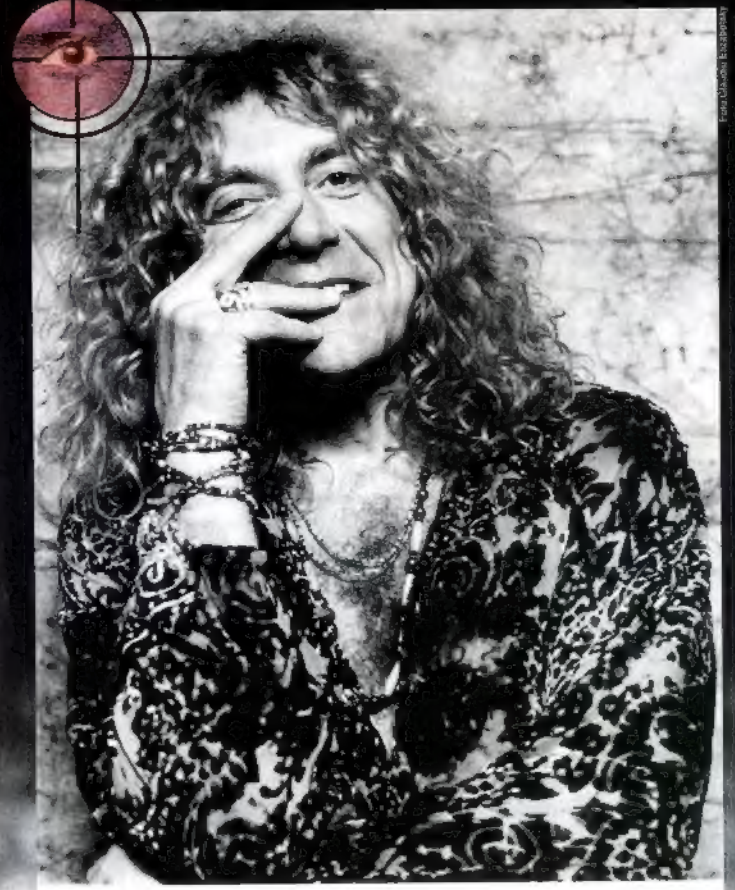


Foto: Marcelo Eliazeguay

AGORA É SÉRIO: LED ZEPPELIN VEM AÍ

Poucas vezes a sabedoria do ditado "quem espera sempre alcança" valeu tanto quanto na iminente reinvenção do **LED ZEPPELIN**.

Quatorze anos depois da morte do baterista John Bonham – e também da conseqüente aposentadoria forçada do grupo – este mês ocorre a realização do sonho de todos os fãs da banda, com a exibição na MTV de um esperadíssimo *Unplugged* que marca as pazes entre Jimmy Page e Robert Plant, após anos se alfinetando publicamente na imprensa. Em novembro, o selo Atlantic lança o disco resultante do show. Gravado sob o maior segredo em Londres e em Marrocos, o evento não é exclusivamente acústico, como se suspeitava. Acompanhados por baixo, bateria e teclados, Page e Plant revisitam devidamente plugados os clássicos da banda, de "Gallow's Pole" a "Kashmir" (auxiliados nessa última por um grupo de músicos marroquinos). Há rumores, ainda, dando conta de uma miniturnê americana da versão do Led Zeppelin, uma vez lançado o disco, quando haverá shows em lugares pequenos, como a House Of The Blues, em Los Angeles.

José Emílio Rondeau

notas

O baterista Dave Abbruzzese foi chutado do **PEARL JAM** *** Melissa Auf Der Maur é a nova baixista do **HOLE** *** O **LONDON SUEDE** está com novo guitarrista: é Richard Oak, ex-Poole. *** Os **LEMONHEADS** perderam o baixista **NIC DALTON**. Ele foi tratar de sua banda, a Godstar. **EVAN DANDO** pinta como astro do cinema em Upstate Story. A namorada dele será nada menos que **LIV TYLER**, filha daquele beiçudo do Aerosmith *** **VANITY**, a morenaça que cantava ao lado de Prince, virou evangélica e promete soltar um disco gospel *** O ex-baterista do Guns N'Roses, **STEVEN ADLER**, sofreu uma overdose ao misturar cocaína e heroína, mas já está fora de perigo *** **KURT COBAIN** deixou três músicas inéditas antes de morrer. As demos serão dadas pela viúva Courtney Love a Iggy Pop, Mark Lannegan (Screaming Trees) e outro artista a ser escolhido *** **PJ HARVEY** (foto) trabalha em estúdio com Flood - também produtor do U2 e Depeche Mode.

A diva do barulho se junta ao produtor do U2

INCLUINDO O NOVO HIT "WHAT'S THE FREQUENCY, KENNETH"

UM MONSTRO ESTÁ À SOLTA

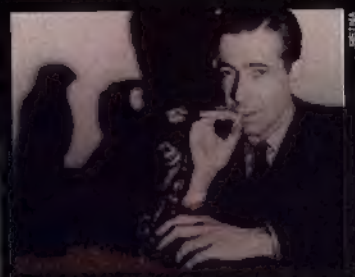
O NOVO ÁLBUM DO R.E.M.
E TODA A DISCOGRAFIA EM CD, LP E K7.

WARNER MUSIC BRASIL

VHS

VHS

DATAS



18 09 94 Aconteceu o festival **VISA** de fotografia, na cidade de Perpignan (Bélgica), com os mais conceituados fotógrafos do mundo. Ocorreram exposições e lançamentos importantes, como o de *Thèmes*, nova publicação bimestral de fotografia; o livro *Kim*, de Bettina Rheims, e ainda o catálogo da exposição *Evidence*, de Richard Avedon.

06 09 94 Morreu o pianista **NICKY HOPKINS**, vítima de seus problemas abdominais e cardíacos, em Nashville, Estados Unidos. Hopkins, que tinha 50 anos, participou das gravações de discos dos Rolling Stones (era conhecido como o "sexto Stone"), Beatles, The Who e com o Jefferson Airplane em 69, no festival de Woodstock.

06 12 94 A estátua original do filme *Relíquia Macabra* (em inglês, *The Maltese Falcon*) será leiloada pela loja Christie's, de Nova York. O filme foi um dos maiores sucessos do ator **HUMPHREY BOGART** (foto). O objeto pertence aos herdeiros do ator William Conrad, que ganhou a estátua da produtora do filme, a Warner.

21 09 94 Em São Paulo, é aberta a primeira *megastore* brasileira de áudio/imagem: **PLANET MUSIC**, na Av. Rebouças, 2.315.

13 09 94 **JOHNNY DEPP** (o ator do filme *Edward Mãos De Tesoura*) acabou preso ao destruir totalmente um quarto de hotel em Manhattan, Estados Unidos. "Aparentemente intoxicado", segundos os policiais, Depp foi obrigado a pagar uma fiança de U$S 2 mil.

23 09 94 Por falta de provas, as autoridades judiciais de Los Angeles encerraram as investigações do suposto abuso sexual de **MICHAEL JACKSON** a um menor de idade. O menino que foi envolvido no caso simplesmente se recusou a depor.

25 09 94 foi comemorado o **DIA DO RÁDIO**. As emissoras lembraram da data transmitindo trechos de programas históricos – do tipo *Repórter Esso* – para contar a história do rádio. Outras levaram ao ar radionovelas que fizeram sucesso.

EM BREVE

PET SHOP BOYS

A dupla promove a turnê de *Very*, seu mais recente disco, entre 5 e 10 de dezembro. Até o fechamento desta edição, não estavam definidos as cidades e os locais onde os Pet Shop Boys deverão tocar.

RAMONES

Joey Ramone & Cia. fazem sua quinta turnê brasileira, mas desta vez São Paulo ficou de fora. Aqui estão as datas das apresentações do quarteto: 5 e 6 de novembro, no Rio de Janeiro; 9 em Belo Horizonte, 10 em Florianópolis, 11 em Curitiba e 12 em Porto Alegre.

MEGADETH

O grupo de Dave Mustaine – que está de disco novo – mostra seu metal animal no Rio de Janeiro (1.º de dezembro, no Imperator) e em São Paulo (2, Ginásio do Ibirapuera e 3 no Palace).

SUNSPLASH

O festival de reggae rola entre 8 e 18 de dezembro e percorre São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre e Florianópolis. Atrações: Inner Circle e Third World, mais os cantores Nadine Sutherland, Barrington Levy e Damian Marley, além da Skool Band.

pop com sotaque inglês

O Brasil está nos planos da galera do Blur

A melhor banda da Inglaterra na atualidade mistura os Beatles com David Bowie e várias doses de psicodelismo. *Parklife* – terceiro disco do **BLUR** –, foi um sucesso estrondoso. Mas eles parecem ser aqueles mesmos quatro rapazes com pinta de *junkies* tímidos. Em meio a um turbilhão de festivais pela Europa, o guitarrista Grahan Coxon adiantou à BIZZ que o Brasil está nos planos da banda para o ano que vem, depois de uma temporada nos Estados Unidos.

Como *Parklife* foi concebido?
Foi feito no estúdio. Lá as canções apareceram, como os arranjos. Por isso, o som está mais interessante. Não ficamos só no que fazemos ao vivo. Usamos timbres eletrônicos, que não apareciam nos shows. E utilizamos um gravador ao tocar ao vivo, reproduzindo as cordas, samples etc. Tem sido ótimo.

Como Phil Daniels foi cantar no disco?
Damon *(Albarn, vocalista do Blur)* fazia os versos de Phil, forçando o sotaque londrino ao máximo. Como o resultado dele não foi satisfatório, resolvemos chamar Phil. O cara foi uma espécie de herói para nós *(o ator Phil Daniels se projetou em 79, ao atuar no filme* Quadrophenia, *baseado no disco do grupo The Who)*. Ele fez alguns shows conosco e foi o máximo.

O que você acha da imagem que a imprensa faz do Blur?
Eu não acho que exista um *hype*. Isso foi há alguns anos. Acredito que agora fizemos um disco muito bom e isso nos garante espaço na mídia. Claro que há predileções de certos jornalistas, principalmente na Inglaterra. Ficamos populares com esse álbum porque tem apelo comercial e qualidade musical. Crescemos ao fazer discos.

Qual é a dívida do Blur com o pop britânico dos anos 60?
Nossas canções têm a ver com os anos 60. Lidamos com os mesmos tipos suburbanos das canções de Ray Davies (The Kinks) ou de Syd Barrett. Fazemos pop sobre a vida de todo mundo. É natural que soe britânico aos ouvidos de americanos e de brasileiros. **HÉLIO GOMES**

um dia com a pior banda do mundo

A turma do Casseta & Planeta faz escola nos Estados Unidos

A pintura do muro do estacionamento entrega o ouro: esse prédio baixo em Hollywood abriga um bando de maluquetes. Três porquinhos doidões, um guerrilheiro futurista, cruzamento de Rambo com Gene Simmons, uma musculosa vaca malhada vestindo toga(?!), um *skinhead* e, ao lado da porta do prédio, uma criatura toda feita de... merda!

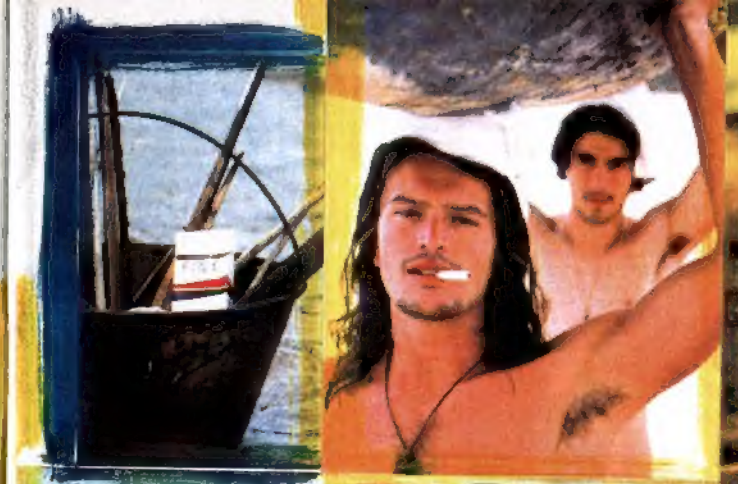
O **GREEN JELLŸ**, talvez seja a microempresa multimídia do rock mais bem-sucedida desde o surgimento do império erguido pelo Grateful Dead. Os dez membros da banda operam num estúdio de vídeo *state of the art*, no qual investiram um milhão de dólares, mais todos os "departamentos" de seu trabalho, desde composição e gravação (há uma sala para a feitura de fitas-demo), até atendimento ao fã-clube, mais concepção e co-autoria de uma revista em quadrinhos. Nada mal para quem se propôs a ser "a pior banda do mundo": músicos mais notáveis por seus alter egos (personagens com nomes como Sadistica e Jella Tin) do que pelas habilidades musicais.

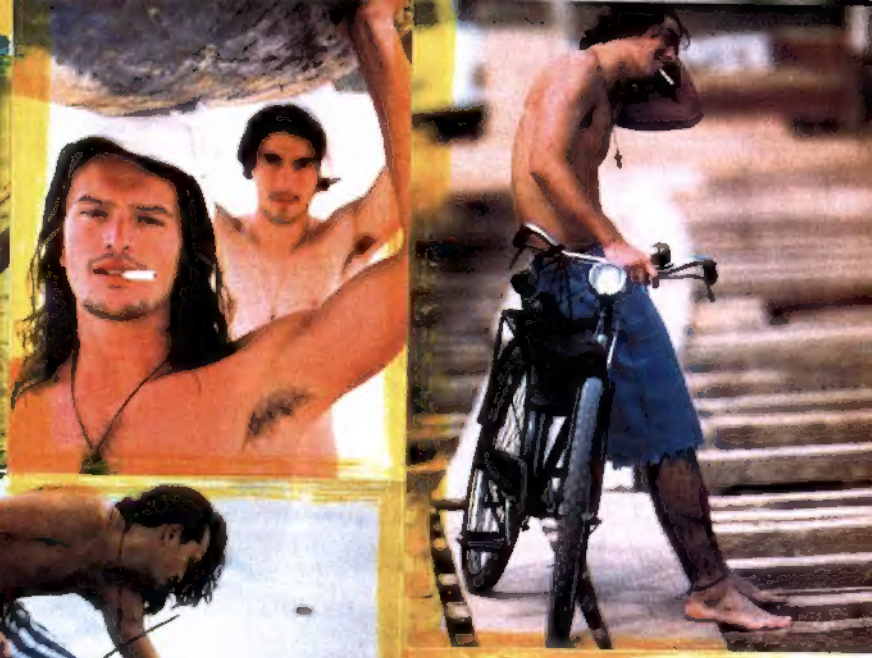
"Isso é hobby", explica Bill Manspeaker, o fundador do Green Jellÿ e um fanático por lixo pop, TV e histórias-em-quadrinhos. A banda não contava era com o interesse do público por seu primeiro lançamento: foram vendidas 80 mil cópias do vídeo *Cereal Killer* e um milhão de cópias do CD.

Além de *333*, seu novo álbum, o Green Jellÿ fez a trilha do videogame *Maximum Carnage*, baseado nos quadrinhos da *Marvel Comics*, com quem banda também planeja uma série de três gibis. **JOSÉ EMILIO RONDEAU**

O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
FUMAR É PREJUDICIAL À SAÚDE.

CADA UMA NA SUA





Mas com alguma coisa em comum.

Baixos Teores.

FREE

Questão de Bom Senso.

MISTÉRIO NA TV

É o nome da série de TV que mistura suspense, alienígenas e muita diversão. ***ARQUIVO X*** traz os casos mais complicados e misteriosos do FBI, a polícia secreta americana. Descobrir a verdade sobre eles torna-se questão de honra para o agente Fox Mulder (David Duchovny) e de sua companheira, Dana Scully (Gillian Anderson).

Como toda boa dupla que se preze, são completamente diferentes. Fox acredita em explicações sobrenaturais e a moça é uma cientista meio chatinha. Mas os dois resolvem suas diferenças rapidinho, quando as investigações esquentam e o governo parece preferir que os casos continuem obscuros.

A série estréia em novembro na Record, em dia e horário a serem definidos e foi considerada pelo *TV Guide* americano como a "o programa mais inventivo da temporada".

E esses dois vão ver coisas que até Deus duvida

BEAVIS AND BUTT-HEAD ABSOLVIDOS!!!

Desde 22 de setembro, o programa *Beavis And Butt-Head* , suspenso por determinação da Vara Central da Infância e Juventude, está liberado para ser exibido a partir das 21:00 hs. com uma tarja aconselhando o programa para maiores de 14 anos.

O conteúdo debochado e mal-educado do desenho não foi o fator determinante na decisão da Justiça de tirar o programa do ar em 1º de setembro. Segundo os autos do Ministério Público do Estado de São Paulo, a promotoria, representada pelo Dr. Luis Antonio de Sampaio Arruda, alegou a falta de indicação classificatória de horário e o juiz Daniel Peçanha de Moraes Júnior, suspendeu a exibição do programa até que ele fosse submetido a prévia classificação junto ao Ministério da Justiça.

Ainda segundo os autos da promotoria, o programa é inadequado a crianças e adolescentes em fase de formação de mentalidade e caráter porque os protagonistas apresentam comportamento reprovável e utilizam expressões de baixo calão.

Procurado pela BIZZ, o promotor proibiu que o gravador fosse ligado e repetia insistentemente que não estava dando uma entrevista e sim recebendo a revista por consideração à imprensa.

Há três anos, o mesmo juiz Daniel Peçanha de Moraes Júnior tentou embargar o jornal paulistano *Notícias Populares*.

Não conseguiu. **ROBERT HALFOUN**

A ACUSAÇÃO

Trecho do auto da promotoria em 30/08/94

"... O programa mencionado configura-se claramente inadequado a crianças e adolescentes em fase de formação de mentalidade e caráter, eis que possui, como protagonistas, dois adolescentes caricatos que, no desenrolar do programa, apresentam comportamentos reprováveis, como desrespeito aos animais – colocam um cão para que seja lavado dentro de uma máquina de lavar roupas; indução à utilização de entorpecentes – manifestam o desejo de sentir efeitos alucinógenos – "ficar chapado"; além de empregarem, largamente, palavras e/ou expressões de baixo calão, tais como: "cu", "cuzão", "bosta", "bicha", "seu merda", "bunda", "comer minas", "não me force a enfiar isto no seu cu", que apesar de proferidas em inglês, são literalmente traduzidas em legenda que aparece na tela"...

BATENDO DE FRENTE

Frente!: sucesso graças ao New Order

Quem esteve no planeta Terra nos últimos meses certamente já ouviu isso: uma versão de "Bizarre Love Triangle", dos eletrônicos do New Order, recheada de violões, num arranjo melancólico e cantado por uma menina (a vocalista Angie Liart) com voz de criancinha de pré-escola.

Os "culpados" são o pessoal do **FRENTE!**, uma banda australiana que está chegando ao Brasil, através de *Marvin: The Album*.

"Nós fizemos a versão porque amamos o New Order", confessa Simon Austin, guitarrista do Frente!. "Estávamos ensaiando e, por brincadeira, decidimos fazer uma nova versão de "Bizarre...". Graças a esse bendito ensaio, o Frente! entrou nas paradas do mundo todo – inclusive do Brasil – mas não deixou a reverência ao New Order de lado. "Em Manchester, nos recusamos a tocar essa música porque se tratava da terra deles", conta o guitarrista.

O sucesso fez o Frente! se apresentar em vários festivais nos Estados Unidos, onde tocou ao lado dos Counting Crows.

"Gostamos muito da música deles e cheguei a fazer algumas *jams* com os caras na passagem de som e no hotel", conta o guitarrista. "Talvez pinte alguma parceria no próximo álbum da gente", entrega.

OUÇA ESSA

"Se em *Murmur* eu tivesse toda a badalação que aqueles caras tiveram em *Nevermind*, eu possivelmente não estaria aqui para contar a história. Eu estaria... morto" (**MICHAEL STIPE**, idem)

"O que é mais assustador? O demônio em pessoa ou me ver indo ao seu encontro com uma arma na mão?" (**ICE-T** assustando os leitores da *Kerrang!*)

"E pensaram que o nosso amor não iria durar" (**MICHAEL JACKSON**, antes de tascar um beijão na mulher, Lisa Marie Presley, durante o *MTV Music Awards*)

"Se a gente não existisse, talvez a *Rolling Stone* se chamaria Herman Hermit's Mensal" (**MICK JAGGER**, na mesma cerimônia)

"Eu não tenho Aids, não sou HIV positivo e nunca fui e estou muito contente com isso" (**MICHAEL STIPE** do R.E.M., no semanário inglês *New Musical Express*).

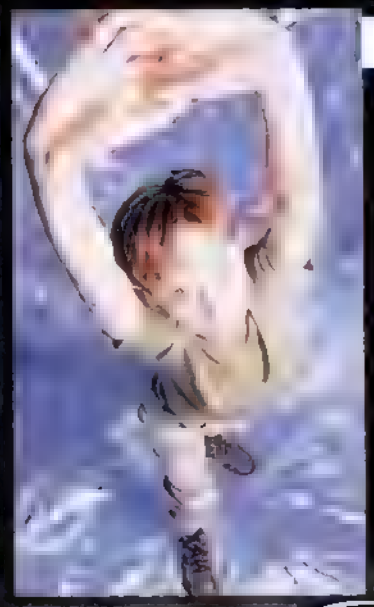
"Kurt nunca se sentiu um superstar. A única vez em que ele foi tratado como tal foi quando ele esteve no Brasil e tinha uma limusine e um guarda-costas à disposição. Foi uma badalação digna de um Axl Rose" (**COURTNEY LOVE** desabafa sobre o marido no *New Musical Express*)

"Cansei do mito 'sexo, drogas e rock'n'roll'. Bebo chá antes dos shows e levo uma vida saudável". (**MICK JAGGER**, na *Der Sipegel*)

"Não há nenhuma relação entre cocaína e criatividade. Mas eu fico bem inspirado quando tomo, ou Ecstasy" (Brett Anderson, do **LONDON SUEDE**, na *I-D*)

BONO DITADOR

O vocalista **BONO VOX** comprou por US $ 53,4 mil as roupas usadas por Charlie Chaplin em *O Grande Ditador*, que estavam sendo leiloadas pela Socheby's de Londres. Ele nem precisou ir ao local – fez a oferta pelo telefone. O uniforme – composto por uma jaqueta branca com uma suástica, as calças e o quepe – ficará exposto no *Mr. Pussy's*, um bar em Dublin que pertence aos integrantes do U2.



Drugstore

"O DRUGSTORE é uma realidade. Quando soltamos o primeiro single, a resposta foi tão positiva que hoje nós três já podemos morrer tranqüilos." Assim a baixista e vocalista Isabel Monteiro, que largou "São Paulo há oito anos", analisa a situação da "farmácia" que vicia a imprensa britânica. Após dois singles, assinaram com a Go Beat, lar do EP *Starcrossed*. Em setembro, gravaram mais 17 canções e "14 estarão no álbum que sai em fevereiro de 95". A voz de Isabel gira entre a glacialidade de Nico e a sensualidade de Marianne Faithfull e à música cria um "(in)tenso quadro impressionista que à distância é o Velvet Underground, mas é tão indefinível quanto "vida, morte e sexo".

FERNANDO NAPOLANO

VOCÊ Vai OUVIR Falar DE

Concretness

Eles já foram até classificados como "uma mistura de Kraftwerk com Sex Pistols", mas não estão nem aí com rótulos. Marcelo Maluf (bateria e voz), César Maluf (teclados), Marcos Maluf (guitarras) e Véio (baixo), o pessoal do **CONCRETNESS** gosta de afirmar que sua sonoridade vem de uma base eletrônica e influências de punk e *hardcore* – mas sem se comparar com outros grupos da área. Os caras foram uma das principais atrações do B.H.I.F., festival que sacudiu Minas Gerais no mês de agosto, e estão fazendo shows por São Paulo e interior. Contatos: (0194) 63-5424, com César. A demo do grupo custa R$ 3,00.

Patrick Pierro

notas

MADONNA cansou de ser gostosa. Em entrevista à revista inglesa The Face, a cantora disse que espera largar a imagem de mulher sexy e liberada, negou ser lésbica – gosta de homens tipo Robert Redford – e pensa em mudar de imagem. Em tempo, o novo disco de Madonna se chama Bedtime Stories e chega às lojas de todo o mundo no dia 25 de outubro. A produção foi dividida entre Nellee Hopper (Soul II Soul), Babyface e Dave Hall.

··· O padrinho **JAMES BROWN** baixou uma proibição no mundo do rap: quem usar palavrões ou letras de sacanagem não pode samplear as bases do Pai do Funk. "Sou religioso e não quero que este tipo de música seja tocada nas rádios, onde seu irmão ou irmã menores possam ouvir", declarou ele à revista americana Vibe. ··· O grupo The Pharcyde tirou os samples de Brown por causa de dois "foda", dois "merda" e uns "filhos-da-puta" nas letras. Brown também não deixou o **SALT'N'PEPPA** usar a batida de "Funky Drummer" na musica "Sexy Noises Turn Me On" ("Barulhos Sexy Me Deixam Ligada").

Um dia perfeito começa com uma barba perfeita.
E para isso, basta escolher uma das 3 versões do Creme de Barbear Bozzano.
Mentolado, para usar com pincel. Em Aerosol, numa embalagem superprática.
E para Pele Sensível, dermatologicamente testado.
Creme de Barbear Bozzano. Ainda não inventaram jeito melhor de começar um bom dia.

ENJOY IT

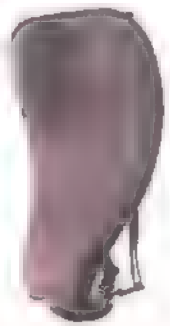
Beatles para fanáticos. Finalmente foi autorizada a reprodução da clássica "Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band" para caixinhas de música. Já existe uma versão limitada feita artesanalmente sendo comercializada por 55 dólares. Encomende por carta para The Franklin Mint. Franklin Center, PA 19091–001 EUA.

Vida em livro aberto. Marlon Brando acaba de lançar sua primeira biografia. *The Songs That My Mother Taught Me* já está nas lojas numa edição especial superluxuosa. Na obra, o ator conta desde rolos profissionais a detalhes picantes do seu romance até então nunca revelado com Marilyn Monroe. Custa 36 reais na Livraria Cultura (Av. Paulista 2073, loja 153, São Paulo. Fone: (011) 285-4033).

Volta triunfal. O primeiro modelo de guitarra com corpo sólido do mundo volta a ser fabricado. A Gibson Epiphone, criada em 1910 pelo guitarrista Les Paul, está de novo no mercado com dez anos de garantia e exatamente igual a original. Peça catalogo grátis para 1 (800) 444-2766 – EUA.

Beavis And Butt-Head em quadrinhos. É para morrer de rir! A dupla de aloprados agora também pode se consumida fora da televisão. Lançado pela Marvel Comics, *Beavis And Butt-Head's Greatest Hits* traz histórias tao divertidas quanto as da telinha. Encomende em qualquer livraria que trabalhe com importação. A Rio Books pode resolver seu problema. Ligue para (011) 949-5216 ou (021) 225-6554.

Sinta o som. A Pioneer lançou o BBS-C1 Bodysonic Pad. A caixa de som é para ser acoplada ao banco do carro e permite que além das vias normais (o ouvido!!), você sinta os graves vibrarem pelo corpo todo. A principio você acha meio estranho, mas depois de algumas horas parado em engarrafamentos, seu lombar vai te agradecer eternamente. Custa em torno de 200 dólares nos EUA. Encomende nas grandes importadoras.



CDs com estilo. A estante "pipa" é uma obra de arte. Assinada pelo artista brasileiro Alex Wiechmann, seu desenho foi inspirado nas delicadas pipas japonesas. Feita em aço zincado, é disponível em três tamanhos. Custa entre 120 e 400 reais na Utile Futile (Rua da Consolação, 3350, São Paulo. Fone (011) 853 4427).

CDs importados por telefone. Esse meio de venda é perfeito para quem mora em cidades onde não tem uma boa opção de lojas. A Cd Direct, além de colocar à disposição do cliente mais de 120 mil títulos em catálogo e as maiores novidades do mercado, entrega os discos encomendados no máximo em duas semanas. Os preços se equiparam aos produtos nacionais. Fone (011) 282-1211 ou então peça pelo sistema BBS Mandic, no qual é possível ter acesso ao catálogo, escolher e pagar diretamente pelo seu computador.

Fim da ressaca. O mix de vegetais V8 é ideal para exterminar o mal que algumas bebidas fazem no seu "amanhã". Com vitaminas (A, C) e sais minerais (sódio, potássio, cálcio e ferro), é quase uma refeição com apenas 35 calorias! Beba com muito gelo. É também um grande vitalizante e pode ser tomado antes da malhação. É leve e proporciona energia suficiente para aproximadamente uma hora e meia de "ferro". Custa em média 1,70 reais e é fácil de achar em lojas de conveniência e delicatessens.

Aerosmith interativo. O fliperama *Revolution X* é a nova coqueluche dos *playlands* no Brasil. O *videogame* tem Steven Tyler e Cia. como protagonistas e você é o franco atirador encarregado de salvá-los quando são sequestrados durante um show. Com um índice de interatividade bem legal (Steven Tyler conversa com o jogador e dá dicas de como passar os obstáculos), o jogo apresenta dezenas de fases em imagens digitalizadas – cada uma mais surpreendente do que a outra. Procure nas áreas de *games* dos *shoppings*.

Espere sentado! A cadeira dobrável de papelão da ExpoGenius pesa 950 gramas, aguenta até 400 quilos e foi projetada para ser facilmente transportada. Acessório indispensável para enfrentar filas, shows e programas-de-índio em geral. Custa 8 reais na Expo-Genius (Av. Rebouças, 1461 – São Paulo. Fone: (011) 881-3699.

As viúvas de Seattle vão adorar

O que será que Kurt pensaria ao ver sua esposa, **Courtney Love**, beijando seu amigo **Evan Dando** num quarto de hotel, e pior, com um outro homem deitado ao seu lado? Pois bem, as fotos – tiradas no dia 7 de julho, exatamente três meses após o suicídio de Cobain – estão na edição de outubro da britânica *Vox*, que afirma tê-las recebido de uma mulher que prefere manter-se no anonimato. Courtney e Dando negam, mas boatos dizem que o caso é sério. Tire suas conclusões se for capaz.

Apostando alto

Depois de ficar conhecido como um dos atores prediletos de diretores como Jim Jarmusch, os irmãos Coen e Quentin Tarantino, **Steve Buscemi** está prestes a cair no gosto do grande público. Conforme revela na edição de setembro da revista *Axcess*, Buscemi espera colher em breve os louros de seu primeiro trabalho comercial, a comédia-rock *Airheads* (*Os Cabeças De Vento*). "Meu personagem tem muitos defeitos, e pode não ser o tipo de cara com quem eu ficaria muito tempo, mas gosto dele assim mesmo".

Noites cariocas

"Quando os brasileiros fazem uma festa, ela é muito mais do que sentar nos degraus de uma escada com uma lata de cerveja e uma bacia de salgadinhos." Assim começa uma reportagem publicada na edição de agosto da inglesa *FHM* (*For Him Magazine*), sobre as noitadas cariocas e o furor sexual inerente à cidade Esse é o Rio que o mundo vê

As gatas de Melrose

Depois de um ano de sucesso absoluto nos Estados Unidos, o seriado *Melrose* – que pode ser visto aos domingos na *Globo* – reestreou em meados de setembro com tremendo alarde na mídia americana. Três das musas da série ganharam destaque em revistas americanas. **Heather Locklear**, a devoradora de homens Amanda, emplacou a capa da *Details* de outubro. Já em *Entertainment Weekly* quem aparece é **Laura Leighton** – a perdida Sydney – e a estonteante **Courtney Thorne-Smith**, que interpreta Alison.

Hélio Gomes

SATÉLITE

Pelo litoral da ILHA DE PÁSCOA, no Chile, se espalham os Moais, estátuas gigantes de pedra (a maior chega a pesar vinte toneladas), ainda um dos grandes mistérios do planeta.

Além de sentir "na pele" o inédito clima astral da ilha, quem visita o lugar convive com a falta de resposta com o que acontece e aconteceu por lá: como é possível que os habitantes nativos tenham levado os Moais da cratera do vulcão Rano Raraku, onde eram esculpidos, até os pontos mais distantes dos 180 km² da ilha?

Mas visitar a Ilha de Páscoa é mais do que ficar intrigado com o mistério dos Moais. Existem ainda praias e vulcões com visuais alucinantes e o convívio com o povo nativo que leva uma vida carregada de misticismo. Ao entrar em casa de noite, todo ilhéu caminha de costas, para não dar de cara com os espíritos dos mortos que vagam eternamente pela ilha.

Vôos semanais saem de Santiago. Recomenda-se levar amuletos para entrar em sintonia com o clima sobrenatural.

Felipe Zobaran

Esquina da Ilusão O melhor lugar para ver e ser visto na cidade é o SHARK CLUB. Tem muita gente jovem e bonita e o som que rola por lá transita entre techno, alternativo e as noites especiais que resgatam a disco music dos anos 70. Essas são as quentes! O visual da casa é formado por quatro telões que mostram imagens de tubarões brancos "em ação" (foto). Fica na Harmon Avenue, 75 E. Fone: (702) 795-7525

Patins, com uma "lâmina" de rodas, chamados *ROLLER BLADE*, são a nova mania da cidade. Os nova-iorquinos trocaram os ônibus e taxis, usando os patins como meio de transporte. Alguns malucos chegam até a pegar carona em carros se segurando no lado de fora da porta ou no pára-choque (foto). Até agora, o índice de acidentes não é tão grande quanto se imagina.

A BOOK SOUP/ NEW MEWS é uma verdadeira Meca do papel pintado. Ratos de livraria e de banca de revistas não podem deixar de conhecer. O lugar é uma combinação de livraria com seções de todos os gêneros (não deixe de checar a de musica e a de cinema) e banca de jornal atualérrima. E ainda perigas esbarrar em clientes assíduos, como Al Pacino, Leonard Cohen e Slash (foto) - sim, ele já aprendeu a ler. Fica na 8818, Sunset Boulevard.

J.E. Rondeau

O B-BAT é o mais clube da Dinamarca Ele pesa pouco e só cabem até 700 pessoas e rola o que há de mais transado e atual no cenário dance mundial. O design da casa é futurista, inspirado no filme *Blade Runner*. Com a onda de acid jazz, o clube tem promovido algumas noites com performances ao vivo de jazz e de rap no segundo salão da casa, com capacidade para 400 cabeças.

Fica bem no centro da cidade, na Gothersgade, 8C. Funciona quinta, sexta e sábado das onze às sete da manhã. Entrada: 40 coroas.

O melhor lugar da capital italiana para gastar as horas do final do dia é o BAR DELLA PACE. O ambiente tem uma mistura genial do chique clássico com o brega totalmente *kitsch*. São souvenirs para turistas pregados na parede e flores de plástico mescladas com colunas greco-romanas, móveis e prateleiras em madeira de lei e tampo de mármore nas mesas. Alem de comidas leves com base na cozinha mediterrânea, músicos fazem apresentações ao vivo com o melhor do jazz. É claro, não é o lugar que pode-se considerar barato. Fica atrás da Piazza (praça) Navonna na via della Pace.

Cerca de 800 a 1.100 pessoas circulam por noite no HOJO CLUB, um dos clubes mais completos da cidade. Foi lá que surgiu o termo *dancefloor jazz*, atualmente difundido no resto da Europa. Às quarta-feiras o quente por lá é a poesia e as apresentações de bandas. No resto da semana rola muito som dançante e azaração a valer. Entre os hits da casa – acredite – estão Marcos Valle e Edu Lobo com batida dançante.

O clube tem ainda um bar anexo com entrada franca. O JAZZ CAFE (foto) funciona das 22h às 3h, onde acontecem *jams* de jazz, além de som ambiente.

Fica na Reeperbahn 1. Quartas, sextas e sábados das 23h às 7h. Entrada: 9 marcos.

C. Ruiz

O CARNAVAL de NOTTING HILL acontece todo ano (desde 65), no último fim de semana de agosto. Londres vira uma festa. Milhares de pessoas enchem as ruas do bairro de Notting Hill para festejar o maior Carnaval de rua da Europa.

Gladiadores romanos, faraós egípcios e guerreiros zulu se misturam a *rovers* e turistas para um acontecimento verdadeiramente multirracial.

De um lado há o desfile de blocos e carros alegóricos pela avenida principal, Ladbroke Grovel. Do outro, a verdadeira festa de rua em mais de 50 *sounds systems* diferentes, 300 barracas de comida de várias partes do mundo e palcos com música ao vivo espalhados pelas ruas do bairro.

Este ano o Carnaval bateu recordes. Apesar da reputação de lugar perigoso, apenas 62 pessoas foram presas. No domingo compareceram mais de 200 mil pessoas, na segunda-feira (feriado britânico), um milhão de foliões comeram, beberam e dançaram. Além do calypso, ouviu-se soca (uma mistura de soul com calypso), muito reggae e ragga (a All Saints Road manteve sua reputação como melhor lugar para os fãs do gênero) e samba, com a presença da London School Of Samba e Quilombos Do Samba. O *jungle* (a nova febre londrina), como previsto, invadiu quase todos os *sound systems*, principalmente na St Luke's Road.

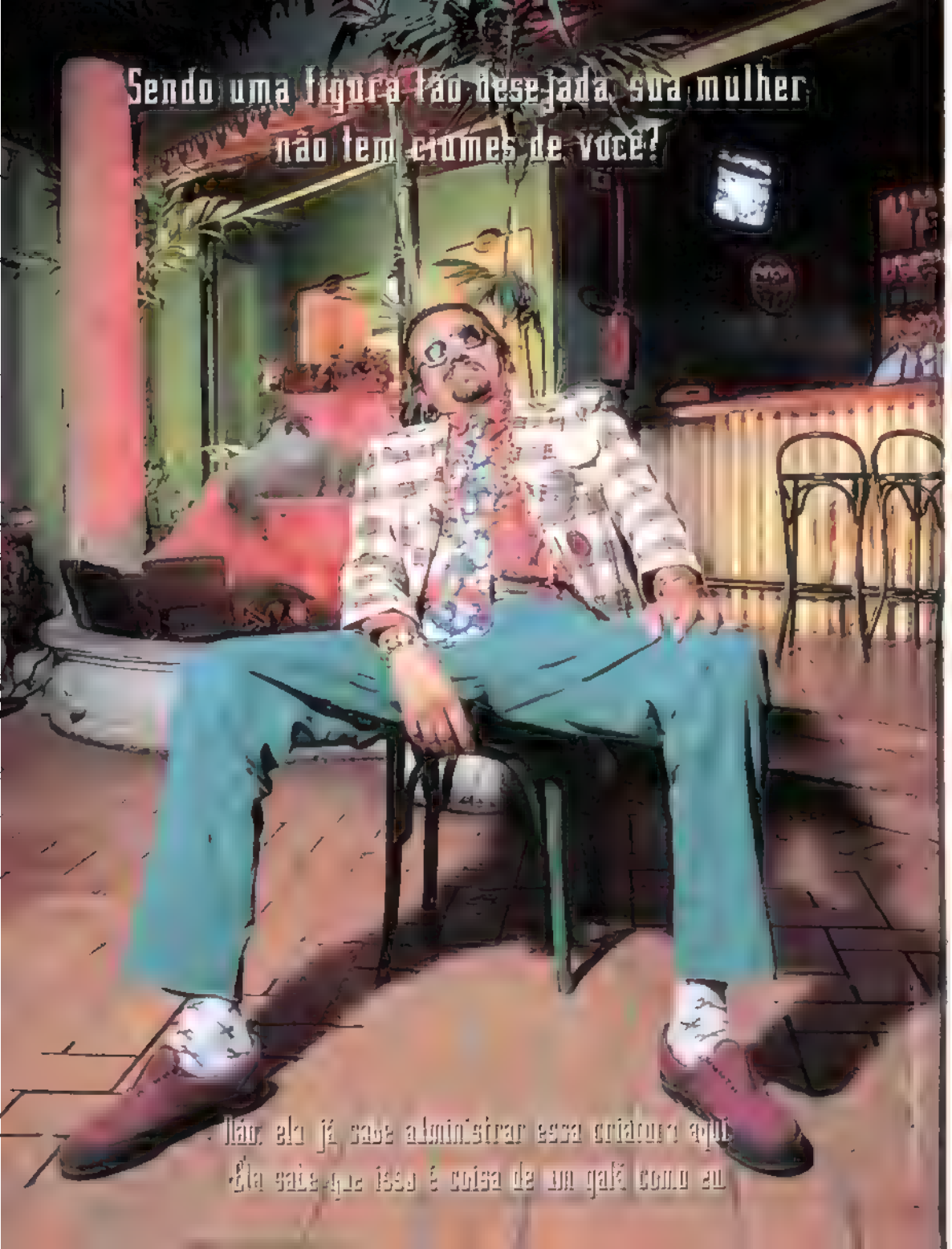
• Para quem quiser participar do Carnaval de 95 quando os organizadores prometem uma festa especial para comemorar os trinta anos do evento, ele acontece nos dias 27 e 28 de agosto.

• Notting Hill fica no oeste de Londres, pertissimo do centro. As principais estações de metrô são Latimer Road, Notting Hill Gate, Royal Oak e Westbourne Park.

• Os preços são mais altos que em dias normais e a polícia avisa que a venda de álcool na rua é ilegal.

• Começa meio-dia e termina assim que escurecer.

Anamaria Lemos



10 + 1 perguntas para FALCÃO

Uma grande dificuldade ao se entrevistar Marcondes Falcão Maia, um cearense nascido em Pereiro há 36 anos, é perceber quando ele fala a verdade ou parte para a gozação. Falcão dispara suas frases malucas ao mesmo tempo em que entra num papo sério. O cantor nordestino e símbolo sexual ataca as paradas com seu disco *O Dinheiro Não É Tudo Mas É 100%*, entoando letras "sábias" como "Prometo Não Ejacular Na Sua Boca" ou transformando a brega "Fuscão Preto" em "Black People Car" num inglês "shakespeariano". Falcão, que digamos, não é o Keanu Reeves, se diz assediado pelas mulheres e quer se eleger presidente do Brasil pelo PCB do B (Partido dos Cornos e Bregas do Brasil)

Como nasceu *O Dinheiro Não É Tudo Mas É 100%*?
Eu estava saindo da Continental (onde fez *Bonito, Lindo E Jovem*, em 91) e decidi bancar meu próprio disco. Até que um dia o Fagner apareceu e disse: "Vou te levar para a BMG-Ariola". Ele chamou o Robertinho Do Recife para a produção e até hoje não sei por que eles caíram na besteira de fazer isso. O título saiu da esculhambação geral que acontece no Brasil. Se tivesse o real na época em que pensei no disco, eu sairia com um real na capa. Vale mais.

Estão surgindo muitos valores humorísticos que são cearenses. Além de você há o Tom Cavalcante, Zé Modesto (ambos da *Escolinha Do Professor Raimundo*). Existe algum tipo de Clube Dos Bregas?
O Ceará hoje em dia vive uma onda de bregas. Eu sou mais pelo lado musical, mas há pessoas de teatro e de televisão fazendo isso. Há outros que fazem música, como Laulitinho Brega, que canta bregões clássicos. Sobre o Zé Modesto, eu costumo chamá-lo de "irmão do Falcão".

Como foi a história de você se candidatar a presidente?
Eu tenho um partido chamado PCB do B (Partido dos Cornos e Bregas do Brasil) e me candidato em tudo que é eleição. Fui candidato a rei, a prefeito de Fortaleza e agora a presidente. Sou uma alternativa para essa verdadeira legião de cornos e bregas desse meu Brasil. Eles já têm em quem votar.

Qual sua plataforma de governo?
Primeiro, vou lançar a Declaração de Direitos do Corno. Diz que todo o corno tem direito de ser tratado como gente. Inclusive tem um lema entre a gente, que agora foi redigido numa linguagem mais técnica: "toda pena idade imposta a um ser humano do sexo masculino cuja fidelidade conjugal tenha sido abruptamente subtraída, mesmo assim ainda é ineficiente". Resumindo: todo castigo para corno é pouco.

Os cornos terão uma espécie de sindicato?
Pretendo fazer uma Confederação do Corno. No meu governo, ele vai ser legalizado e vai virar um "estado de espírito". Podemos colocar no registro civil do sujeito, na carteira de identidade que ele é corno. Isso vai facilitar a vida da pessoa. Se o cidadão chega numa empresa procurando um emprego e o chefe também é corno, é lógico que ele terá prioridade.

Em quem você se inspirou para escrever "As Bonitas Que Me Perdoem Mas A Feiura É De Lascar"? Na letra dessa música você diz que um analista pediu para que você o comesse. Como é essa história?
Depois que eu reacendi a carreira do Waldick Soriano com "I'm A Not Dog No", eu sonhei com Vinicius De Morais. Ele se queixava para mim que a obra dele andava esquecida. Pensei em fazer uma música em francês, mas escrevi uma letra original, parafraseando a famosa frase do Vinicius.
Agora o analista: como sou um cara fisicamente muito cobiçado, tenho muitos fãs que chamo carinhosamente de "falconetes". Esse analista "anda de marcha a ré", gostou da personalidade e me queria de qualquer maneira. Mas eu dei um jeito de decorar ele na mão.

Você acha que as pessoas que ouvem o seu disco ficam mais inteligentes?
Claro! É um disco didático, feito para ensinar as pessoas através de humor e da irreverência. Faço uns boleirões, umas valsas para o povão. Eles acham que sou um Frank Sinatra, um Julio Iglesias, querem me rasgar todo. Devo perder umas trinta cuecas por mês. E os jovens gostam de mim porque, apesar de não ser roqueiro, eu tenho uma certa irreverência – marca registrada no rock.

E o que você achou do Ciro Gomes assumir o Ministério da Fazenda?
Acho bom. Só estou me escondendo porque tenho medo que ele me chame para ser assessor dele. Dizem no Ceará que ele anda me procurando. O Ciro Gomes é um cara novo, não tem rabo preso e vai fazer uma boa administração.

Uma das suas grandes características é a "dança do jegue", não?
Foi uma dança que eu inventei baseada nos movimentos sensuais do jegue. Mas eu observei de longe, porque eu não sou bobo de ficar espiando um jegue excitado de perto.

O Falcão hoje em dia faz sucesso no mundo todo?
Sem duvida. Inclusive o Paul McCartney entrou em contato comigo para fazermos os New Beatles. Era eu, ele, Agnaldo Timóteo e Genival Lacerda. O projeto só não deu certo porque houve chiadeira por parte da Linda McCartney.

UM OLHAR BRASILEIRO

NOS HORRORES DA GUERRA

O DEPOIMENTO E FOTOS
EMOCIONANTES DE
LEAO SERVA,
UM JORNALISTA QUE
COBRIU DE PERTO
OS CONFLITOS NA
BÓSNIA, SOMÁLIA E ANGOLA

Fotos tiradas dentro de um avião bombardeiro, onde não se pode usar flash

Imagine deixar o vidão de jornalista em Londres para cobrir guerras. Trocar um dos maiores pólos culturais do mundo por locais onde as pessoas são esqueléticas devido a falta de proteínas, moram em ruínas – que um dia foram locais perfeitamente habitáveis – e desviam de franco-atiradores como se eles fossem carros em alta velocidade. Para alguns, essa idéia nunca lhes passou pela cabeça. Outros apostam na importância histórica da aventura. O jornalista Leão Serva, 34 anos, escolheu a segunda opção e passou boa parte de seus dois anos como correspondente internacional cobrindo conflitos na Bósnia, Angola, Somália, Moçambique, Kuwait e Irlanda do Norte. Seus diários de guerra, a princípio publicados na *Folha De S. Paulo*, já lhe renderam uma exposição de fotos, um livro – *A Batalha De Sarajevo*, recém-lançado pela editora Scritta. Leão ainda pretende publicar suas aventuras na África em forma de crônica. "Quero pegar histórias que eu vivi e não vivi e fazer uma espécie de retrato do continente."

O primeiro problema de quem cobre uma guerra, segundo Serva, são os custos. "O preço é absurdo. O dia de um motorista-guia, dependendo do lugar e do motorista, é de 100 a 150 dólares. Um tradutor custa mais ou menos 50 dólares. Em Sarajevo, a diária do hotel Hollyday Inn – todo destruído – sai por 88 dólares" explica.

Os tempos de guerra ainda trouxeram outros aprendizados ao jornalista. Leão Serva foi um adolescente hippie. "Eu ia de carona para os cantos mais pobres do Brasil", lembra ele – que se transformou num chefão da *Folha De S. Paulo*. Chegou a ser o segundo homem no comando do jornal. Na guerra, essa qualificação teve tanta importância quanto um par de óculos de grau para o Ray Charles. E Serva achou isso o máximo. "Não me ajudava nada ser um chefão da *Folha*, um lobo de imprensa. Se eu dissesse isso para um croata, ele diria 'grande merda'. Me despi da minha prepotência e retornei à minha adolescência, correndo para não levar um tiro, andando de carona e vivendo de uma forma onde o seu único patrimônio é a sua própria cabeça", conta ele. "Uma das melhores sensações do mundo eu tive na Somália, onde fui obrigado a acampar porque todos os hotéis estavam lotados. Um cara começou a alugar colchões no saguão. Me vi no meio de uns trinta jornalistas, cada um com uma história de poder na imprensa de seu país, todos fodidos e comendo uma merda de comida."

Acumulando as funções de repórter e fotógrafo, Serva ainda chegou a "travar" com os horrores da guerra. "Na Somália eu fiquei mal ao ver um bebezinho coberto por um lençol. Ele estava vivo, mas tinha diarréia e podia morrer. Travei também num hospital diante de uns corpos com ferimentos muito graves. Em Moçambique, fiquei muito triste ao ver meninos esqueléticos nas aldeias, com aquele umbigão. E eles falam português. Isso para mim foi mais chocante ainda."

MAD MAX PERDE

Leão Serva já havia visitado a Bósnia em 87, quando fez reportagens sobre as aparições da Virgem Maria em Medjugorje. Porém, o que ele encontrou em agosto de 92 e março de 93 foi uma cidade completamente em ruínas.

Segundo Serva, a cidade parece o cenário de um filme da série *Mad Max*. Não há um edifício que não apresente um sinal de destruição – seja por bala, bombas ou incêndios. As ruas da cidade estão apinhadas de destroços de carros e projéteis espalhados pelo chão. "Eu tenho uma coleção de projéteis em casa" revela o jornalista.

Como não há coleta de lixo, as pessoas põem fogo nas tranqueiras de tempos em tempos, deixando uma sensação de desolação e uma fumaceira enorme pelas ruas da cidade. A única fonte de alimento são os comboios da ONU (Organização das Nações Unidas), que levam comidas não perecíveis – macarrão, por exemplo – ao povo da cidade. Porém, a falta de proteínas nesses alimentos deixa-nas com uma aparência esquelética. "Os que não são assim pertencem às milícias, contrabandeiam comida."

A guerra trouxe um outro tipo de "paisagem" a Sarajevo: as placas que avisam da presença de franco-atiradores. Eles saem atirando a esmo nas pessoas, não importa se ela for sérvia, muçulmana ou croata.

"É um aspecto cotidiano do retrato da cidade. Em todo lugar que haja risco de franco-atiradores, as pessoas escrevem as placas para que os outros não deixem de prestar atenção", diz o jornalista. "Para atravessar uma rua, a pessoa se porta como um carioca prestes a cruzar a Avenida Brasil: ela pára, olha para os lados, respira fundo e sai correndo. E sempre passa uma bala, é quase um susto porque tudo acontece muito rápido. Para um franco-atirador, é quase impossível acertar alguém que esteja correndo."

Soldado na Somália, pronto para o combate (acima). De comerciante a carrasco, o muçulmano Pushkari se prepara para atirar nos sérvios (abaixo)

Os franco-atiradores também deixam seu rastro de medo na casa dos cidadãos e dos jornalistas. "Não se podia abrir as cortinas do quarto ou acender a luz porque um franco-atirador podia te acertar", conta. "Meus textos eram escritos na penumbra."

PEDRADAS NA SOMÁLIA

As lembranças que Leão Serva tem da Somália são a de um povo morto de fome e esperando alguma "marcada de touca" do jornalista para roubá-lo. "Desci no aeroporto com somalis armados até os dentes e sem que ninguém soubesse o que é a *Folha*. O máximo que eles conheciam do Brasil era o Pelé", conta Serva. "O problema da Somália é a fome. Você imagina um bando de jornalistas circulando pelas ruas da cidade com um colete à prova de balas de mil dólares e esse pessoal morto de fome. Então eles querem aquilo lá." Quem reage a uma tentativa de assalto é "brindado" pela multidão com pedradas.

Por duas vezes tentaram me roubar. Na primeira, o meu motorista, que era somali – e que depois do incidente começou a andar armado –, me defendeu. Quando vi, minha carteira estava lá longe com um menino. Consegui pegar o garoto e recuperar a carteira, então a massa veio toda para cima de mim. Vim correndo sob pedrada." A segunda tentativa de roubo foi ainda mais forte. "Era um garoto da altura do meu joelho, com uma faca maior do que ele e tinha um olhar que eu nunca vou me esquecer no mundo. Ele me mataria tranquilamente. De novo nos saímos debaixo de pedrada."

A água da cidade é contaminada. 'Você tem de levar toda a água que você vai beber. Quando acabou a minha, pensei em beber água com limão para matar os bichos. Não mata nada. Tomei um copo de limonada feita no hotel e tive a maior diarréia da minha vida."

MORTE À VISTA

Serva cita Titãs para falar do perigo de morrer no meio da guerra. "É aquela sensação do 'não tenho tempo a perder', de que a gente pode rodar a qualquer momento", lembra. "Em Sarajevo eu corri um perigo real de vida. Saí da cidade guiando um carro alugado, em meio a uma ofensiva dos muçulmanos. Por muita sorte nada ocorreu enquanto atravessei. A travessia foi tão tensa que pedi escolta para um policial sérvio. Ele concordou, desde que eu fosse primeiro ao quartel. Quando cheguei lá, vi que o local estava sendo atacado. Um atirador disparou contra a gente, mas ele errou. Os tiros passaram por cima do carro; eu ouvi o zumbido, andei e me protegi."

Em Angola, o problema foi a falta de diplomacia. "Soubemos que uma região chamada Caxito havia sido tomada pela Unita (*movimento guerrilheiro*) e fomos até lá para visitar a cidade. Achamos que alguém pediria documentos, revistaria o carro e nos deixaria atravessar, como acontece na Iugoslávia. Mas eles eram guerreiros tribais, menos informados de como funciona esse tipo de coisa. Quando nos viram, nos prenderam porque acharam que estávamos fotografando por ordem do governo. Ficamos retidos durante seis horas e só nos soltaram porque deixamos todo nosso material com eles. Até a Rede Globo teve que deixar uma câmera."

Durante o conflito, Serva conta que a confusão sobrou até para o motorista que os levou para Caxito. "Trata-se de uma guerra tribal. Todos eles são guerrilheiros e negros e o nosso motorista também era negro e de Luanda, então supostamente estaria do lado do governo. O guerrilheiro perguntou: 'Vocês são de onde?' E dissemos que éramos jornalistas brasileiros. Aí o motorista falou: 'Eu sou angolano, de Luanda'. Imediatamente o soldado pegou o revólver, pôs na cabeça do motorista e engatilhou a arma. Nós todos gritamos e o outro soldado disse 'Não' e segurou o braço do outro – e o homem não atirou. Ele falou para nós prosseguirmos, mas queria o motorista para prestar depoimento. Nosso guia foi levado para um casebre que estava totalmente sujo de sangue – ou haviam matado alguém ou torturado, porque o sangue estava ainda úmido. O motorista, então, começou a conversar em dialeto, provando ser de uma tribo que não apoiava o governo de Angola. E acabou solto pelos soldados. Esse também foi um momento de grande tensão porque, embora não tenha sido dirigido a mim, poderia ter se tornado muito trágico se tivessem."

Sergio Martins

Dois somalis sentados em destroços que um dia foram um aeroporto

Pai e filho caminham na "alameda dos atiradores", na Bósnia (acima). Um dos vários retratos tristes da guerra: as portas dos prédios têm editais anunciando a morte dos moradores (abaixo)

Soldado usa de muita força e pouca diplomacia para dispersar tumulto entre os somalis

"DE ONDE VOCÊ É?" O GUERRILHEIRO ANGOLANO CONFUNDE O MOTORISTA COM UM LÍDER DO GOVERNO E APONTA O REVÓLVER PARA A CABEÇA DELE

Uma esperança de salvação dos somalis: os soldados americanos desembarcam no país

Cena cruel: meninos famintos e doentes morrem de fome e diarréia nos campos da Somália

NA SOMÁLIA, OS HABITANTES, MORTOS DE FOME, ESPERAM UMA "MARCADA" DO JORNALISTA PARA BATER SUA CARTEIRA

SERVA EXPLICA O PORQUÊ DE TANTAS GUERRAS

O ponto que une as regiões onde Leão Serva fez sua cobertura jornalística – e assunto de seus livros – é que todas foram conquistadas por grandes impérios. Estes, por sua vez, fundaram suas cidades e países e juntaram diferentes povos e tipos de etnias

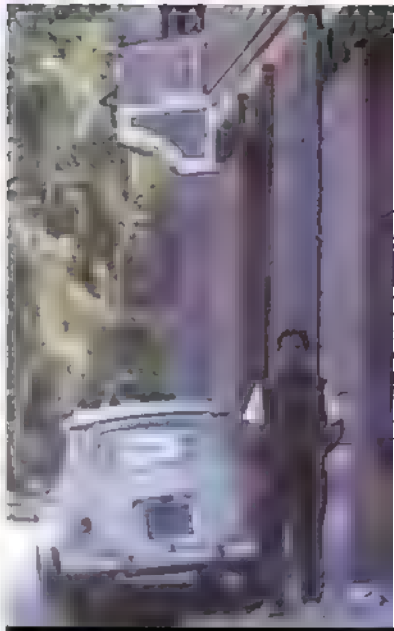
"Moçambique, por exemplo, é uma 'aberração' de Portugal", diz Serva. "As fronteiras daquele país são só os limites até onde os portugueses conseguiram chegar. Dentro desses limites, eles conquistaram regiões que se dividiam em tribos. Cerca de quarenta tribos. Quantas línguas tribais existem nessa região? 35. Todos esses povos falam uma língua tribal, o português e o inglês", diz. Pior: estas tribos não têm o que se possa chamar de uma convivência pacífica. "E há sempre oposições entre essas diferentes tribos e etnias."

O mesmo acontece na Bósnia. "Sérvios, croatas e eslovenos foram se misturando ao longo dos anos. Os sérvios fugiram dos turcos em 1300 para a região dos croatas. Hoje os sérvios são minoria em seu lar. Suas terras são habitadas pelos albaneses, de origem muçulmana, e croatas", explica. Assim que os países foram conquistando a sua independência, eles resolveram colocar para fora velhas rixas.

Há locais onde a intriga foi criada pela própria dominação dos europeus. "O que é Ruanda? É um país onde a minoria étnica dominava a política do país. Eram os descendentes dos etíopes, que formavam uma elite econômica e política. Aí chegam os belgas e franceses e dominam essa região, e instigam a maioria contra a minoria. Nunca mais os africanos conseguiram restaurar o equilíbrio anterior."

O caso da Somália parece ser o mais "perdido" entre todos do continente africano. "Ela sempre foi considerada o país mais viável da África – só possui uma etnia. Todos são somalis, falam a mesma língua e a maioria é muçulmana. Mas o problema não é tribal, é dos clãs, e de fato esse era um país que já estava em desequilíbrio quando os europeus chegaram lá. A Somália é hoje exatamente o que era há cem anos."

E há esperança para esses países? "Parece horrível, mas a solução será a imposição de um poder colonial centralizado. No caso dos sérvios e croatas, eles só estiveram em harmonia sob um império mais forte, seja o de Tito (*ditador da Iugoslávia, morto em 80*) ou da Áustria. Tendo a achar que não há muita esperança para esses países."



Leão Serva em Sarajevo (acima). Um aviso de paz cercado de bombas por todos os lados (abaixo)

Sangue e Cerveja

Da esquerda para direita: Paul Bostaph, Kerry King e Tom Araya

por Robert Halfoun & Carlos Eduardo Miranda

Fotografia: Rui Mendes

Enquanto a imprensa brasileira em peso disputava alguns minutos com o SLAYER, a BIZZ quebrou o protocolo e convocou a banda para, ao invés da tradicional entrevista, uma conversa numa típica churrascaria rodízio daqui, onde mostramos aos gringos como se come carne de verdade. É claro que Kerry King & Cia. não tiveram como fugir da raia. Resultado: o rega-bofe, poucas horas antes da banda se apresentar no festival Monsters Of Rock, rendeu uma hora e meia de muita carne, álcool e um longo bate papo com cardápio variado: mulheres, grana, música, chimarrão e outras coisas "pouco adequadas para esse horário".

Na aventura fomos eu, mais o fotógrafo "ligadão" Rui Mendes e o jornalista e diretor do selo Banguela, Carlos Eduardo Miranda que, além de conhecer tudo sobre a banda, é gaucho e deu dicas precisas sobre o seu passatempo predileto: encher a pança de churrasco

As quatro figuras que apareceram no restaurante, com uma hora de atraso (resultado de uma bateria de micro-entrevistas para outros veículos no hotel), embora a princípio tivessem caras de poucos amigos, eram pessoas extremamente atenciosas e muito a fim de falar. Mais: estavam mortos de fome.

O restaurante estava lotado (era sábado à tarde) e o barulho e a confusão tradicional desse tipo de lugar era tão grande que sequer deu para os outros frequentadores "normais" da casa perceberem que alguns caras nada familiares tomavam de assalto uma mesa para treze pessoas. Só os garçons que estranharam nosso modesto visual e ameaçaram um zum-zum-zum.

Ao tomarmos nossas posições à mesa, eu tinha Paul Bostaph (bateria), Kerry King e Jeff Hanneman (guitarras) à minha frente, Tom Araya (baixo/vocais) à esquerda e o Miranda à direita. O Rui, como bom fotógrafo, sentava à cabeceira. O primeiro anúncio (e o melhor!) que fizemos aos caras foi como funciona o sistema da casa: "Aqui se paga um preço fixo e come-se até cair". Embora a BIZZ patrocinasse o encontro, mal deu tempo para eles entenderem que história era aquela e alguns espetos com picanha, maminha e outros cortes já choviam sobre os pratos. Eles não acreditavam no que viam. Na "gringolândia" não se pratica esses abusos gastronômicos nem em centenas de anos. Rolava muita cerveja e entre uma garfada e outra, Tom tentava ressuscitar o seu lado latino (o cara é chileno) e perguntava sobre a pronúncia das palavras que ele lia na BIZZ. Enquanto Miranda barbarizava na explicação sobre cada tipo de corte de carne e como se dar muito bem numa churrascaria rodízio *(veja quadro à frente)*.

Foi nesse momento que o peso bateu à nossa consciência e o Miranda tratou de explicar rapidinho que aquela comida era muito perigosa para um dia de agito. Tudo que não queríamos é que o Slayer se apresentasse abaixo da sua capacidade máxima no show que rolaria mais tarde.

Jeff seguiu o conselho dele de forma exagerada e embora garantisse que não era vegetariano, não colocou nem um só pedaço de carne na boca. Ficou apenas tomando cerveja. Provavelmente, devia ter aprontado alguma na noite anterior.

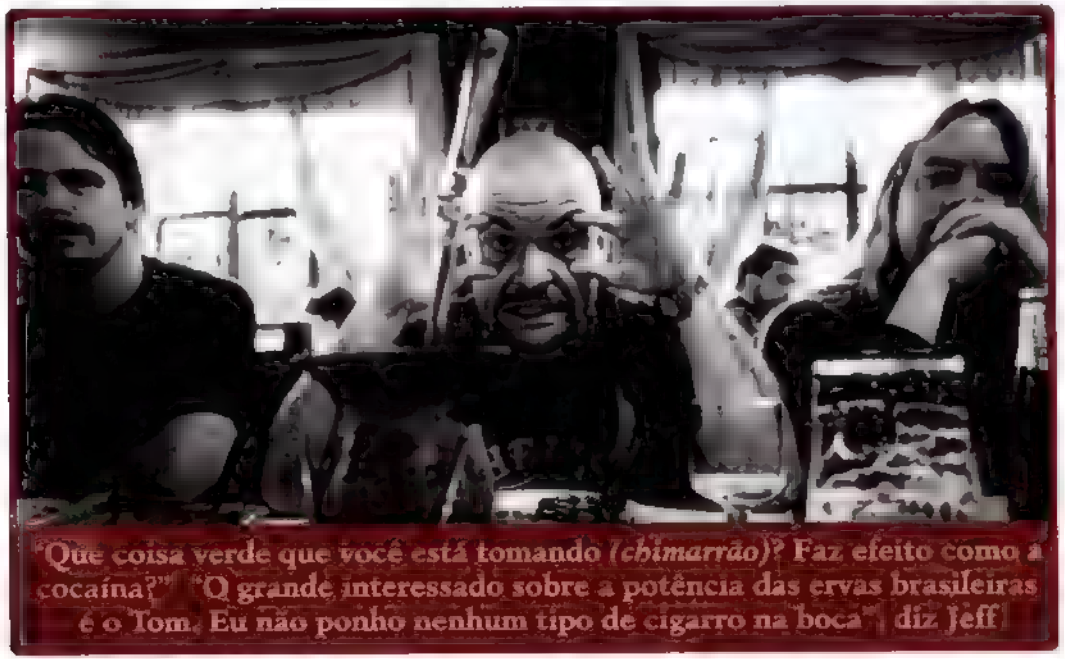
MULHERES E CONVERSA SÉRIA

Os caras mostravam uma satisfação explícita estampada nos olhos. Enquanto Paul estava saboreando todos os tipos de carne, Kerry se encantava com batatas, mandiocas, bananas e outras coisas. O primeiro bom assunto foi mulheres. "Aqui em São Paulo, nós vimos umas meninas bonitinhas, mas ouvimos muito a respeito das cariocas", arrisca Kerry. "São as mais bonitas do mundo", completa Miranda. Ainda no papo sobre garotas, descubro que Kerry é casado – porem "galinha" – e Tom é o "come-todas" da banda. "Acho que é o sangue latino", inveja Jeff. Do Rio para Los Angeles, lamentamos a morte da atriz pornô Savannah.

Daí, aproveitei para emendar algumas perguntas mais sérias para Kerry, que já tinha deixado bem claro que era ele quem respondia pela banda. O clima ficava perfeito: as cervejas já tinham lhe subido à cabeça e falamos como velhos amigos.

Afinal, por que o Dave *(Lombardo, o ex-baterista)* saiu da banda?
Definitivamente não foi pela música. Ele é um bom baterista, gosta do som da banda, mas tivemos problemas pessoais sérios.

Que tipo de problemas?
Pessoais. Jornalistas já me fizeram essa pergunta e eu os mandei pastar. Como quem tinha que pastar por aqui já está em pedaços sangrando no meu prato... O Slayer é uma banda que os fãs se interessam pelo som e por tudo que se relaciona com ela. Não vamos lavar roupa suja em público.



"Que coisa verde que você está tomando *(chimarrão)*? Faz efeito como a cocaína?" "O grande interessado sobre a potência das ervas brasileiras é o Tom. Eu não ponho nenhum tipo de cigarro na boca", diz Jeff

Foi o Dave que optou por sair ou...
Ele foi chutado do grupo.

Quatro anos parado sem lançar nada ou se manifestar em público. Vocês devem ter ficado ricos para ficar sem trabalhar tanto tempo.
É, ficamos. Nós participamos do Monsters Of Rock em 92 e fizemos investimentos particulares que seguraram a nossa onda. Ganhamos o suficiente para vivermos com bastante conforto.

E agora está acabando a grana...
Voltamos porque achamos que está na hora. Não tem nada a ver com dinheiro. Preciso colocar os demônios para fora. O thrash metal estava ficando muito chato.

Então você concorda que o estilo está acabando.
É óbvio. o Slayer é o *headline* do thrash metal e as bandas seguem o que fazemos. Visto que ficamos tanto tempo parados, é normal que o estilo vá para o ralo.

O álbum mais recente de vocês, *Divine Intervention* é uma espécie de *Reign In Blood II*: rápido e agressivo.
É, essa foi uma opção pessoal minha. Acho que precisávamos dar uma sacudida no mercado. Enquanto todo mundo lança CDs enormes com até setenta minutos, com som lento e pesado, tipo Metallica, temos um disco com só 34 minutos de porrada alucinante. Tem gente criando dois ou três *riffs* e ficam repetindo as bases por cinco, seis anos *(brincando)*. É o tipo de música "xaropante", para tocar em elevadores.

Teve uns caras na Noruega que estão levando o satanismo das músicas a sério e andaram queimando umas igrejas por aí.
Essa gente tem cabeça fraca, não sabe o que fazer. Esse negócio de satanismo já era uma piada desde o começo dos anos 80, imagine hoje em dia.

Eu estou sabendo que vocês estão bem preocupados – aliás como todas as grandes bandas de rock que estão voltando – com todo o marketing que existe a respeito do grupo.
O Slayer não é uma banda que se preocupa com esse tipo de coisa. A verdade é que estamos sem um contrato internacional e convém para nós que *Divine Intervention* seja distribuído internacionalmente.

NA GANDAIA DA VIDA

Miranda entretia o resto da banda e contava que o Brasil é um país de "gandaia" e que os caras se divertiriam muito por aqui. Intrigado, Jeff quis saber que negócio era aquele da tal "gandaia". "Animal party", completou Miranda, que aproveitou a deixa para perguntar se eles conheciam uma história sobre a música "In-A-Gadda-Da-Vida", do Iron Butterfly. – o Slayer fez uma versão dela para o filme *Less Than Zero* (*Abaixo De Zero*). E contou: "O Iron Butterfly declarou que eles se referiam ao R o no seu épico progressivo de 68 e que o nome era uma tentativa de traduzir algo como "Na Gandaia Da Vida". Kerry e Jeff fizeram uma cara de "êh, o que esse bras leiro maluco está inventando?"

Miranda se vingou levando os caras para conhecer o frigorífico, certo de que a visão dos bichos mortos acabasse com o apetite deles

Miranda se vingou imediatamente com uma sugestão radical: que o Rui Mendes levasse os caras para conhecer o frigorífico e a churrasqueira, contando que a visão daquele monte de bichos mortos acabasse com o apetite deles.
Quando o Slayer voltou para a mesa, já devidamente amortecidos pela carne, eu tinha trocado de lugar com o Miranda, que se colocou ao lado de Tom. Antes mesmo de Tom demonstrar todo o seu interesse pelas bandas brasileiras, Miranda voltava com a história do Iron Butterfly. Dessa vez teve inesperado sucesso. "Isso realmente faz sentido", disse Tom, "muito mais do que as outras explicações que me deram."

PARA FICAR LIGADÃO

Nessa altura, algumas cuias de chimarrão espalhavam-se pela mesa. "Que coisa verde é essa que você está tomando?", perguntou Jeff. Como mestre no assunto, Miranda deu sua resposta: "É um ligante natural gaúcho, forte como bom café". "Faz efeito como a cocaína?", mandou Jeff. A galera deu risada. Kerry fez piada e disse que o Rui devia tomar aquilo no café da manhã (enquanto isso, o fotógrafo "ligadão" não parava um minuto, pegando todos os ângulos dos caras). Junto da resposta negativa, vem um toque sobre a potência de outras ervas das terras brasileiras. Jeff imediatamente diz que nem ele, nem Kerry fumam absolutamente nada, que no assunto Tom é o grande interessado.

Já eram quase seis horas da tarde e o assessor Michael Mazur avisou que o recreio tinha acabado. Os caras tinham que ir para o estádio do Pacaembu para se prepararem para o show.

NOTA DA REDAÇÃO:
Um mês depois desta reportagem, o Slayer assinou um contrato internacional com a BMG-Ariola. Divine Intervention só no Brasil no final de outubro.

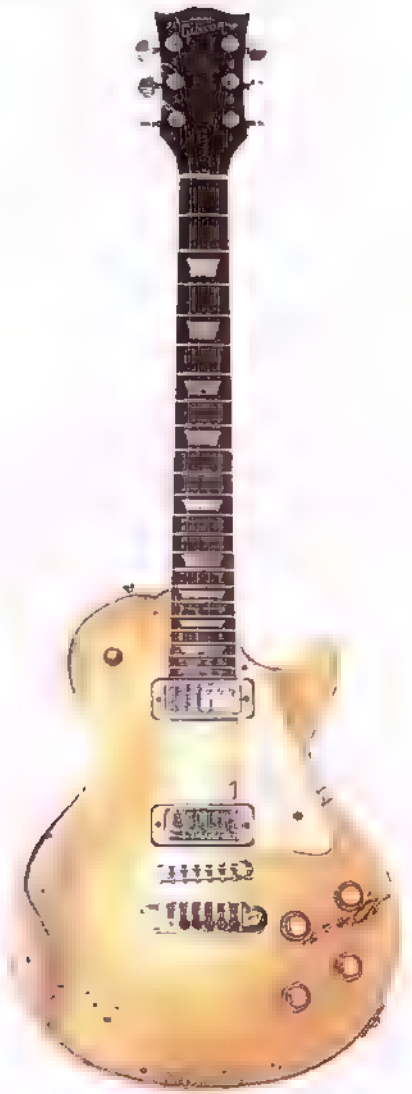
DEZ DICAS PARA VOCÊ "SE DAR MUITO BEM" NUMA CHURRASCARIA RODÍZIO

por Carlos Eduardo Miranda

ASAS PARA O DESEJO

"Ela está andando através das nuvens...
Quando estou triste, ela vem com
milhares de sorrisos que me dá de graça...
Tudo bem, ela diz, tudo bem.
Leve qualquer coisa que você queira de mim...
Fly on, little wing"

Jimi Hendrix

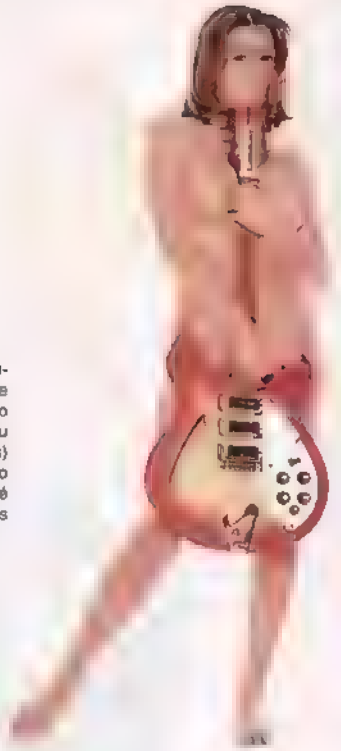


A Gibson **Les Paul** foi a primeira guitarra com o corpo sólido. Até ser criada pelo guitarrista Les Paul, os modelos eram todos semi-acústicos e com corpos enormes. Les Paul teve a idéia de fabricá-la porque havia engessado o seu braço direito, o que impedia-o de tocar instrumentos de corpos tão grandes. Foi consagrada em mãos como as de Jimmy Page (Led Zeppelin) e de Pete Townshend (The Who). Atualmente é a predileta de Slash (Guns N' Roses).

Guitarra estranha, mas antológica. Esta é a Gibson **Firebird**. De desenho bem arrojado (a precursora dos *designs* "pontudos" das bandas atuais de metal) tem som mais próximo ao dos instrumentos feitos pela Fender, do que ao dos outros modelos da Gibson. Johnny Winter e Billy Gibbons (ZZ Top) são dois nomes ilustres que que a empunham.

Imortalizada durante a última fase da carreira de Jimi Hendrix e pelo *bluesman* Albert King, a Gibson **Flying V** foi muito usada nos anos 70 e 80 por bandas de hard rock. Mesmo após surgirem modelos mais arrojados, ela ainda é idolatrada por músicos "pesados" como Kirk Hammett (Metallica).

A Rickenbaker imortalizou-se com George Harrison e Roger McGuinn (na versão de doze cordas, que moldou o som do grupo The Byrds) na década de 60. Desde o final desse período, ela não é mais fabricada e é uma das grandes raridades do rock.



A Gibson **SG** é mais uma das guitarras incluídas no *hall* das eternas. Depois de passar pela classe de Eric Clapton no início de sua carreira (quando tocava no Cream), tornou-se lendária nas mãos freneticas de Angus Young (AC/DC) e no peso de Tony Iommi (Black Sabbath).

Poucas guitarras conseguem ter tanta história quanto a Gibson **335**. Desejada por todo *bluesman* que se preza, a guitarra tornou-se um dos mitos da música americana, graças ao velho caso de amor entre B.B. King e sua Lucille. É também a predileta do "pai do rock n'roll", Chuck Berry.

A Fender **Telecaster** foi o primeiro modelo feito pela fábrica de Leo Fender. De fácil manuseio e com um timbre ultracaracterístico, fez a fama de lendas do blues como Albert Collins (que é conhecido como o "mestre da Telecaster"), do soul – vide Steve Cropper (Booker T And The MG's) – e do rock através de Andy Summers (The Police).

A Fender **Stratocaster** – a mais usada no rock'n'roll – já soava nos dedos de Buddy Holly e Hank Marvin (The Shadows). Hendrix a celebrizou, seguido por Alvin Lee (Ten Years After), David Gilmour (Pink Floyd), Ritchie Blackmore (Deep Purple) e depois Stevie Ray Vaughan. Criada na virada da década de 50, ela ainda se destaca pelo timbre, principalmente aquelas que foram feitas antes de 71, antes da CBS adquirir o direito de sua fabricação e começar a produzi-la em série. Desde então, a Fender Stratocaster nunca mais foi a mesma.

FOTOS
Rui Mendes

CONCEPÇÃO
Richard Kovács & Robert Halfoun

PRODUÇÃO
Adriana Guimarães & Renata Ferreira

MAQUIAGEM
Fábia Costa

ANJO
Lika Faleiro

GUITARRAS CEDIDAS POR
Luis Carlini (Gibson Les Paul, Gibson Firebird),
Edgar Scandurra (Rickenbaker),
Hélcio Aguirra (Gibson Flying V, Gibson SG),
Tuca Marcondes (Gibson 335),
Roger Wolf (Fender Telecaster)
Hélio Gomes (Fender Stratocaster)

SE LIGA NO QUE ROLA NO SEU CORPO!

Você sabia que sacolejando o esqueleto num show pauleira você pode perder, em 1 hora, mais de 1% do seu peso corporal? Mas nada de pavor! Cabeça fria, que tudo que é perdido pode ser recuperado através da hidrata[illegible] Encar[illegible] pa[illegible] que v[illegible] vai [illegible]!

A boa e velha água

Se você é daqueles que dizem que água enferruja, te cuida brother, porque a velha e boa H_2O é indispensável! Por isso é que ela está presente em 70% do nosso corpo.

Como se perde líquidos

Ensaiando com sua banda, sacolejando num show ou fazendo qualquer tipo de exercício físico você faz esforço. Esse exercício físico provoca o aumento da temperatura do corpo. Para baixar a temperatura e esfriar o corpo, o organismo se defende com o suor. Tudo normal. Só que no suor perde-se também uma grande quantidade de líquidos e elementos indispensáveis, como sódio e potássio, que devem ser repostos rapidamente.

Desidratação e sintomas

A sede é um sintoma do corpo avisando que temos que repor os líquidos que perdemos. Mas quando a sede pinta, o processo de desidratação já começou. E aí a coisa começa a ficar feia, porque com a perda de líquidos o sangue vai ficando cada vez mais denso e o coração começa a trabalhar forçosamente, aumentando a freqüência cardíaca. O organismo já não consegue mais produzir suor suficiente para esfriar o corpo e a temperatura continua subindo. E aí pintam sintomas como dor de cabeça, enjôo e um cansaço brutal...

Mais vale prevenir

Para que estes problemas não estraguem o seu programa, o melhor é sempre tomar líquidos antes, durante e depois de qualquer agito. E sempre que suar. Não fique esperando ter aquela sede brava, mantenha sempre um nível adequado de líquidos no corpo.

Para isso, use e abuse de bebidas isotônicas, tipo Gatorade, que possuem um balanço correto pra matar a sede e repor os elementos perdidos pelo suor. Bem hidratado, você vai estar pronto pra curtir muito mais aquele som totalmente detonante que faz a sua cabeça, seja qual for a sua tribo!

SEXO SOLITÁRIO

"Masturbar-se é fazer amor com a pessoa que você mais ama"

A máxima de Woody Allen resume de forma perfeita uma das práticas sexuais mais comuns de nossa história: o sexo solitário. Atual como nunca, ele rege o comportamento de milhões de pessoas em todo o planeta, que alimentam uma gigantesca indústria com seus desejos

Reportagem: Hélio Gomes

A humanidade finalmente aprendeu a apreciar uma velha modalidade sexual. E não é preciso ter um diploma pendurado na parede da sua sala para perceber que muita coisa mudou. Para começar, basta dar uma rápida olhada para trás.

Há cerca de trinta anos, jovens movidos por sonhos desconexos resolveram dizer ao mundo que ninguém era de ninguém. O sexo tornava-se um instrumento libertário, servindo a propósitos tão diversos quanto o pacifismo – "faça amor, não faça guerra" – ou a elevação espiritual – fruto do contato com culturas orientais. "Fazer sexo sozinho? Para quê?"

Depois, a ressaca. Os tempos do "cada um por si e ninguém por todos". O sexo servia a outros objetivos: o prazer das "saídas de uma noite", a ascensão profissional e a exposição social são apenas exemplos rápidos. O mito da comunhão dava espaço à satisfação imediata. E sem compromissos.

Como um balde de água fria, surge uma ameaça. Um perigo inexplicável, chamado a princípio de "câncer gay", encurrala e isola socialmente os "grupos de risco" para depois cair como uma bomba sobre todos nós. O mundo nos avisava: tinha fim a inconseqüência sexual.

Precaução e consciência passam a ditar o comportamento dos sexualmente ativos. Não levando em conta sua opção. Enquanto isso, uma parcela até então marginal resolve mostrar sua cara: os solitários.

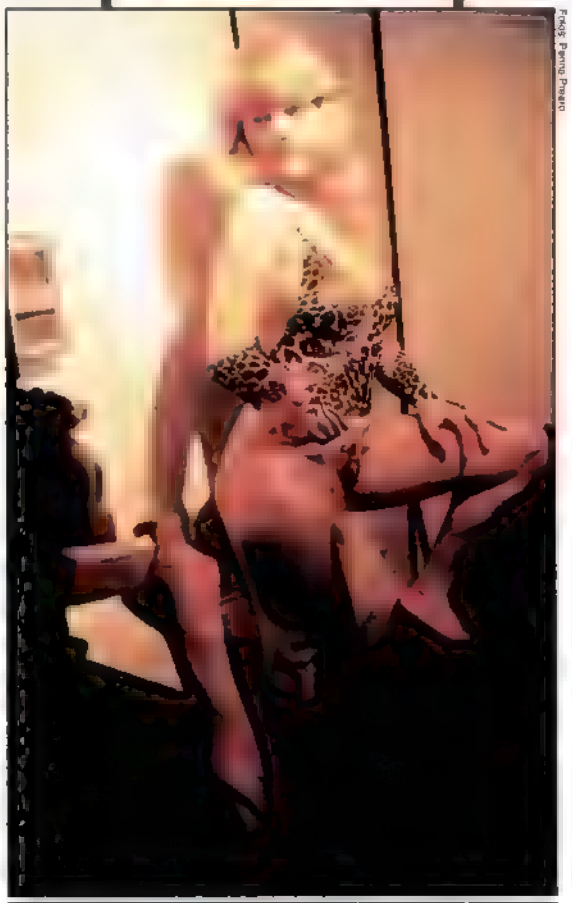
E agora?

Estímulos para esse grupo não faltam. E quem insiste em nos lembrar disso é uma indústria de proporções gigantescas. De revistas a filmes, de centrais de telefones a CD-ROMs interativos, o mercado oferece os mais diversos aperitivos – ou consolos – a seus potenciais consumidores.

Tema pouco discutido no Brasil, a explosão da pornografia tem sido uma das polêmicas mais faladas do primeiro mundo há um bom punhado de anos.

Em meados da década de 80, o mercado de sexo por telefone – que então fazia uso apenas de mensagens gravadas – gerava nada menos que 2,4 bilhões de dólares por ano somente nos Estados Unidos.

Nos EUA, o sexo por telefone rende US$ 2,4 bilhões por ano



Na cabine de peep show, conversa só pelo interfone

Fotos: Penna Prearo

Em 88, a França assistia o *boom* do sexo via Minitel, uma espécie de terminal de videotexto que permite a comunicação *on line* entre duas pessoas.

No Brasil, o sexo por telefone virou assunto obrigatório nos últimos anos. Não havia uma terceira opção: era aceitar ou condenar veementemente. Em meio a um clima de policiamento generalizado, os paulistas saíram perdendo.

Enquanto a sociedade se dividia, principalmente no interior de São Paulo, as companhias que ofereciam o serviço e a Telesp (Telecomunicações de São Paulo) afundavam-se em problemas. O furor causado pelo serviço – estimulado por poderosas campanhas publicitárias – fez com que inúmeras ligações não autorizadas por proprietários de linhas telefônicas fossem completadas.

O alto custo do serviço (de R$ 1,50 a R $4,90) e as conseqüentes reclamações levaram a Telesp a não renovar a concessão do uso do serviço – as últimas linhas em atividade têm direito a funcionar até dezembro deste ano.

É o fim de um negócio altamente lucrativo: as empresas faturavam 4,2 milhões de dólares por ano, fruto de cerca de 250 mil chamadas recebidas por mês. Treze linhas estavam em funcionamento, rendendo uma média de 350 mil dólares mensalmente para a Telesp.

Conseqüentemente, surge uma geração de órfãos. "Era perfeito para quem queria apenas se divertir antes de cair na cama", diz um estudante de publicidade de 21 anos. "Liguei bastante quando meu videocassete quebrou e não pude mais alugar filmes pornô", revela. E lamenta: "o problema foi encarar a conta telefônica depois."

Sem querer deixar de lado o espaço já conquistado, as empresas que oferecem os serviços de sexo por telefone resolveram pegar um pouco mais leve. Hoje, proliferam anúncios de linhas de "bate-papo" ao vivo, ou o já popular "tele-namoro".

Rosanélia Leocádio, uma estudante de 25 anos trabalha há seis meses como atendente do Tele-confidências, "uma espécie de CVV", segundo a própria. Para ela, sexo não entra na conversa. "Há um investigador da polícia de Santos que me liga quando está de plantão. A gente só conversa, troca idéias. Só isso", conta.

Do outro lado da moeda, o estudante de publicidade, ex-usuário do velho serviço, constata: "Não é a mesma coisa".

"Fast forward"

Se o mercado de sexo por telefone enfrenta turbulências, o de vídeos eróticos trilha calmamente o caminho aberto no Brasil em 83, simultaneamente à explosão de venda de aparelhos de videocassete.

Passados onze anos, o mercado não poderia estar mais consolidado no país. Para se ter uma idéia, apenas uma distribuidora, a Fastfilms, coloca uma média de doze títulos nas locadoras todos os meses. Segundo Sidney Genaro, gerente de marketing e vendas da empresa, 27 mil fitas são negociadas mensalmente.

Os efeitos da explosão dos filmes pornô no país impressionam. Não é exagero dizer que expressões como sexo anal, sado-masoquismo, *voyeur*, lesbianismo e dupla penetração tornaram-se populares entre toda uma geração graças à cultura do vídeo erótico.

No coração de São Paulo, na famosa esquina entre as Avenidas Ipiranga e São João, está uma das maiores lojas de vídeos pornô da cidade, a Butt-Sellers. À primeira vista, a loja parece uma locadora de vídeos normal, com suas enormes prateleiras. Segundo o proprietário da loja, Luis Roberto Alvarenga, os consumidores variam de jovens ávidos pela zoofilia (sexo com animais) a respeitados profissionais do interior do Estado que só ali revelam sua opção sexual.

"Tem um médico homossexual que encomenda lotes de mais ou menos trinta fitas todo mês. Quando elas chegam aqui, ele não olha para as capinhas e me pede para ir dizendo os nomes dos astros de cada filme. Ele se explica dizendo: 'A capinha já é um fetiche' ", conta Alvarenga.

Em funcionamento há dois anos, a Butt-sellers tem uma média de 2 500 títulos de vídeos pornô, em todos os estilos imagináveis. Mas seu proprietário antevê: "O futuro é o correio, a venda de vídeos à distância. Com toda a discrição do mundo".

A loja Butt-sellers: mais de dois mil títulos de vídeos pornô

Com o CD-ROM, o usuário dirige como quer sua aventura sexual

"Sexy bytes"

Se para alguns o futuro do sexo solitário ainda está nos vídeos, para outros ele ganha vida na tela de um computador. A era do *cybersex*, o sexo cibernético, é um fato irreversível. Conforme já destrinchamos na BIZZ 109, a popularização do CD-ROM foi o empurrão que faltava para a consolidação dessa história, uma fábula sobre sexo interativo mais que seguro.

O CD-ROM (sigla que em inglês significa "Disco Compacto que Lê Apenas Memória") é utilizado para armazenar grandes volumes de dados, como sons, imagens ou textos.

Ano passado, o mercado americano de CD-ROM fechou seu balanço em clima de festa. Seis milhões de unidades foram comercializadas, movimentando a surpreendente quantia de três bilhões de dólares. Segundo estimativas de analistas do mercado, cerca de 10% dos CD-ROMs vendidos nos Estados Unidos em 93 eram eróticos.

Um dos maiores *hits* da temporada foi *The Interactive Adventure Of Seymore Butts*. Como nos famosos vídeos de mr Butts, a perspectiva do espectador é a do próprio *cameraman*, que por sua vez "conversa" com ele à medida que vai conhecendo mais profundamente suas vizinhas.

Resumidamente, o sexo via CD-ROM é uma evolução melhorada do velho fetiche dos vídeos pornô. A diferença é que o usuário edita sua sessão erótica, escolhendo ângulos, *zooms*, posições e tudo mais. De acordo com as estimativas de uma das maiores empresas americanas do ramo, um programa ideal daria aos usuários 1,3 milhões de experiências virtuais diferentes, sem jamais repeti-las.

Como se não bastasse, os computadores ainda impulsionaram o sexo via BBS, uma rede de mensagens informatizadas que também serve como um correio sexual.

Com preços que variam de 70 a 200 dólares, os CD-ROMs eróticos ainda criaram um mercado periférico, o de publicações especializadas no tema. O livro *The Joy Of Cybersex* é a "bíblia" definitiva sobre o assunto. Ele traz resenhas de *softwares* e a relação de todos os BBSs eróticos americanos.

Desenvolvido com rapidez fulminan-

Capa de CD-ROM estrelado por Traci Lords

te no primeiro mundo, esse mercado ainda está longe de repetir seu sucesso no Brasil. Alguns anos devem passar até que uma brasileira seja vista ao falar sacanagens em sua língua nativa na tela de um computador.

"Eu curto de montão"

Atrasos são comuns quando se fala de erotismo no Brasil. O mesmo aconteceu com um dos mais tradicionais espetáculos eróticos, os *peep shows*.

Apesar de ser um dos programas prediletos de europeus e americanos, o primeiro *peep-show* brasileiro surgiu apenas no final de 92, em São Paulo.

Batizada com o sugestivo nome de Magic Box, ela trouxe ao Brasil o esquema do "*peep show* americano". Numa cabine dividida por um vidro espelhado – só é possível ver através dele em um de seus lados –, o espectador e sua musa brincam o quanto forem capazes.

Sozinho, o homem assiste ao espetáculo de erotismo explícito proporcionado por sua escolhida.

Depois de meses de sucesso, o Magic Box fechou suas portas (no tradicional bairro da Lapa) e deu lugar a uma casa semelhante, o Paris Texas.

Quem se lembra do filme homônimo do cineasta alemão Wim Wenders já imagina como é a casa: meninas circulando o tempo todo, prontas para um show particular. Enquanto isso, os cariocas deliciam-se com um *peep show* à melhor moda européia (*leia texto na página seguinte*).

Bruna Campos – "esse é meu nome artístico" – trabalha no Paris Texas há dois anos. Aos 27 anos, Bruna é uma das garotas mais requisitadas da casa, freqüentada sobretudo por executivos e profissionais liberais, dispostos a pagar a módica quantia de um real por cada minuto de prazer nas famosas cabines. "Eu curto meu trabalho de montão. Você acaba conhecendo pessoas diferentes todos os dias", diz.

Um cliente anônimo pego no flagra no bar do Paris Texas abre o jogo sobre sua diversão de todas as quintas-feiras.

"Toda semana eu venho aqui para me divertir um pouco". Alguma insistência basta para descobrir quanto nosso anônimo gasta toda semana no local: "uma média de R$ 150", ou R$ 600 todos os meses.

"Aqui só tem homem casado", diz o cliente no peep show

Atrás do assíduo freguês – "já cheguei a almoçar aqui" –, um homem de óculos mostra uma aliança em seu dedo anular esquerdo. "Aqui só tem homem casado", diz logo depois.

Estando tão perto e ao mesmo tempo tão distante dos clientes, Bruna confessa que às vezes desenvolve relações curiosas dentro de sua cabine cativa. "É claro que às vezes eu sinto prazer", revela, "mas depende muito do cara que está do outro lado do espelho e do papo que a gente está levando. Eu entro na cabine de cinco em cinco minutos. Como posso ter tesão sempre?"

Se a excitação de Bruna não determina o sucesso de sua performance, o mesmo não se pode dizer de seu parceiro. "Às vezes tenho que pedir para o cara se masturbar perto do espelho, onde dá para ver alguma coisa. Faço o meu papel e elogio seus dotes", diz.

Bruna emenda outra história. "Uma vez, fiz um show para um menino meio estranho. Quando tirei minha roupa, ele ficou bravo. 'Por que você fez isso?', ele me perguntou. Me vesti e ficamos só batendo papo. Ele voltou algumas vezes e me ignorou."

Quando explico para Bruna do que trata a reportagem, ela pergunta: "Sexo solitário? Não é melhor sexo seguro?"

Pecado ou salvação?

A pergunta de Bruna nos leva de volta ao princípio.

Afinal, o que motiva homens e mulheres a procurar satisfação sexual completamente sozinhos?

Eis uma questão com milhares de respostas possíveis. Uma questão absolutamente pessoal, um exemplo típico do velho "cada caso é um caso".

Mas vamos aos fatos.

Não há argumentos contra a total segurança do sexo solitário, apesar de que alguns dos casos apresentados nestas páginas admitam perfeitamente a companhia de um parceiro. Se esse for o seu caso, não tenha receios, explore ao máximo o seu prazer a dois – tocando-se ou não.

Hoje, a masturbação é encarada como uma prática sexual sadia e segura por médicos e sexólogos. A razão é simples: o que antes era considerado um consolo para os solitários de plantão tornou-se uma das formas mais efetivas de satisfação para os que fogem do fantasma da Aids. Prova disso é a sua valorização entre comunidades homossexuais de todo o mundo.

Pecado para a Igreja, salvação para a ciência, o sexo solitário parece ter vindo para ficar. Como dominós enfileirados, os preconceitos devem cair por terra. Agora é esperar e conferir o que está por vir.

Na tela, o "mapa" do Tele-amizade

Em Copacabana, o prazer é garantido

O primeiro *peep show* do Rio de Janeiro está situado numa das esquinas mais movimentadas de Copacabana, o "red light district" da cidade. Funcionando desde maio deste ano numa ampla e nada discreta loja de três andares, a Miami Show Center tem atraído um número cada vez maior de freqüentadores, principalmente devido ao fácil acesso e ao baixo preço.

A entrada é franca e cada ficha é vendida a R$ 0,60, num sistema que se assemelha ao dos fliperamas. Cada uma vale três minutos numa das 44 cabines com TV, que dão acesso a 32 canais com filmes para todos os gostos, grupais, bizarros e até gays.

A mesma ficha dá direito a um minuto em uma das cabines do Live Show, dispostas circularmente em torno da cama giratória onde dez modelos revezam-se em performances cinco minutos, em média. Todas são anunciadas segundo o número de suas fotos, expostas na entrada da casa.

Por cinco fichas o cliente pode ainda observar a "modelo" de sua preferência por dois minutos em uma cabine. Para se ter uma idéia do movimento, a casa vende cerca de três mil fichas diariamente. Segundo a gerente Rosa, pelo menos uma "modelo" deixou a casa para casar-se com um usuário apaixonado, apesar do regulamento proibir contatos posteriores.

Na entrada do Miami Show Center, o cardápio com as meninas da casa

Tanto o acabamento interno quanto o funcionamento da casa seguem o mesmo padrão adotado nos melhores *peep shows* europeus. Não é para menos: a proprietária dessa e de mais 32 casas espalhadas pelo mundo é uma baiana de 38 anos chamada Maria Regina.

Da Alemanha, onde vive, ela comanda um império de *voyeurs* que acaba de inaugurar mais um ponto em Miami e já tem SP na mira. O endereço da casa paulistana continua indefinido.

A música ambiente (em geral dance music) toca a todo volume e o DJ também anuncia da cabine modelos que estão se apresentando. Ele acompanha os *strip teases* através de um monitor de TV e muitas vezes toca os CDs que as próprias meninas levam à casa. A loura Bruna, por exemplo, faz questão de Madonna e Deep Forest enquanto Vivian não dispensa Double You e "Careless Whispers", de George Michael.

CLÁUDIO CAMPOS

Localize-se

Alguns endereços e telefones úteis aos solitários de plantão

• CD-ROMs
Onde você pode achar a sua caramelada cibernética
Axiom - (011) 214-0577
City Micro's - (011) 872 8330
Interssales - (011) 258-0222
Anacom - (011) 458-8755
Brasoftware - (011) 253-1588
Multimedia Center - (011) 959-2650
Mr. Byte - (011) 241-3669
Só Software - (011) 883-6583
Nos Estados Unidos
Bodycello - (001619) 578-6969
Sexy Software - (001800) 243-1515
Vivid Digital - (001714) 256-7270

• BUTT-SELLERS
A loja, especializada em vídeos eróticos, fica em São Paulo na Av. São João, 725 /Fone 221-1403. Vídeos para todos os gostos são vendidos por preços que variam de 16 a 40 dólares.

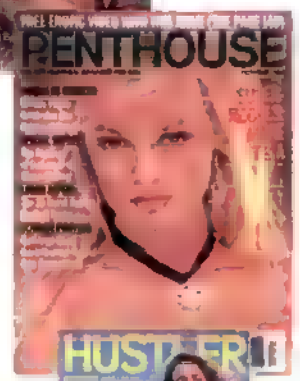
• BBSs
Algumas centrais de bate-papo interativo *on line* americanas
Eroslink - Fone para ligação por *modem* (001212) 254-0969
Odissey - (001818) 358-6968
Event Horizons - (001503) 697-7700

• EROTIC SHOP
A *sex shop* oferece apetrechos e brinquedinhos de todo tipo/Fone. 223-5755

• PEEP SHOWS
A diversão ao vivo e em cores
Paris Texas - em São Paulo, à Av. Pompéia, 678/Fone (011) 65-6785. A casa funciona de segunda a sexta, das 19h até o último cliente
Miami Show Center - no Rio de Janeiro, à Av. N. S. de Copacabana, 493/ Fone: (021) 255-3099. Todos os dias, das 11h à 1 da manhã

MIX

Se você é um solitário à moda antiga e ainda curte uma boa revista erótica, eis aqui uma pequena seleção do que há de melhor no mercado americano. Um mercado altamente segmentado, com revistas sobre determinados tipos físicos ou predileções sexuais.



Comecemos pelos medalhões ***Penthouse*** e ***Hustler***. Ao lado da fundamental *Playboy*, as duas revistas são verdadeiras instituições junto ao público americano.

As fórmulas são mais ou menos iguais: reportagens e artigos masculinos, charges sacanas e ensaios fotográficos com modelos sozinhas, acompanhadas por outras mulheres e por homens.

Enquanto a *Hustler* vai mais fundo na simulação do ato sexual em suas fotos, a *Penthouse* dá espaço a matérias sobre o trabalho conjunto do desenhista Milo Manara e do cineasta Pedro Almodóvar, por exemplo.

Deixando as *best sellers* de lado, encontramos a originalíssima ***Pure***. A revista vai além do fetichismo puro e aposta numa linha editorial que valoriza reportagens comportamentais e temáticas.

Um filhote da *Hustler*, a revista ***Barely Legal*** é dedicada a um dos maiores fetiches dos americanos: as ninfetas. Simulando situações que imitam o cotidiano de adolescentes, os ensaios fotográficos vão de aventuras escolares até transas com o entregador de pizzas.

O negócio começa a ficar mais *heavy* com a trinca ***High Society***, ***Club Confidential*** e ***Club International***. A primeira é uma espécie de raio X da vida sexual de estrelas do cinema convencional e também do pornô. A estrela escolhida na edição de novembro da revista é a *bad girl* Drew Barrymore. Nem é preciso dizer que a história da atriz – recheada com muitas drogas e sexo – rendeu algumas sacadas engraçadas.

Já a *Club Confidential* e a *Club International* são subprodutos do cinema pornô. Seus ensaios repetem fielmente o esquema dos filmes, assemelhando-se em muito a seqüências de diretores como Seymour Butts ou John Stagliano. Ideal para os aficionados.

Agora, vá com calma e discrição à banca mais próxima e divirta-se. Opções realmente não lhe faltarão.

Seleção,
Richard Kovács

Já em seu terceiro número, a revista ***Penthouse Comix*** é um prato cheio para os fãs dos quadrinhos e os pornófilos. Reunindo o traço de desenhistas como Adam Hughes, Arthur Suydam e Gary Leach, a revista passeia com desenvoltura entre o estilo Marvel – brincando com super-heróis e erotismo – e o europeu.

Os enredos das oito histórias publicadas na edição de outubro da revista abordam fantasias sexuais ambientadas em QGs nazistas, naves espaciais, mundos perdidos, penitenciárias femininas e noites escuras de Moscou.

Como deu para perceber, nada muito original. Mas o que importa é o espírito novidadeiro. Confira.

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

CONTIGO Gente, Atualidades e TV
BIZZ Rock
SET Cinema e Vídeo
AÇÃO GAMES O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR Surf
GRID Automobilismo e Velocidade

Femininas

BOA FORMA Fitness, Beleza e Saúde
CARICIA Comportamento Adolescente
UAU Ídolos da Juventude
HORÓSCOPO Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA Viagem, Natureza e Ecologia
SAÚDE É VITAL Prevenção e Saúde

Guias e Anuários

VIAGEM E TURISMO
HORÓSCOPO ANUAL
1500 VÍDEOS

Especiais

FAMA
LETRAS TRADUZIDAS
VÍDEO ERÓTICO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel. (011) 816-7866 - Fax (011) 813-9115 - São Paulo - SP

Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel. (021) 532-0313 - Fax (021) 532-1486 - CP 4816

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel. (061) 223-2134 - Fax (061) 226-3644

Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax (0192) 32-7975

Minas Gerais: M A M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel. e Fax (031) 224-9534

Paraná: M L C. Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel. (041) 253-4048 - Fax (041) 252-2844

Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - cep 20020-080 - telefax (021) 220-3762

Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax (051) 223-9528

Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel. (0482) 32-0519

O que o mercado costuma chamar de adolescentes o Banco do Brasil chama de futuro.

O Banco do Brasil investe na coragem e na ousadia dessa nova geração de brasileiros que não deixa para amanhã o País que a gente quer e pode fazer hoje.

BRASIL

BANCO DO BRASIL
Bom para você. Bom para o Brasil.

SACANAGEM & FUNK ROCK EM ALTA VELOCIDADE

"A BANDA QUERIA UM NOME QUE TODOS CONHECESSEM. CERTO DIA, ENQUANTO ANDAVA PELAS COLINAS DE HOLLYWOOD, ANTHONY TROPEÇOU NESSA COISA INCANDESCENTE QUE ELE INSISTIA SER 'UM ARBUSTO PSICODÉLICO QUE TINHA NOMES DE BANDAS ESCRITOS'."
TRECHO DA BIOGRAFIA DOS RED HOT CHILI PEPPERS "TRUE MEN DON'T KILL COYOTES" ("HOMENS DE VERDADE NÃO MATAM COIOTES"), DE DAVE THOMPSON

Entrevista: Johnny Dee, do "New Musical Express"

A maior banda do planeta no atual momento, que tirou seu nome de um arbusto psicodélico que tinha nomes de bandas escritos, está ensaiando em um estúdio no centro de Los Angeles. Vários companheiros de estrada e espectadores sentam-se em volta de um sofá quebrado. Um deles acha alguma coisa no chão, procurando por mais risadas.

Um jogo de halteres em um canto. E do lado um pé de meia branco e sujo. Só Deus sabe onde esteve, mas é provável que preferisse não saber. Esse é o lugar onde são realizados os ensaios dos Red Hot Chili Peppers.

Com o baixista Flea em algum outro canto, o baterista Chad Smith – que se descreve "como um cara do tipo pasta de amendoim e gelatina" – fica atrás de seu *kit* de malhação, enquanto o resto da banda vem arrotar para a máquina fotográfica. Chad fica de pé, meio bobo, como se esperasse um ônibus. Junto com ele o mais novo membro da banda, Dave Navarro, ex-guitarrista do Jane's Addiction. Neste exato momento, aqui em Los Angeles, a "cidade rock", ele é provavelmente o cara mais "numa boa" do mundo. Sem camisa, com shorts de skatista e brinco nos mamilos, parece ser o protótipo da estrela do rock alternativo de 94.

Navarro é rápido em acabar com qualquer boato sobre um possível rompimento entre ele e Perry Farrell: "Eu amo o cara". Ele é igualmente afiado ao falar do grande efeito que parece exercer nas bandas em que toca. Se guitarra significa alguma coisa para você, Dave é uma espécie de deus.

Aparece em cena o vocalista Anthony Kiedis. Como seus amigos, ele é absolutamente seguro. Veste roupas ridículas, pois sabe que pode não parecer ridículo – com um gorro, mais calça e camisa emborrachados. Tudo junto não fica bem.

"Dia duro!", ele grita olhando em volta, chutando uma caixa acústica. "Dia duro!"

Ele voltava de uma visita a uma ex-namorada, que cumpre pena na prisão. Enquanto estava lá a polícia falou um monte em seu ouvido.

"Eles me perguntaram que tipo de droga eu tinha tomado, dá para acreditar?" ele diz incrédulo a todos nós.

"Essa é a única droga que eu tenho para vocês rapazes", ele diz segurando seu saco. Como se não bastasse, no caminho para o estúdio, uma pick up o derrubou de sua Harley.

"Aconteceu no sinal vermelho."

"E o que você fez" – pergunta Navarro.

"Eu surrei ele."

"Você bateu no cara?"

"*Yeah!*"

"Ele sabia quem você era? Homem de merda", Navarro estava impressionado.

Um jornalista está na sala mas não quer interromper a ação do grupo de amigos. Navarro muda de assunto. Ele tem um emplastro em seu braço adquirido em uma visita ao acupunturista.

"Funcionou cara. Eu não acredito nisso", diz ele ao vocalista cabeludo.

"Eu disse que ia dar certo."

"Cara, aquele acupunturista é bem estranho."

"Sim, ele tem problemas sociais."

"O que você quer dizer? Com pacientes mulheres? Ele tem fama de bater em suas pacientes mulheres? Verdade? Eu amo o cara ainda mais!"

Após anos sem fazer qualquer sentido, a matriz rock/funk dos Red Hot Chili Peppers é o som de 94. Eles não são apenas a mais importante banda americana, mas também pai e mãe de um bando de filhotes atordoados. A mesma mistura de adrenalina/testosterona que gerou o Primus e o Rage Against The Machine. E não uma extensão bisonha como os Spin Doctors e – em um outro extremo – o Senser.

> "POR CAUSA DA NATUREZA DIABÓLICA DA HEROÍNA, ELA ACABA COM SUA VIDA E... EU NÃO SOU UM ANJO. NÃO SOU PERFEITO" (FLEA)

Nós os encontramos se preparando para o inferno do rock corporativo do Woodstock 2. Prontamente a banda só comenta que se o primeiro evento foi considerado "da paz e do amor", dessa vez, seria "da Pepsi e da Nike". Era a primeira apresentação com Navarro.

Quinze minutos antes da entrevista marcada com Flea em sua casa, estamos sentados em nosso carro alugado com o mapa para chegar ao "bairro das estrelas". Estamos em frente a uma casa nas colinas de Hollywood, podemos ver logo em sua frente uma placa pequena e discreta, idêntica a todas as outras placas que são vistas em outras casas. Ela diz: "segurança armada".

"A cidade muda e cresce sobre nós, mas é tranquila por aqui. Algumas coisas sobre seqüestro de luxo e sobre os restos que ele pode conter, quando uma van aparece na esquina e dela sai uma garota latina que pega a lata de lixo e rapidamente vai embora. Não se pode sequer confiar no lixo por aqui."

Se você desenha um triângulo de lados iguais, partindo dos cartões postais da cidade – o letreiro de Hollywood e o Teatro Chinês – , o terceiro ponto fica em algum lugar por aqui, a varanda da frente da casa do "baixista-turbo" Flea.

A última vez que o mundo viu a ele e sua banda, foi nos vídeos grandiosos feitos para os *hits* internacionais, "Under The Bridge" e "Give It Away". Um monte de músculos com tatuagens, seu baixo pop e esbofeteado, no centro de uma banda que cultua os altares gêmeos de George Clinton e de Jimi Hendrix.

Naquele tempo, seu cabelo estava detonado, vítima de ataques constantes de descoloração. O cara abre a porta e está sorrindo, numa boa, lembrando muito pouco o Flea dos velhos tempos. Vestindo nada mais que cuecas pretas da Calvin Klein, com uma cara de caipira doido, é o seu cabelo que logo chama a atenção, pelas mechas que estão sem lavar. Com ar irônico, ele olha sorridente para os turistas.

"Nós ficamos no Havaí por algum tempo", diz ele, meio que se explicando. "Nós ficamos trepando, fazendo música e eu fui deixando a minha barba crescer. Minha mãe disse que eu pareço um capitão dinamarquês e minha filha disse que eu era um homem das cavernas. Para mim é apenas cabelo na minha cara. Mas eu provavelmente vou tirar, é meio difícil para transar."

Você é popular com as mulheres?

"Não, não mesmo. Gostaria de ser."

Nascido na Austrália, ele chegou em L. A. aos 11 anos. Seus pais se divorciaram quando ele tinha 5 anos e seu padrasto, o músico de jazz Walter Urban Jr., foi sua maior influência musical, apresentando-o a Miles Davis, Ornette Coleman e Dizzy Gillespie. Antes trompetista, ele se tornou um fã do funk e – depois de encontrar Kiedis no colegial – virou Flea.

"Nunca fui extrovertido", ele lembra. "Quando criança, tinha medo das pessoas. Nas festas, ou ficava num canto sem abrir a boca ou baixava as calças, punha meu pau para fora e saía correndo a gritar. Não tinha meio-termo."

Não é nenhuma surpresa para os seguidores dos Chili Peppers que eles tenham sido sondados por estúdios de cinema para um filme biográfico. Eles engoliram de uma só vez a lenda "sexo, drogas & rock n'roll". Para eles isso não é um mito, mas sim a realidade. "As pessoas adoram ficar trepando, se drogando e ouvindo rock", diz Flea. A história da banda vem completa, com todos os conseqüentes escândalos: morte, decadência, excesso e drogas pesadas. Em 27 de junho de 88, o guitarrista Hillel Slovak, amigo de Flea e Kiedis desde o colegial, morreu de uma *overdose* de heroína e cocaína. Slovak e Kiedis já tinham admitido sua dependência por essas drogas. A experiência de Kiedis apareceu na canção "Under The Bridge". Ainda assim, a biografia dos Chili Peppers, *True Men Don't Kill Coyotes*, escrita por Dave Thompson, mostra Flea como o pacificador tentando endireitar sua banda. Hoje ele admite que – secretamente – também se drogava naquela época.

"Muita gente transa heroína e gosta da sensação que ela oferece", ele diz enquanto um carrilhão do tempo de seu avô badala ao longe. "Mas por causa da natureza diabólica da droga, acaba com sua vida e... é terrível, mas você sabe, eu não sou um anjo. Não sou perfeito."

Você tomou mais drogas após a morte de Hillel?

"Sim, tomei."

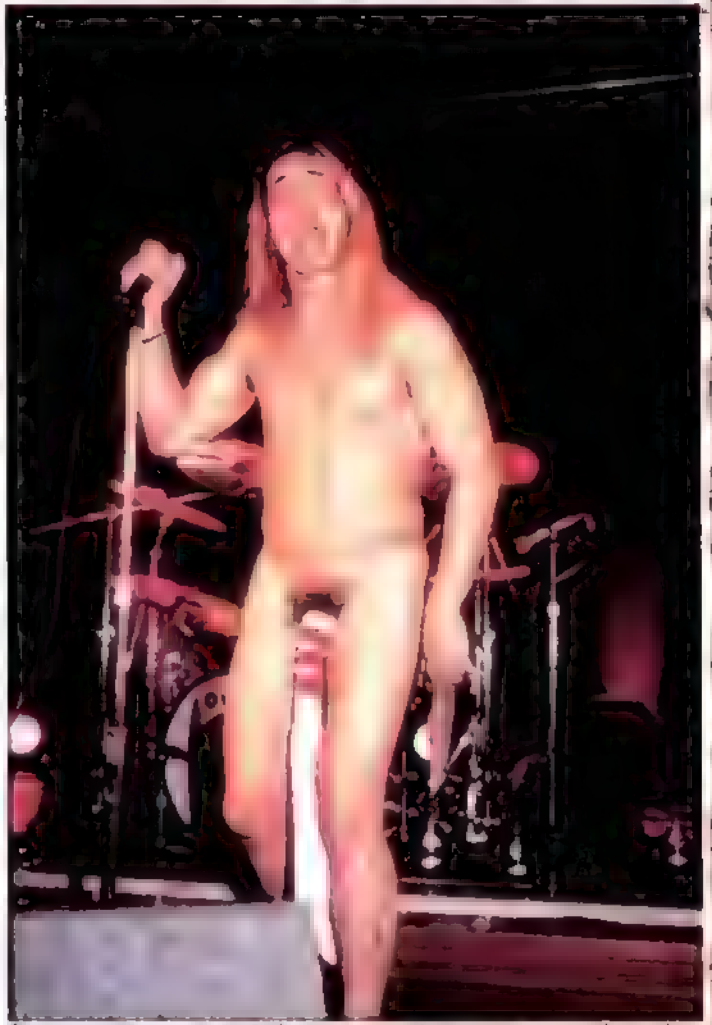
Você não pensou: "a heroína o matou, eu não vou mais fazer isso"?

"Sim, pensei que as drogas o mataram, mas elas não vão me matar. Eu apenas vou me drogar hoje à noite. Foi um erro, mas cometi um monte deles."

Desde a morte de Slovak, a banda teve inúmeros guitarristas. John Frusciante foi o mais demorado, tocando com eles nos dois últimos discos, *Mother's Milk* e *Bloodsugarsexmagik*. Desde então, nenhum guitarrista ficou tempo suficiente para sequer tirar o casaco. Agora eles acharam um cara fixo na pessoa de Dave Navarro. "É fumaça", diz Flea sobre o novo homem. Ele é um grande músico, que toca de forma maravilhosa. Ouça o que ele fez no Jane's Addiction. Para mim eles são provavelmente a melhor banda de rock dos últimos dez anos."

Sendo ou não culpa de Flea não ter dado uma entrevista nos últimos dois anos, a conversa acaba tomando forma confessional, do tipo médico/paciente.

> "AS PESSOAS PENSAM EM NÓS COMO A BANDA QUE PÕEM MEIAS NOS PAUS... OS NOSSOS SÃO ENORMES, SOMOS OS CARAS CERTOS PARA ESSE TIPO DE TRABALHO" (FLEA)



Como quem não quer nada, Anthony promete voltar a usar suas suspeitas meias

Perguntado sobre como são as novas músicas, ele acaba divagando sobre tudo.

"É diferente porque as épocas são diferentes. Tem um monte de coisas tristes que aconteceram para nós, particularmente para mim, desde o último disco. Eu fiquei bem doente, passei por um período realmente difícil. Tive uma pane psicológica e um dos meus melhores amigos morreu na minha frente."

Ele se refere ao ator River Phoenix. Flea estava no clube Viper Room tocando baixo na banda de Johnny Depp na noite em que o ator morreu. Andavam juntos desde que fizeram *Garotos De Programa*, filme de Gus Van Sant.

"River Phoenix era alguém a quem eu era muito ligado e amava muito. Tive a sorte de poder passar um tempo maravilhoso com ele, fazendo coisas bem legais. Sempre o amarei, penso nele o tempo todo."

Muitos acham difícil conciliar o jeito que Phoenix morreu com seu modo de vida e com as coisas que disse

It Away", pela clássica confissão das drogas em "Knock Me Down", por Andy "Gang Of Four" Gill que produziu seu disco de lançamento.

Diabos! Eles provavelmente preferem ser lembrados pelo vergonhoso material do tipo "Catholic School Girl's Rule", de 85. Mas não... Metade dos seres humanos os conhecem como "Chili Peckers", ou "babacas". Eles nos deram paus em meias... e isso os tornou famosos. Muito, muito famosos.

Flea parece estar ficando meio de saco cheio com as piadinhas da entrevista

"Acho que agora estamos menos para meias em paus do que estávamos antes", brinca. "É engraçado, fazemos música e as pessoas pensam em nós como a banda que põe meias nos paus. Mas já choramingamos muito sobre isso. Botar meia no pau é uma boa idéia, foi divertido e acho que faremos isso de novo, é algo para se fazer com meias sobressalentes. Você sabe, temos paus enormes, somos os caras certos para esse trabalho."

> "MINHA MÃE DISSE QUE PAREÇO UM CAPITÃO DINAMARQUÊS COM ESSA BARBA" (FLEA)

"Ele realmente quis dizer tudo aquilo. Ele se drogou muito naquela noite em que morreu. Quero dizer, muita gente se droga e continua a defender o que disse. Ele era preocupado com o meio-ambiente, consciente, generoso, amável e carinhoso. Juro. Não tinha nada de podre sobre ele. Só que ele gostava de se drogar."

Mas isso não era incoerente?

"Isso não é da minha conta, mas ele não era *junky*. Ele tomava drogas por lazer, muita gente faz isso. Ele era novo estava experimentando e se fodeu."

Elvis Presley foi filmado da cintura para cima, sua dança com os quadris era erótica demais para os americanos. Os Stones foram presos por mijarem em público. Ozzy Osbourne comeu morcegos. Os Sex Pistols tentaram "derrubar a monarquia" e os Red Hot Chili Peppers...

E os Red Hot Chili Peppers puseram meias em seus paus!

Em meio à rica e fedorenta tapeçaria do rock, os Chili Peppers provavelmente gostariam de ser lembrados pelo funk rock, pelo baixo agressivo de Flea, pelo vocal visceral de Anthony Kiedis, pelos pecados, pelas tatuagens, por seus sucessos, pela língua enrolada em "Give

Ele fala daquele trabalho de vestir meias sobre os seus testículos.

Não se deve reagir com surpresa ao constante pedido do "pau grande" de Flea. Ele não é tímido para aparecer, é normal. É provável que numa conversa, quando vai comprar o jornal da manhã... "*Los Angeles Times* por favor. Oh, você sabia que eu tenho um pau grande? Ah você sabe. OK..."

A definição de grande é discutível. O fotógrafo do *New Music Express*, Derek Ridgers, conta que Flea fazia exercícios com pesos no estúdio, quando deu uma amostra. Mas quanto menos se fale deste incidente de mau gosto, melhor.

Isso apenas se junta a já conhecida imagem de "homens que se comportam mal" que acompanha a banda. Ao se esquecerem que nem todo mundo estivesse feliz em ver o seu conjunto de quatro salsichas e oito ovos, eles foram levados à Justiça duas vezes por atentado ao pudor. Uma vez, no Estado de Virgínia, quando Anthony acenou com seu pau para uma admiradora. E outra – célebre – em uma festa quando Flea agarrou por trás uma espectadora, enquanto Chad batia na bunda dela

> "RIVERPHOENIX ERA ALGUÉM A QUEM EU ERA MUITO LIGADO E QUE AMAVA MUITO" (FLEA)

Enquanto na Los Angeles branca uma bagunça de contradições se espalha, na Los Angeles negra as pessoas pelo menos sabem que horas são. Aqui é qualquer hora o tempo todo. Em nenhum lugar na Terra a linha geográfica entre o ter e não ter é tão fina como na "cidade dos anjos". Em nenhum outro lugar os efeitos da poluição dos carros é tão óbvio quanto na Los Angeles branca – uma cidade para carros, não para gente. Em nenhum outro lugar o vício em heroína e cocaína é tão comum. E, em nenhum outro lugar, a realidade da Aids é tão dura como ali.

Tanto Kiedis quanto Flea cresceram em Los Angeles. Anthony deixou sua mãe divorciada em Michigan quando tinha 11 anos para morar com seu pai, um ator de TV chamado Blake Dammet. Sua infância parece um filme de fantasia adolescente do tipo *Curtindo A Vida Adoidado*. Seu pai era um *playboy* e mulheres da vida nunca estavam longe. Perdeu a virgindade aos 12 anos com uma das namoradas do pai. Tomou um

> "AS PESSOAS ADORAM FICAR TREPANDO, OU TOMANDO DROGAS E OUVINDO ROCK" (FLEA)

Em Woodstock, a primeira apresentação com o guitarrista Dave Navarro e a estréia das alucinadas fantasias de lâmpadas

> "FOMOS AO HAVAÍ, ONDE NÓS NÃO SERÍAMOS PERTURBADOS, PARA COMEÇAR UMA OBRA-PRIMA MUSICAL... MAS LÁ É TÃO REMOTO QUE, ATÉ CERTO PONTO, NÓS SÓ VEGETAMOS" (ANTHONY KIEDIS)

monte de drogas *classe A* e era invejado por seus colegas de escola.

"Aos 12 anos, é muito cedo para se perder a virgindade", diz agora. "Mas eu tinha uma fascinação tão irresistível por sexualidade e por trocar minha energia sexual com uma mulher... Tive tudo cedo demais e fui sexualmente despertado com bem pouca idade."

Los Angeles os criou e – para acreditar em histórias de bêbados – metade da cidade transou com eles. E assim como a música dos Red Hot Chili Peppers nasceu do casamento improvável do rock com o funk, como pessoas, Anthony Kiedis, Flea, Chad Smith e Dave Navarro são contradições ambulantes – humildes em um momento. E andando por aí como verdadeiros clichês de estrelas do rock no próximo verão. Ou adotando opiniões politicamente corretas com relação ao meio-ambiente e tendo atitudes de um *neanderthal* com as mulheres.

Flea parece uma pessoa modesta e tímida quando você o vê pela primeira vez. No final da entrevista ele junta montes de sinceridade para nos dizer:

"Só quero ser uma boa pessoa, ser bom com quem me importo. Eu apenas quero me tornar mais forte e ser mais poderoso no sentido espiritual."

Uma hora depois ele está do lado de fora do estúdio de ensaios no boulevard de Santa Mônica dando seu espetáculo: abaixando as calças e mostrando ao mundo seu muito feio e peludo arsenal, simulando exatamente o que você pode esperar de um garoto de programa.

Depois da entrevista, Flea nos mostra sua casa. Tem arte por todo lugar, uma pintura do famoso Robert Williams, uma foto de Andre Kurtesch, um poster do filme *Suburbia*, de Penelope Spheeris, estrelado por Flea no papel de um punk.

Ao lado da tela em cores primárias, feita por John Frusciante, há pinturas parecidas, dedicadas a ele pela filha de 5 anos, fruto do seu curto casamento: "de Clara para Michael", lê-se em um quadro de duas figuras de palitos.

A ilusão dessa visita do tipo "buraco da fechadura" – que mostra um lado particular do baixista dos Chili Peppers – é logo desfeita, quando um amigo chega com o novo vídeo promocional de Sir Mix-A-Lot. Flea fica entusiasmado (ele tocou numa das faixas do disco do imenso *rapper*). É um festival de peitos e bundas que Flea aprova totalmente.

"Deviamos fazer um vídeo do tipo 'peitos e bundas' ", diz ao amigo e nos brinda com histórias de adolescente. "Uma vez, peguei um ônibus para ver o

Anthony na casa da mãe, em Michigan. Levei uma revista *Hustler*, sentei na última poltrona e fui batendo punheta a viagem inteira. Devo ter gozado umas onze vezes, uma a cada meia hora."

Tentar entender o que Anthony Kiedis diz é como tentar montar um imenso quebra-cabeças. Em um canto quieto do estúdio de ensaio, ele já está mais calmo depois da explosão anterior.

Tanto que, ao fazer uma pergunta, isso pode acarretar uma resposta de quinze minutos. E então, como está indo a gravação do novo álbum?

"Bem, é uma história longa e bizarra", diz ele, começando um louco relato

" E sempre é, quando se passa por uma transição, como a gente nos últimos anos. É poderoso. Você sabe, perder alguém da banda, um cara com quem você adora tocar e tem aquela energia telepática que só vem com o tempo..."

Ele tenta explicar a alta rotatividade de guitarristas antes de Navarro.

"Dave me disse uma coisa engraçada uma vez quando telefonei e pedi que ele entrasse na banda. Na época, ele estava envolvido com um novo projeto, o grupo Deconstruction, e eu disse: "Você conhece alguém que considera apropriado para todas as bases que precisam ser colocadas?" Ele disse "Sim, seria eu. Sou o único no mundo que conseguiria, mas eu não posso". Então, foi como se ele estivesse brincando comigo.

"Mas afinal, o tempo passou, essa droga aconteceu e eu estava andando com Chad pela Sunset Strip e disse 'Chad o que vamos fazer?' Estamos em um dilema, não temos um guitarrista e temos que escrever músicas "

"Ele disse: 'bem, o Dave vai se juntar à banda', E eu disse: 'ele nao vai' Ele disse: 'eu tenho uma sensação'. Então, eu disse 'uma sensação? Você é um baterista, não pode ter sensações'. Ele disse: 'simplesmente tenho a sensação de que Dave vai se juntar à banda'. E uma semana depois, Dave se juntou à banda. Foi um grande alívio."

"Mas quando se começa do zero, não importa o quão talentoso se é como músico, ainda tem que se conseguir aquela camaradagem e aquela telepatia que só consegue vir com o tempo. Nós fizemos isso. E também temos que encarar o fato de que estávamos atrasados para fazer um disco e preferimos. ."

Agora é como se a minha cabeça fosse a do homem da gravadora, ao tentar descobrir por que eles estão levando tanto tempo no seu novo álbum.

"Assim, decidimos ir ao Havaí, onde não seríamos perturbados ou distraídos por telefones, amigos, família. E daí

"CERTA VEZ, EU PEGUEI UM ÔNIBUS PARA VER O ANTHONY EM MICHIGAN COM UMA REVISTA PORNÔ. ME MASTURBEI A VIAGEM INTEIRA. DEVO TER GOZADO UMAS ONZE VEZES" (FLEA)

poderíamos começar uma obra-prima musical .. Mas o Havaí é tão remoto que até certo ponto nós só vegetamos."

Vocês ainda não terminaram o disco?

"... Tem tanta vegetação lá que nós fomos assimilados ao verde, o que foi legal. Então voltamos e fomos para San Francisco e tentamos mudar para uma casa, para gravar entre as montanhas. Estávamos prontos para começar e, bem, ainda tínhamos algum material para escrever, basicamente eu..."

Então isso quer dizer que vocês nao terminaram o novo álbum?

"... Havia muitas músicas sem letras, que não tinham melodias vocais, ritmos e coisas do tipo. Eu estava pronto... mas quando fomos gravar, pegamos nosso produtor e fomos ouvir o som da sala, então agora nós temos todas as nossas coisas lá, toda nossa energia pronta, mas dissemos: 'Esse estudio não vai dar'."

Eu não estou interessado nas suas desculpas, eu só quero saber sobre...

"... Foi como ter o tapete puxado sob você Nós voltamos até aqui, entramos num estúdio e gravamos todo o básico, e a merda soou simplesmente demais. Era música maravilhosa que estes caras estavam fazendo e eu fazia meus vocais, estando pronto para uma *overdose* de produção – você sabe, quando se coloca a trilha de guitarra e do vocal. Mas, de repente sacamos que Woodstock estava a três semanas e essa turnê européia..."

Mas, afinal, vocês não terminaram o novo álbum!?

"Mais ou menos metade, vamos fazê-lo quando voltarmos da Europa."

Ufa! Algum título de canção que você possa revelar?

"Quase a metade deles são títulos de trabalho", ele diz dando uma resposta confusa "Claro que depois, as canções vão ter títulos, mas para nós eles serão sempre títulos de trabalho. Nós temos essa canção agora, e o título de trabalho é 'Swirly' que descreve a forma como a canção soa para nós. Mas o título da canção é 'Warped' "

Sobre o que vocês estão escrevendo?

"Estranhamente, muita coisa é triste no disco. Estamos numa cidade e em um círculo de amigos que passam por situações absurdamente pesadas..."

Drogas?

" . Tempos pesados. E muito do disco é bem escuro, sobre a triste luta de nossos amigos, que também é nossa."

Antes que possamos prosseguir, um cara se aproxima com dois pedaços de metal, um dourado e outro prateado.

"A-ham!", tosse "A coisa do Hendrix"

"Coisa do Hendrix?", pergunta Kiedis.

Flea: "É."

"Estou confuso, a coisa do Hendrix você quer dizer a coisa das lâmpadas?"

O cara acena que sim enquanto que Anthony senta olhando e acariciando os dois pedaços de material no colo. Silêncio, enquanto ele pensa e acaricia.

"Eu quero o prateado."

"Que número é a sua cintura?", o cara pergunta. "Ela quer saber."

"Trinta e dois", Anthony diz

"Mesmo?", responde seu amigo como quem diz: "Deixa disso",

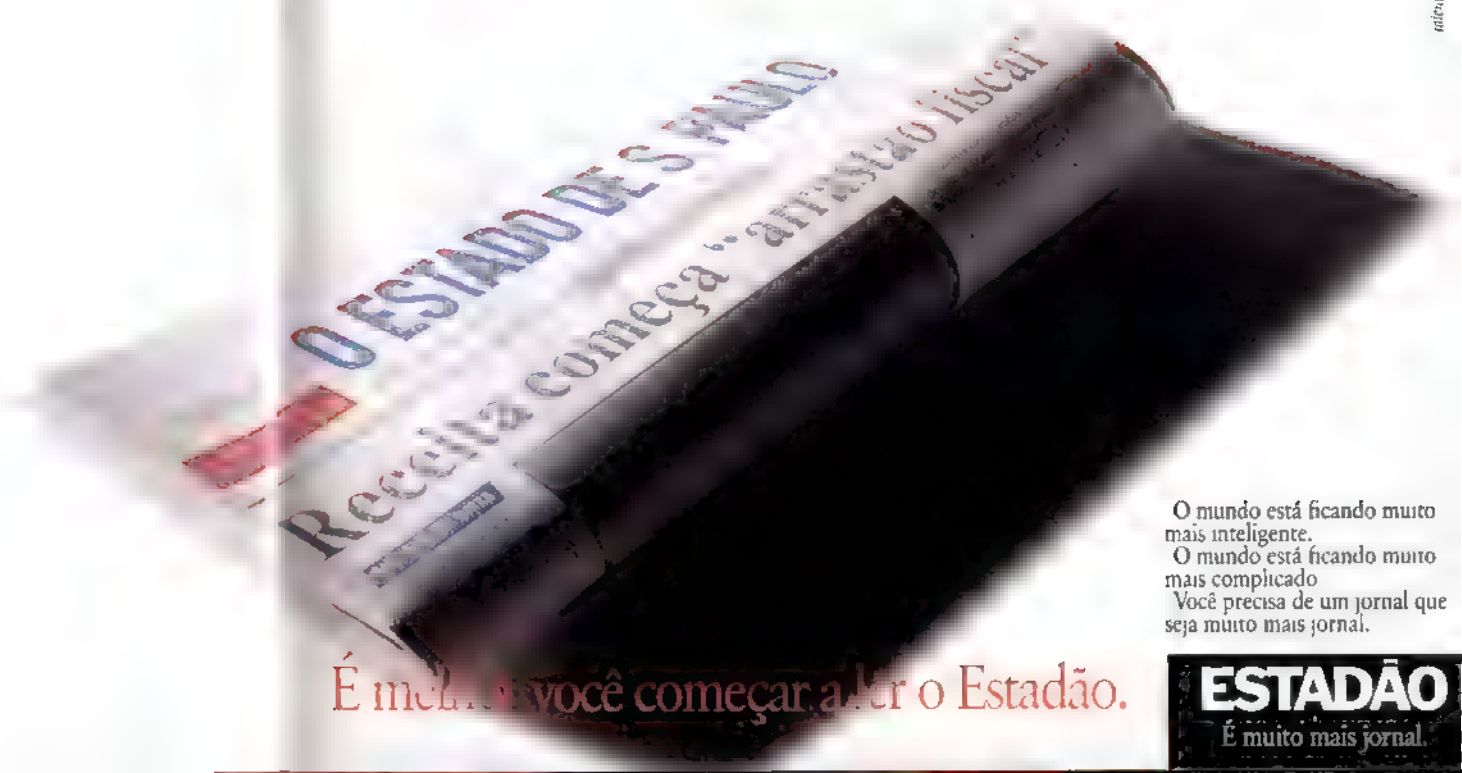
Ele se finge de ofendido:"É mesmo."

Outra vez, eles vão abaixar as calças, saltar como nenhuma outra banda do mundo. Veremos a fantasia de lâmpada de Anthony, tatuagens e brincos nos mamilos. E se eles dizem a verdade, darão ao planeta uma grande ereção.

Foto: Dave Rogers

Da esquerda para a direita: Dave Navarro, Flea (barbudaço), Anthony Kiedis e Chad Smith, em Los Angeles

EU ODEIO OLIGOPÓLIOS.
E QUANDO SOUBER O QUE É ISSO VOU ODIAR MAIS AINDA.



É melhor você começar a ler o Estadão.

O mundo está ficando muito mais inteligente.
O mundo está ficando muito mais complicado
Você precisa de um jornal que seja muito mais jornal.

ESTADÃO
É muito mais jornal.

LANÇAMENTOS

Dr. PRINCE & Mr. ♀

Ao trocar de nome e de identidade, Prince perdeu o rumo. Irrelevante e obsoleto em uma época já povoada por músicos mais aventureiros e *entertainers* mais chocantes, quando antes era ele quem dava as cartas para a música do futuro e fazia cair os queixos vestindo *lingerie*, ou então pregando a salvação pela sacanagem.

O "artista-que-costumava-se-chamar-Prince" é hoje um fantasma do seu próprio passado, reciclando os seus antigos trabalhos e prometendo uma reinvenção revolucionária que jamais acontece.

O fato de seu maior sucesso ter sido "The Most Beautiful Girl In The World" – tema utilizado no concurso de Miss Universo – mostra o quanto o atual artista está distante daquele Prince que conseguiu criar músicas como "Controversy" e "Head".

O álbum *Come – 1958/1993* é uma espécie de ressurreição e enterro definitivo de Prince – lançado mais para contra-atacar os fracassos sucessivos de ♀.

O disco deve ser o último a ser creditado a Prince, que parece que vai assumir de forma definitiva o símbolo ♀ como nome artístico.

E afinal, pouco se salva neste constrangedor disco-conceitual, "dedicado ao orgasmo". As possíveis exceções talvez se encontrem no funk básico e irresistível de "Loose" e também em uma bem bolada composição chamada "Phenomerome". *José Emilio Rondeau*

PRINCE

Warner ○ ● [N]

Come – 1958/1993

CD-ROM

♀

Graphic Zone/Compton's New Media [ ]

Interactive

O primeiro projeto interativo da carreira de ♀ é bem menos brilhante do que seus discos. Muito mais devido à falsa idéia de ação e de aventura que os fabricantes de CD-ROM passam nas propagandas do que por incompetência ou falta de criatividade. A idéia de permitir que o usuário invada a privacidade do *megastar* é boa, mas apesar das quase quatrocentas possibilidades de movimentos, o programa não traz tanta interatividade quanto se imagina.

♀ aparece com várias maquiagens de diferentes fases da sua carreira e conduz o usuário para dentro de reproduções virtuais dos cômodos originais da sua mansão. Lá é possível xeretar desde o guarda-roupas do artista até despir duas vocalistas gostosas que aparecem de calcinha e sutiã.

Ao clicar quadros, livros e outros objetos, aciona-se parte da história da carreira de ♀, com trechos dos seus principais clips, quando ainda se chamava Prince.

Para maiores informações, contate *Itautec – Fone: (0800) 12-1444.* *Robert Halfoun*

H.Q.

VÁRIOS

Piranha Music/DC Comics [1]

Prince: Three Chains Of Gold

Gente, como o Prince é fodão! Além de cantar, produzir discos e ser (pèssimo) ator, o tampinha agora ataca de herói dos quadrinhos. O resultado saiu pior do que as patacadas do Kiss. Prince ajuda uma princesa do Oriente a derrubar o tio dela – tirano de fazer inveja ao vilão de *Aladdin*. Na aventura, usa todo seu físico "privilegiado" para bater em árabes e até dar autógrafos aos fãs em pleno deserto. Nem *Super Homem* tem tanta mentira. *Sergio Martins*

ROCK'N'ROLL PARA O PARAÍSO

Young: o velho mestre em tributo a Kurt Cobain

NEIL YOUNG AND CRAZY HORSE

Reprise/Warner

Sleeps With Angels

No final de abril passado, após a *overdose* quase fatal sofrida por Kurt Cobain em Roma, Neil Young tentou entrar em contato com o mentor do Nirvana. Por uma questão de dias, o encontro não se realizou e, logo depois, Kurt se matou. Coincidentemente, em seu último bilhete, ele reproduzira dois versos que Young dedicara a Johnny Rotten, dos Sex Pistols, quinze anos atrás. "It's better to burn out/Than to fade away" ("É melhor se queimar do que evanescer").

Se a *blitzkrieg* do punk rock consumiu-se nas suas próprias chamas, Kurt levou às últimas consequências a interpretação daqueles versos em sua nota suicida. E, como um tocante tributo póstumo para Cobain, Young dedicou-lhe este *Sleeps With Angels*.

A faixa-título, maior referência ao suicídio do líder do Nirvana, é uma espécie de resposta de Young à trágica leitura que Kurt fez dos seus versos – comentando a relação dele com a mulher, Courtney Love – ao mesmo tempo que traz um tributo ao som do grupo de Seattle na levada distorcida de Neil e do Crazy Horse.

A morte é um tema recorrente ao longo de todo o álbum, em canções como "Driveby" (sobre o assassinato de uma garota) e na balada "Western Hero" – cuja melodia se repete em "Train Of Love" (dedicada à sua mulher, Pegi). Mas a homenagem a Cobain parece prosseguir na letra de "Change Your Mind", com quase quinze minutos, repletos dos solos faiscantes de Young, que remetem a obras-primas do guitarrista, como *Everybody Knows This Is Nowhere*, *Tonight's The Night* e *Zuma*.

Balizado por dois delicados temas puxados ao piano ("My Heart" e "A Dream That Can Last"), o disco ainda retoma as detonações guitarrísticas em "Piece Of Crap" e "Blue Eden", enquanto mordidas instrumentais mais sofisticadas envolvem canções como "Trans Am" e "Prime Of Life" (esta até com flauta!).

Com quase 50 anos nas costas, o velho Neil comprova a cada álbum que mantém intacta a chama criativa, com inquietude e arrojo pouco – ou nada – comuns à esmagadora maioria dos artistas de sua geração. *Celso Pucci*

MORPHINE

Rykodisc/Natasha

Cure For Pain

Em 89, saiu por aqui o disco de um obscuro e curioso quarteto de Boston, Treat Her Right, que fazia uma espécie de blues não ortodoxo, com ênfase no uso de uma percussão grave e uma segunda guitarra no lugar do baixo.

O trio Morphine é a continuação desta idéia peculiar, mas troca as guitarras pelo baixo, tem um saxofonista e agrega jazz e funk ao blues. Este é o segundo álbum do baixista/cantor Mark Sandman (que já morou no Brasil) e do baterista Billy Conway, mais Dana Colley no sax. Antes que outros se atrevessem, criaram para si o rótulo *low rock*, que tenta explicar um som denso e instigante. *Sérgio Barbo*

VARIOS

Mercury/PolyGram

In The Glory Of Gershwin

Gershwin, o maior compositor americano de todos os tempos, tinha formação clássica e a visão moderna de quem acompanhava – e atuava – no crescimento do jazz nos anos 20.

Agora, celebrando os 80 anos do amigo e músico Larry Adler, o produtor George Martin reuniu figurinhas carimbadas da cena pop para interpretarem temas de Gershwin. Apesar de nomes como Sting, Peter Gabriel e Sinéad O'Connor – exceto Robert Palmer e Jon Bon Jovi, em babas "modernosas" –, o disco não é pop. Os arranjos originais foram mantidos e as melodias valorizadas. *Robert Halfoun*

SOUNDS OF BLACKNESS

A&M/PolyGram

Africa To America: The Journey Of The Drum

Da mãe África aos ritmos que sacodem a América hoje, Sound Of Blackness é um coral de quarenta vozes que surgiu em Minneapolis há 23 anos. "Descoberto" pelos produtores Jimmy Jam eTerry Lewis, lançou dois discos, esteve na trilha de *O Estranho Mundo De Jack*, cantou com Daryl Hall em "Gloryland" – tema da Copa de 94 – e chegou à perfeição neste álbum, que vai do afro ao *gospel*, do soul ao rap, do jazz ao *swing*. Destaque: Ann Bennet-Nesby no canto de escravos ("Sun Up To Sundown") no blues ("The Lord Will Make A Way") e na *swingbeat* ("I Believe"). *Sérgio Martins*

VARIOS

Atlantic/Warner

Buyaka — The Ultimate Dancehall Collection

Após Shabba Ranks e Ace Of Base brilharem nas FMs, está claro que *dancehall* bate nos ouvidos daqui. Aqui temos candidatas a hits do próximo verão. A maior: "You Don't Love Me (No, No, No)", resgate da veterana Dawn Penn, com uma levada impossível de se ouvir uma vez só. E há dois dos melhores cantores da ilha, agora: Garnett Silk (no *roots reggae* "Hello, Mama Africa") e Beres Hammond (realçando o fascínio jamaicano pelo soul em "Putting Up A Resistance"). *Cláudio Campos*

Lauryn (à frente), escudada por Wyclef e Prakazrel

FUGEES (TRANZLATOR CREW)

Ruff House/Columbia

Blunted On Reality

Dois primos haitianos e a "noviça rebelde" de *Mudança De Hábito 2* formam a melhor estréia rap de 94. Os Fugees ("os refugiados") combinam batidas pesadas de *dancehall*, samples de jazz, vocais de reggae e muita criatividade, superando as comparações com o Arrested Development e os Digable Planets. O discurso "anti-gangsta" e o uso extensivo dos *toasts* jamaicanos repercutem como influências do rapper KRS-One, mas há pontos de bastante originalidade: "Vocab" – que é o primeiro rap construído sem *breaks* ou *beats*, tendo como base apenas violões – e "Some Seek Stardom", faixa que mistura o baixo de uma canção de Lou Reed com metais jazzísticos e um vocal *scat* que se compara a Ella Fitzgerald, da cinematográfica Lauryn Hill. *Marcel Plasse*

Yo! Brasil

RACIONAIS MC's

Zimbabwe/Warner

Racionais MC's

THAIDE & DJ HUM

Hip Hop Brasil

Brava Gente

Dois dos principais representantes do rap paulista – Racionais MC's e Thaide & DJ Hum – chegam às lojas para provar que o gênero se consolidou no país. Os Racionais MC's ganham, em CD, uma compilação de seus três discos – *Holocausto Urbano* (90), *Escolha Seu Caminho* (92) e *Raio X Do Brasil* (94). Para os leigos, é uma ótima oportunidade de se conhecer melhor o trabalho do grupo. Uma falha: faltaram as letras no encarte. Mas é bom ter em formato CD finalmente, músicas como "Pânico Na Zona Sul", "Racistas Otários" e os hits "Fim De Semana No Parque", "Mano Na Porta Do Bar" e "Homem Na Estrada".

Quanto a Thaide & DJ Hum, seu quarto álbum, *Brava Gente*, prova que a dupla foi capaz de evoluir. Muito da qualidade – justiça seja feita – deve-se à boa produção de DJ Hum, que é bala. Destaque para as faixas "Verdadeira História", "História Do Brasil" e – a melhor do disco – "Soul Do Hip Hop", um resumo da evolução do gênero no Brasil. *Jeferson De Sousa*

A JAMAICA É AQUI?

EUGENIUS

Atlantic/Warner

Mary Queen Of Scots

Eugene Kelly era um dos compositores favoritos de Kurt Cobain, a ponto do Nirvana até ter gravado três músicas de sua primeira banda, Vaselines. Eugenius, seu novo grupo, é mais distorcido, mas não chega ao grunge.

O segundo álbum traz o orgulho escocês no título, em letras que são verdadeiras odes à geografia do país e no estilo de voz hesitante/murmurado que lembra o deserto musical da geração *anorak* de 86, principalmente o grupo The Pastels. Soa datado. *Marcel Plasse*

CIDADE NEGRA

Epic

Sobre Todas As Forças

NOMAD

Tinitus

Nomad

WORUBU

Tinitus

Worubu

É louvável que tenhamos boas bandas de reggae e que elas lancem discos. Cidade Negra é a que se deu melhor apesar de Toni Garrido, cantor substituto de Bernardo, ser medíocre e inexpressivo, o grupo investe em ritmos como o samba e o *lover's rock* (na balada "Onde Você Mora", de Nando Reis e Marisa Monte), além de usar *samples* de Freddie King ("Mucama", com a participação de Gabriel O Pensador). Shabba Ranks enriquece a faixa "Downtown" com sua ladainha melódica e o Skank empresta os sopros para "Luta De Classes".

Falta peso ao álbum do Nomad, o que não ocorre com eles ao vivo. E há canções que não resistiram ao tempo, como "Pérolas" e "Ficou Pra Trás". Destaques do disco: "De Que Lado", o baião eletrônico "Quatro Letras" e a versão de "Charles Jr.", de Jorge Benjor.

Quanto ao Worubu, a despeito de serem bons músicos e fundirem reggae com baião e outros ritmos brasileiros, versos como "Se a Adriana esteve ou não esteve" e "O meu amor é como Rai/Quem tem não dispensa" comprometem sua credibilidade. *Sergio Martins*

TRAFFIC

Virgin/EMI-Odeon

Far From Home

Se o Cream foi o grande divulgador do blues rock e das *jam sessions*, o Traffic idem, no rock com influências de jazz e elementos africanos ou latinos. Numa coincidência daquelas que se programadas não dariam certo, ambos estão voltando com formação não muito diferente, e ambos com seus líderes (embora o grupo de Jack Bruce atenda por BBM). O Traffic mantém o multi-instrumentista e cantor Steve Winwood e o baterista Jim Capaldi – só faltaram o flautista Chris Wood (falecido em 83) e o contrabaixista Dave Mason, hoje no Fleetwood Mac.

Mesmo não alcançando a altura de álbuns como *Mr. Fantasy* (67) ou *The Low Spark Of High-Heeled Boys* (71), este *Far From Home* é bem decente, sem nostalgias ou "modernices". Winwood mantém-se em forma e não faltam faixas para mexer com a monotonia usual das FMs, como "This Train Won't Stop" (que parece sobra do disco *Back On The High Life*, de Winwood) ou a instrumental "Mozambique" (nada a ver com aquela canção homônima de Bob Dylan). *Ayrton Mugnaini Jr.*

Nas letras e grooves do disco de Nas, um passeio pela "barra pesada" de Nova York

O trigo e o joio do rap

NAS

Columbia

Illmatic

MC BREED

S.D.E.G./Top Tape

The New Breed

B.G. THE PRINCE OF RAP

Epic

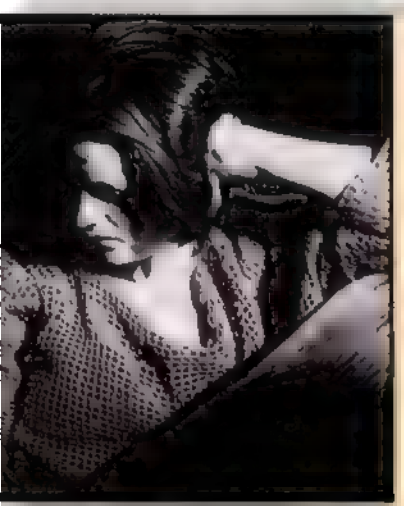
The Time Is Now

Rap verde. Esta é a mais nova descoberta das gravadoras. Você duvida? Dê uma olhada nestes recentes lançamentos. Por ordem de qualidade: *Illmatic*, do Nas, é um disco que qualquer fã de rap quer na discoteca. Direto, dinâmico, suingante e bem produzido.

A produção, aliás, traz "bam-bam-bans" do quilate de Q-Tip (A Tribe Called Quest), Large Professor e MC Search. Letras barra pesada (para variar...) e um irresistível *groove* em faixas como "The World's Yours", "Life's A Bitch" e "One Time 4 Your Mind".

Já o álbum *The New Breed*, de MC Breed, é bem menos entusiasmante. Há boas melodias, especialmente nas canções em parceria com Warren G, o novo dono das paradas. No entanto, depois de uma audição, você começa a achar que, se dependesse do cara, o rap ia ser um pouco tedioso.

Quanto a B.G. The Prince Of Rap, pode-se dizer que, de rap, ele só tem o nome. É puro tecno europeu para FMs aeróbicas. Uma dica: nunca confie num *rapper* que está sem camisa na capa do disco. *Jeferson De Sousa*


Dolores: charme e vibrato em vocais afinadíssimos

Canto de sereia

THE CRANBERRIES

Island/PolyGram

Everybody Is Doing It, So Why Can't We?

Para os ouvidos extenuados, o quarteto irlandês The Cranberries surge como um tipo de bálsamo. Embora ele não apresente nada propriamente inédito (pois bandas como Opal, The Sundays e Shelleyan Orphan percorreram trilha semelhante há tempos), o requinte da produção, a delicadeza dos arranjos, além do inegável charme da cantora Dolores O'Riordan, fazem deste debut uma agradável surpresa.

Afinadíssima, ela conjuga a técnica do vibrato a melismas que remetem às sereias Liz Frazier (Cocteau Twins) e Caroline Crawley (Shelleyan Orphan). Dolores não perde seu tempo com obviedades. Em especial nas faixas "I Still Do", "Put Me Down", "Waltzing Back" e "Pretty", ela chama a atenção quando sua voz serpenteia em meio às texturas climáticas formuladas pelas guitarras e pelos violões de Noel Hogan.

Mais do que uma mera *overnight sensation*, o quarteto se impõe graças a uma sonoridade lânguida, francamente melancólica, que revela seus integrantes com os pés fincados naquela tradição do *folk rock* europeu e de rebuscadas baladas pop. *Arthur G. Couto Duarte*

A banda de Chris Barron (*no alto, à direita*): nada de novo

Erro médico

SPIN DOCTORS

Epic

Turn It Upside Down

Tem gente que não se toca. Depois de dois álbuns fraquíssimos – *Pocket Full Of Kryptonite* e *Homebelly Groove* –, o quarteto nova-iorquino Spin Doctors volta com um disco para não dizer absolutamente nada de novo. *Turn It Upside Down* bate na mesma tecla dos seus dois antecessores. Chega a parecer brincadeira, mas não é.

Em busca do sucesso garantido, a banda do vocalista e dublê de rabino Chris Barron faz o mesmo *funky rock* descaracterizado de personalidade que a celebrizou. A verdade é que – mais uma vez – o fantasma do hit "Two Princes" se faz sentir durante toda a audição do disco.

A "música de trabalho" de *Turn It Upside Down* é "inspiradíssima": "Cleopatra's Cat", cujo clip você já deve ter visto por aí. "O gato da minha namorada é mais esperto que eu", diz César na canção. Pois é, parece que o imperador romano não era o único a ter um cérebro menor que o de um gato. Os meninos dos Spin Doctors que o digam. *Hélio Gomes*

"AXÉ-BABA"

A musa baiana num disco bem-produzido, mas inócuo

DANIELA MERCURY

Epic

Musica De Rua

Quando Tim Maia gravou em seu último disco "O que vem da Bahia/É do bom", devia estar se referindo ao miraculoso "cabobró vermelho" e não a Daniela Mercury. Esse segundo disco da multiplatinada musa da "axé-baba" parece trilha de especial da Globo, de tão inócuo e bem-produzido. Liminha, o responsável, se revela um tremendo picareta eclético, produz o Sigue Sigue Sputnik, toca com os Titãs e compõe para Daniela. Só podia dar no que deu! Exemplo: "Tem Amor" faz nascer um novo gênero – o "tecnoafropop".

Cruz credo! O disco tem de *slaps* de baixo, teclados enervantes, guitarras agudinhas, "iaias-ioiôs", saudações ao lié ... E o pior: uma balada do Herbert Vianna, como no seu primeiro álbum. Nada de tão horrível se isso não fosse invadir rádios, trilhas de novelas e – a seguir – shopping centers, festas de fim de ano da família de sua mulher e o som do seu vizinho! Não há faixa de destaque. São todas "a mesma merda" (no bom sentido) mas com uma vantagem: nenhuma é de Fausto Fawcett, Nando Reis ou Arnaldo Antunes. Não se fazem mais Gal Costas como antigamente. Axé, *oh yeah!* *Alexandre Rossi*

KYUSS

Elektra/Warner

Sky Valley

Este é o terceiro álbum da chapada banda que foi formada em pleno oásis californiano de Palm Springs. O Kyuss parece ser um tipo de "Iron Butterfly da era grunge", autor de épicos que ocupam lados inteiros de um vinil.

Sky Valley tem apenas três faixas, divididas em vários movimentos, todas repletas de um heavy metal lento e psicodélico. A viagem que é suger da pelos caras lembra uma espécie de *new age* metálica.

Ao contrário de *Monster Magnet*, álbum com o qual este lançamento tem semelhanças, o vocal de Josh Homme não é escarrado como antes, mas melódico.

Isso talvez torne o som produzido agora pelo Kyuss bem menos doloroso aos ouvidos dos fãs de Pearl Jam. *Marcel Plasse*

VARIOS

Warner

Rap Attack

A coletânea com alguns grupos que marcam presença constante no programa homônimo da emissora paulista Nova FM mostra que seus produtores entendem do assunto. Doze faixas bem-selecionadas com hits como "Who Am I (What's My Name)?" (Snoop Doggy Dogg), "Jump Around" (House Of Pain) e "Hip Hop Hooray" (Naughty By Nature). Outras menos conhecidas, mas de qualidade, são "Ruffneck" (MC Lyte), "Mistadobalina" (Del Tha Funkee) e "Keep Ya Head Up" (2 Pac). Nota: algumas faixas só chegaram por aqui via importação. Boa pedida para festas. *Jeferson De Sousa*

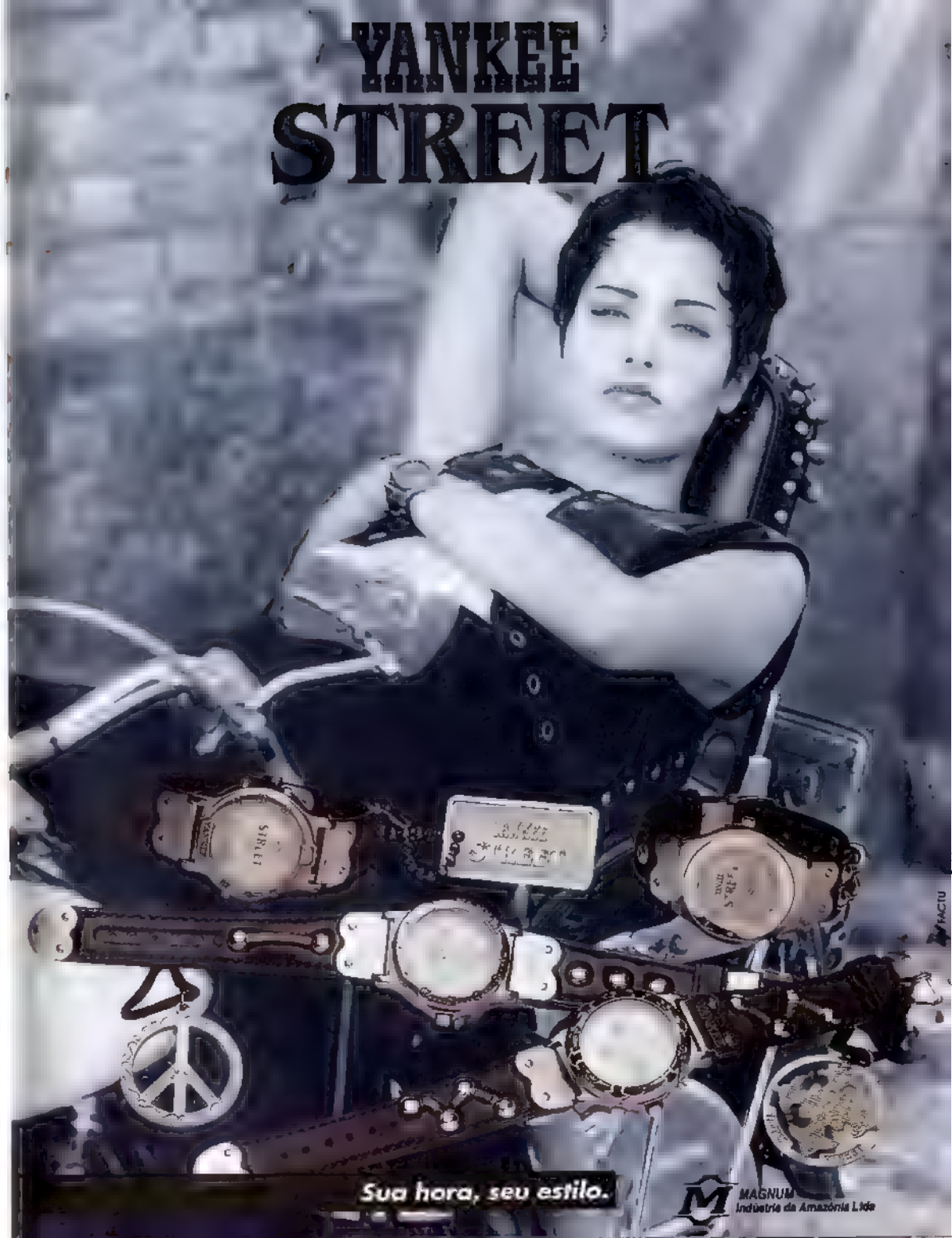
VARIOS

Paradoxx/Warner

Strictly Rhythm – The Sound Of New York

Coletânea com os melhores lançamentos do selo nova-iorquino Paradoxx, um dos mais conceituados entre os DJs do mundo inteiro e precursor do *garage* (*house* sofisticado com uma alta dosagem de vocais).

O conteúdo é brilhante, com nomes como Reel 2 Real, Smooth Touch, Erick Morillo e Aly-Us. Há alguns dos maiores clássicos do estilo que – apesar de terem sido lançados no exterior há algum tempo – irão garantir faixas que sustentarão sua dança pelos próximos seis meses, no mínimo! *Lourival C.S. Júnior*


YANKEE
STREET
Sua hora, seu estilo.
MAGNUM
Indústria da Amazônia Ltda

SUICIDAL TENDENCIES

Epic

Suicidal For Life

Mike Muir, o bonitão que enfeia a capa do novo disco de sua banda Suicidal Tendencies, parece que aprendeu a falar palavrões ontem, após uma infância repressora. A palavra "fuck" aparece 73 vezes em 49 minutos de pancadas! Para que tanta raiva? Agora, eles aguaram o seu lado animal e ameaçam virar *mainstream*.

Devem até estar tirando um dinheirinho. Talvez da crítica que detonou o disco anterior, *The Art Of Rebellion*, aquela bosta! Este é bem melhor, vide "Fucked Up Just Right", onde imperam solos distorcidos – e não pernósticos.

Produzido por Paul Northfield (o mesmo da outra banda de Muir, Infectious Grooves), este disco faz pensar: porque os Infectious Grooves não se tornam o grupo principal de Mike e este o "projeto paralelo"? ALEXANDRE ROSSI

chamado selvagem

Outro petardo da banda de Grant Lee Phillips (ao centro)

GRANT LEE BUFFALO

Slash/London

Mighty Joe Moon

Nos anos 90, são poucos os grupos que, após um ótimo álbum de estréia, conseguem repetir a dose. É praticamente impossível para esses privilegiados, depois de uma obra-prima inicial, criar outra.

Como que por um milagre do destino, o trio californiano Grant Lee Buffalo quase logrou essa façanha. Quase porque o antecessor *Fuzzy* é um dos melhores trabalhos da década.

Aqui neste seu disco mais recente, faltou apenas aquele espetacular toque de pop que transformava cada faixa do primeiro álbum numa aventura de inesquecíveis sensações.

Mas esquecendo a premissa comparativa, *Mighty Joe Moon* é poderosíssimo. Um irritado monstrinho de emoções se deglutindo com as paisagens desertas do comportamento humano, um pequeno megatério que exorciza na música os sorrisos roubados da existência. É assim que funciona a psique do guitarrista/vocalista Grant Lee Phillips – um atormentado que lança *riffs* estilhaçantes em baladas que parecem ter decorado as cores do pôr-do-sol. Algo como se o cerne da música country fosse chicoteado pelas guitarras de Jeffrey Lee Pierce. A produção do baixista Paul Kimble manteve a a fórmula do primeiro álbum, sem excessos ou truques. Só o rústico sabor dos shows e alguns *overdubs*. Vide a sutil aura *bluesy* de "Lone Star Song", o lamento da *pedal steel guitar* em "Lady Godiva And Me" e o peculiar falsete de Phillips em "Mockingbird". FERNANDO NAPORANO

PORTISHEAD

Go! Beats

Dummy

Deve ser alguma coisa na água da cidade de Bristol, na Inglaterra.

Por que os músicos locais são tão chegados e tão bons – em criar climas lânguidos, espaçados e grandiosamente melancólicos? Basta tomar como exemplo o Massive Attack. Ou procure escutar o grupo Smith & Mighty. E chore muito com o Portishead (pronuncia-se "portis-hêd", não "portichêd"), que é a mais recente revelação de Bristol.

A cantora Beth Gibbons vem da escola de Billie Holiday em atitude vocal. Os timbres que ela consegue atingir expressam derramamento *cool* de tristeza e um sufoco interno que fazem o ar à sua volta parecer parado.

O som que a acompanha é altamente estiloso, uma trama que engloba desde teclados antigos "mal-assombrados" até samples atmosféricos de Isaac Hayes e de Lalo Schifrin, passando por sons tirados das trilhas sonoras daqueles filmes de segunda dos anos 60 e 70.

Mas ainda outras influências são notáveis na música do Portishead: lampejos de jazz, batidas e *scratches* característicos do hip hop, migalhas de *dub* e/ou os *backing vocals* minimalistas dos outros membros da banda.

Confesso que nunca ouvi nada igual aos climas de faixas como "Numb", "Pedestal" e "Mysterious", onde a melancolia consegue ser *funky* e as ambiências dos *grooves* trazem à cabeça imagens em *technicolor* de vários filmes e de seriados televisivos, como *O Último Tango Em Paris* e *Starsky & Hutch*. CAMILO ROCHA

TRILHAS SONORAS

VANGELIS

Eastwest/Warner

Blade Runner

Doze anos depois do filme *noir* futurista de Ridley Scott, eis que o "trilheiro" grego Vangelis – que arrebatou o Oscar com o *score* musical de *Carruagens De Fogo*, em 81 – resolveu lançar uma trilha "ampliada" do filme, incluindo material próprio que nada tinha a ver com aquela produção.

OK, se o próprio diretor já havia editado uma versão "alternativa" da fita, com cenas que foram "limadas" no original, por que não conceder tal direito ao autor da trilha?

Então é que ele adequou bem as adições ao original, usando as vozes de Mary Hopkin ("Rachel's Song") e até do seu ex-parceiro no Aphrodite's Child, Demis Roussos ("Tales Of The Future")! CELSO PUCCI

VÁRIOS

Nonesuch/Elektro

Blue

A trilha de *Blue*, de Derek Jarman, um filme-testamento praticamente sensorial, é quase a transposição do longa para o CD.

Traz um extenso texto do diretor – recitado por Jarman e seus atores habituais Nigel Terry e a belíssima Tilda Swinton (*Orlando*) –, que trata de sua relação com o mundo e com a Aids. Jarman estava quase cego ao fazer o filme, totalmente dominado pela cor azul. Esse monocromatismo está nas texturas do CD, que mescla idéias, sons dispersos e rompantes melódicos de Simon Fisher Turner, músico habitual de Derek. Há mais: "Gnossiennes" (Erik Satie), "Disco Hospital" (Coil) e um tema de Brian Eno, "Triennale". Trilha pouco convencional e obrigatória. CHRISTIAN PETERMANN

Johnston: letras imprevisíveis e melodias bem tecidas

LÍNGUA AFIADA

FREEDY JOHNSTON

Elektra/Warner

This Perfect World

Num dado momento, ele estava sem dinheiro e não hesitou em vender a fazenda herdada de seu avô para pagar os músicos da banda que o acompanhava e gravar seu segundo e aclamado disco: *Can You Fly?*, tido como um dos melhores de 91 nos Estados Unidos. Depois, seguiu sua carreira que desembocou neste *This Perfect World*, o primeiro álbum por uma grande gravadora.

Trata-se de uma coletânea de histórias como a citada acima, algumas mais trágicas ou patéticas. Por trás de melodias bem tecidas, boas guitarras e um pop/folk/country aparentemente alegre, ele vai desfiando as letras mais imprevisíveis, como na música-título, em que um assassino expõe seu próprio remorso para a filha. Ou em "Evie's Tears", em que uma mulher – depois de ter sido violentada por um padre – não consegue mais se adaptar ao mundo. DANIEL BENEVIDES

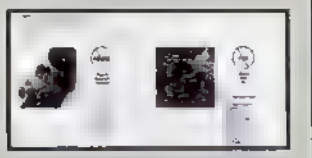
Vídeo Aulas
MPB VÍDEO
LANÇAMENTOS
FAISKA
SUPER LICKS
FLÁVIO GUIMARÃES
GUITA BLUES ROCK COUNTRY
DUDA NEVES
UMA HORA DE ESTUDO
SLIDE GUITAR
OTÁVIO ROCHA
SLIDE GUITAR
O CONTRABAIXO COMPLETO
JORGE PESCARA
PROGRAMAÇÃO DE SINTETIZADORES
FÁBIO RIBEIRO
SHACKLE POINT
JOE MOGHRABI
E MAIS 30 TÍTULOS
MPO VÍDEO
M.P.O. VÍDEO
FONE: (011) 263-1522
FAX: (011) 62-7608

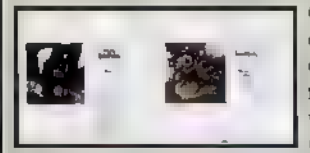
DICIONÁRIO GUITARRÍSTICO

Vamos começar pelas guitarras: a do californiano **ROY ROGERS** – que já esteve tocando por aqui – é a melhor. No CD **Slide On This** (Liberty/EMI-Odeon), ele mostra ser fera na *slide guitar* na levada *à la* Bo Diddley de "Don't Give It Up", na acústica "Stones In My Pass Way" e na bela faixa-título instrumental 😃 Já **EARL KLUGH**, pega mais maneiro, num estilo de jazz *funky* que resvala em Wes Montgomery e George Benson. No CD **Move** (Warner) destacam-se duas versões de "Across The Sand" encontros insólitos do som da guitarra de Vini Reilly (Durutti Column) com temas afro 😃 Hora de passar para o violão: a esse, **LISA ONO** – nada a ver com a "mala" da Yoko – faz sucesso no Japão cantando samba e bossa-nova! **Brazil** (RCA/BMG-Ariola) reúne gravações de discos anteriores da moça, inclusive canções próprias em parceria com Paulo César Pinheiro, onde ela não faz feio, encarnando uma espécie de "Nara Leão nipônica" 😃 Quem se deu mal mesmo foi **AL JARREAU** no disco ao vivo

Tenderness (Warner). Apesar de ser acompanhado por gente como Marcus Miller (que além de tocar baixo e teclados, assinou os arranjos e a produção), o cantor se perdeu em seu "ecletismo", com as versões *scat singing* de um repertório absurdo – que ia de "Summertime" até hits de Otis Redding ("Try A Little Tenderness"), Elton John ("Your Song") e – um espanto! – "Mas Que Nada", de Jorge Ben (atual Benjor) 😐 **TOAD THE WET SPROCKET** é um quarteto americano que tem até certo respeito na cena do rock atual. Mas é inegável a pecha de "sub-R.E.M." que geralmente é atribuída a eles. Ouça **Dulcinea** (Columbia) e comprove que isso era tudo que Glen Philips e sua turma queriam da vida 😐 O trio **ANARCHY SOLID SOUND**,

vindo de Niterói (RJ), detona um som adrenalínico cuja referência principal é claramente The Stooges. **Em Be Honest With Yourself** (Tinitus), há faixas que são pauladas brutais – como "Night School" e "Our Share". Pena que a produção tenha deixado o som dos caras um tanto "achatado" 😐 Um outro trio da Tinitus, **MÚSICA LIGEIRA** faz um interessante trabalho de MPB com entonações erudi tas (usando viola e violoncelo), que é valorizado pela presença de Mário Manga (ex-Premê). Apesar das "pisadas na bola" nas versões sambísticas de canções de Paul Simon e dos Beatles, seu CD homônimo restaura o valor do grupo, em temas de mestres como Paulinho Da Viola ("Quatorze Anos"), Cartola ("Amor Proibido"), Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira ("Qui Nem Giló") e outros 😐 Sem meias palavras: o grupo **BOSTON** sempre foi "uma bosta", fazendo aquele heavy-pop progressivo próprio para anúncios de cigarros. Mas neste **Walk On** (MCA/BMG-Ariola), eles extrapolaram! Além da baba musical habitual, os caras ainda gastaram quatro páginas do encarte do CD *(veja abaixo)* para promover campanhas do tipo "não abuse de crianças" (aiô, aiô, Michael Jackson!), "não compre peles", "não coma carne" e "não cace por esporte". Vá ser "politicamente correto" assim lá no inferno 😐 • E por falar em danação, o cantor do Journey, **STEVE PERRY** lança seu segundo álbum-solo. **For The Love Of Strange Medicine** (Columbia).





Com tal martírio auditivo – somente igualável ao que pratica no seu grupo –, a figura espera vender mais de dois milhões de cópias, marca alcançada pelo seu trabalho individual anterior. Como dizia a velha máxima: "bilhões de moscas não podem estar erradas! Coma merda!" 😐 *Celso Pucci*

GRAVADORAS INDEPENDENTES ■ **Hip Hop Brasil** – R. General Jardim, 427/Fone: (0 11) 256-3573 • São Paulo (SP) ■ **Natasha** – R. Dias de Barros, 43-A, Fone/Fax: (021) 242-5525, Rio de Janeiro (RJ) ■ **Tinitus** – R. Teodoro Sampaio, 833/Fone: (011) 851-2577, São Paulo (SP)

CAMISETAS ESPECIAIS

LANÇAMENTOS EXCLUSIVOS!

RECEBA PELO CORREIO - PAGUE AO RETIRAR
PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES
FONE: (011) 299-7478

MALHA MERCERIZADA

TAMANHOS P M G

TE 71 TE 76 TE 73 TE 69 TE 72 TE 65 TE 77 TE 66 TE 68 TE 62 TE 60 TE 64 TE 67 TE 49 TE 59 TE 63 TE 70 TE 61 TE 39 TE 43 TE 42 TE 53 TE 47 TE 17 TE 50

671 FRENTE 677 674 659 662 670 628 602 629 356 673

PREÇOS

MANGA CURTA (MC)	R$ 12,00
MANGA LONGA (ML)	R$ 15,00
ESPECIAL M CURTA(TE)	R$ 18,00
ESPECIAL M LONGA(TE)	R$ 22,00

ENVIE O CUPOM AO LADO OU XEROX P/
STAMP - RUA HELIODORA, 321
CEP 02022-051 SÃO PAULO SP

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO
PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGENCIA
MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA

REF	TAM	MOD	REF	TAM	MOD

NOME

END

CEP CID EST

Stamp Rock Wear

bolsa de discos

Média	Disco	SÉRGIO MARTINS Bizz	CELSO PUCCI Bizz	HUMBERTO FINATTI Interview	LUÍS ANTONIO GIRON Folha de S. Paulo	HAGAMENON BRITO Correio da Bahia	APOENAN RODRIGUES Isto É	ZECA CAMARGO TV Cultura, SP	ANTONIO C. MIGUEL O Globo, RJ	ROGÉRIO DE CAMPOS General	LAURO LISBOA Jornal da Tarde
8,60	**LEONARD COHEN • Cohen Live – Leonard Cohen In Concert** (Columbia)	8	9	9	10	10	10	9	8	6	7
7,30	**CAETANO VELOSO • Fina Estampa** (Philips/PolyGram)	•	3	10	9	7	8	6	10	6	7
6,70	**BARÃO VERMELHO • Carne Crua** (Warner)	5	5	7	6	8	8	8	6	•	8
6,30	**RENEGADE SOUNDWAVE • Howyoudoin'?** (Mute/Warner)	7	7	5	2	7	•	8	5	8	8
6,00	**BBM • Around Next Dream** (Virgin/EMI-Odeon)	7	3	•	•	6	•	7	7	•	•
5,30	**JOÃO BOSCO • Na Onda Que Balança** (Columbia)	•	5	•	2	6	7	6	8	4	5
4,60	**BOINGO • Boingo** (Giant/Warner)	5	1	6	5	6	7	3	5	4	•
4,50	**PROFESSOR ANTENA • Professor Antena** (Plug/BMG-Ariola)	4	3	1	2	5	•	7	6	8	5
4,30	**LIVE • Throwing Copper** (Radioactivity/Warner)	5	2	2	5	6	•	6	4	5	•
3,70	**BRUCE DICKINSON • Balls To Picasso** (EMI-Odeon)	7	4	2	3	3	•	4	4	3	•

parada

EUA álbuns — 10/09 Billboard

1. VÁRIOS • The Lion King (Walt Disney)
2. VÁRIOS • Forrest Gump (Epic)
3. STONE TEMPLE PILOTS • Purple (Atlantic)
4. GREEN DAY • Dookie (Reprise/Warner)
5. ACE OF BASE • The Sign (Arista)
6. COUNTING CROWS • August And Everything After (DGC)
7. WARREN G • Regulate... G Funk Era (Violator)
8. CANDLEBOX • Candlebox (Maverick/Warner)
9. OFFSPRING • Smash (Epitaph)
10. SOUNDGARDEN • Superunknown (A&M)

EUA singles — 10/09 Billboard

1. BOYZ II MEN • I'll Make Love To You (Motown)
2. CHANGING FACES • Stroke You Up (Spoiled Rotten/Big Beat)
3. LISA LOEB & NINE STORIES • Stay (RCA)
4. COOLIO • Fantastic Voyage (Tommy Boy)
5. WARREN G • This DJ (Violator/Island)
6. DA BRAT • Funkdafied (So So Def/Chaos)
7. JOHN MELLENCAMP • Wild Night (Mercury)
8. ALL 4 ONE • I Swear (Blitzz/Atlantic)
9. 69 BOYZ • Tootsee Roll (Rip-It)
10. IMMATURE • Never Lie (MCA)

GB álbuns — 03/09 NME

1. PRINCE • Come (Warner)
2. WET WET WET • End Of Part One – Their Greatest Hits (Precious)
3. NEIL YOUNG & CRAZY HORSE • Sleeps With Angels (Reprise)
4. ETERNAL • Always And Forever (EMI)
5. BLUR • Parklife (Food)
6. VÁRIOS • The Glory Of Gershwin (Mercury)
7. CYNDI LAUPER • Twelve Deadly Cyns... And Then Some (Epic)
8. PUBLIC ENEMY • Muse Sick N Hour Mess Age (Def Jam)
9. STATUS QUO • Thirsty Work (Polydor)
10. [illegible]

GB indie — 17/08 DJ

1. [illegible]
2. [illegible] • [illegible] (Domino)
3. ORBITAL • [illegible] (Internal Dance)
4. STEREOLAB • Mars Audiac Quintet (Duophonic UHF)
5. MACHINE HEAD • Burn My Eyes (Roadrunner)
6. GARY NUMAN • [illegible] Collection (Numa)
7. VÁRIOS • [illegible] (Mute)
8. VÁRIOS • [illegible] Collection (Junior Boy's Own)
9. THE DRUM CLUB • Drums Are Dangerous (Butterfly)
10. VÁRIOS • [illegible] Of Paradise

COMO COMPRAR:

SEDEX (entrega urgente): junto ao seu pedido, envie cheque nominal à New Rock no valor total da compra. Pague as despesas postais somente ao retirar a mercadoria no correio. ENCOMENDA SIMPLES (entrega entre 15 e 25 dias): junto ao seu pedido, envie cheque nominal à New Rock no valor total da compra mais as despesas do correio (Região Sudeste: R$ 4, e nas demais regiões: R$ 5) e receba a encomenda em casa. IMPORTANTE! A encomenda só será enviada após a compensação do cheque e o pedido só será atendido mediante o envio do cheque nominal à New Rock.

TOTAL DA COMPRA: R$........ BZ-111

NOME:........
END.:........ Nº........
CEP:........ FONE:........
C.DADE:........ ESTADO:........
☐ ENCOMENDA SIMPLES ☐ SEDEX

MOD.	REF	COR	TAM

Tempos de majestade

- Nove CDs
- Trazem a melhor fase
- do rei do rock'n'roll

ELVIS PRESLEY! Elvis, Elvis e Elvis! Ao menos, em termos de lançamentos, os fãs brasileiros não podem reclamar. Agora surgem em CD os discos da fase mais importante do artista, que engloba o melhor da sua discografia pela RCA, de 56 a 59.

São músicas que já haviam saído antes, num lote de importações feito pela BMG-Ariola, em uma caixa chamada *The Complete Masters*. Entretanto, desta vez foram respeitadas todas as edições individuais, com a seqüência das faixas e as capas originais de cada álbum.

Ao todo são nove títulos, começando por **Elvis Presley** (56), que usou alguns fonogramas da gravadora Sun, por falta de material na RCA, que tinha acabado de comprar o passe daquele "cantor promissor", negociado por seu novo empresário, o implacável coronel Tom Parker.

"Mãos ao alto!": Elvis "enquadra" o coronel Parker, astuto monger que destruchou sua carreira

Uma amostra da importância e da influência de Elvis Presley

A capa do disco serviu depois, em 79, como inspiração para o álbum duplo *London Calling*, do quarteto punk The Clash.

O segundo álbum, **Elvis** (56), já continha só o material registrado em sua nova gravadora.

Por sua vez, **A Date With Elvis** (63) teve o título copiado no álbum homônimo da banda The Cramps, em 86. Sem contar a coletânea **50,000,000 Elvis Fans' Can't Be Wrong** (58), que teve a capa plagiada pelo mundo.

Estas homenagens são apenas uma pequena amostra da importância e da influência de Elvis no período em que o cantor tinha o domínio sobre a sua obra.

Canções do quilate de "Jailhouse Rock", "Heartbreak Hotel" e "Don't Be Cruel" são para a eternidade e o talento de Elvis pode ser medido também no restante do pacote, que inclui também trilhas sonoras – **Loving You** (57), **King Creole** (58) –, um disco natalino (**Elvis' Christmas Album**, de 57) e mais outras duas compilações do rei do rock'n'roll: **Elvis' Golden Records** (58) e **For LP Fans Only** (59). Juntamente com os primórdios na gravadora Sun – e fora o seu "período militar", a partir de 58 –, estes são os momentos mais espontâneos e inspirados de toda a carreira de Elvis Presley, antes dele se tranformar em um ídolo premeditado de matinês e naquele *crooner* adiposo de cassinos. *Sérgio Barbo*

Raul Seixas reaparece em CD com dois discos de versões e outro com as suas próprias composições

Meu nome é rock...

Raulzito volta arretado em três reedições

Nesses tempos de *revival* em cima da Jovem Guarda – vide o alarde causado pelo relançamento de 31 discos de Roberto Carlos –, nada mais oportuno que lembrar de **RAUL SEIXAS.**

A trilogia **30 Anos De Rock** (75), **Raul "Rock" Seixas** (77) e **Caroço De Manga** (coletânea, de 77) – discos da Acervo/PolyGram – põe o rock'n'roll de Raulzito no devido lugar. Os dois primeiros têm releituras de clássicos de Elvis, Carl Perkins, Little Richard, Carlos Imperial, Chuck Berry e outros intérpretes/compositores dos primórdios do rock'n'roll.

Em ambos os discos, Raul passeia por seu terreno preferido, unindo em *medleys* gravados ao vivo (*30 Anos De Rock*) ou em estúdio (*Raul "Rock" Seixas*) canções como "Rock Around The Clock", "Blue Suede Shoes", "Tutti Frutti" e "Long Tall Sally" ou "Rua Augusta" e "O Bom". Outro destaque é a união de "Blue Moon Of Kentucky" e "Asa Branca", de Gonzagão.

Já *Caroço De Manga* traz canções feitas por Raul – a maioria lançada na primeira metade da década de 70 –, como as fundamentais "Let Me Sing, Let Me Sing", "Loteria Da Babilônia", "Canto Para Minha Morte" e "Como Vovó Já Dizia", escritas durante o que viria a ser o seu apogeu criativo. Não por acaso, o letrista e escritor Paulo Coelho é o parceiro de Raul em várias faixas do disco.

O impacto é fulminante ao final da audição dos três CDs: nada como redescobrir nosso maior rocker. E como dirá o próprio Raul, "pode abrir a 51!". *Hélio Gomes*

Diamantes lapidados

O trabalho de um artesão de sucessos

Poucos compositores foram tão regravados como o americano **NEIL DIAMOND**.

E a Columbia lança por aqui três CDs dele: **Classics – The Early Years**, **Serenade** e **Jonathan Livingstone Seagull**.

O primeiro traz o começo de sua carreira, nos anos 60. São canções que foram hits com The Monkees ("I m A Believer"), Deep Purple ("Kentucky Woman") e UB 40 ("Red, Red Wine"), entre outras. Em 73, o compositor fez a trilha de *Jonathan Livingston Seagull* (aqui no Brasil *Fernão Capelo Gaivota*), onde a faixa "Be" foi o grande sucesso. Já *Serenade* saiu em dezembro de 74. Um disco mais reflexivo e "artístico", mas sem ser chato, que chegou em terceiro na parada americana e destacou o hit "Longfellow Serenade". *Paulo Cavalcanti*

Menino-prodígio

Caixa resgata a história de Steve Miller

Um dos maiores expoentes do rock americano durante os anos 60 e 70, a **STEVE MILLER BAND** fazia música psicodélica e, mais tarde, um pop básico, contagiante e absolutamente branco. Steve foi um menino prodígio – formou seu primeiro grupo aos 12 anos – que aprendeu sobre música e instrumentos com os amigos do pai, médico. Gente como T-Bone Walker e Les Paul (o professor de violão de Miller). A passagem destes personagens pela vida de Steve acaba sendo o filé da **Box Set** (Capitol), com três CDs e 64 faixas. Há os grandes sucessos – "The Joker", "Fly Like An Eagle", "Jet Airliner" –, mas as estrelas são um papo de Les Paul com Steve, quando ele não passava de um moleque de 5 anos, uma gravação de Walker na casa do guri e uma canção feita pelo geniozinho aos 4 anos: "Child's Music Medley". *José Emílio Rondeau*

O cavalo alado, símbolo da Steve Miller Band, na capa da caixa tripla

Clássicos

Erudito e subterrâneo

As várias faces de um músico clássico que aderiu ao rock

O problema, para o neófito em Cale, é saber por onde começar: seus álbuns se alternam entre registros semi-eruditos (*Church Of Anthrax*, *Academy In Peril*, *Words For The Dying*), intenso intimismo (*Music For A New Society*, *Fragments Of A Rainy Season*), pop luminoso (*Vintage Violence*, *Paris 1919*, *Wrong Way Up*, este em parceria com Brian Eno), new wave mutante (*Honi Soit*, *Artificial Intelligence*) e proto-punk invocado (*Fear*, *Sabotage* e a coletânea *Guts*).

Um bom jeito para se entender a trajetória do cara é através da coletânea dupla em CD **Seducing Down The Door** (Rhino), com 38 faixas (uma inédita, além de várias raras) e um maravilhoso livreto histórico, cheio de fotos.

Outro é ouvir o álbum mais recente dele, **Last Day On Earth** (MCA), em parceria com o instrumentista e cantor **BOB NEUWIRTH**. Apresentado como um "esboço para peça de teatro", o disco começa meio confuso, com instrumentais solenes e textos declamados. Mas sua absurda fusão de country e rock com percussões eletrônicas e música de câmara desemboca – afinal – no pop cristalino de "Short Of Time" e "Maps Of The World". E no melhor exemplo dessa alquimia, a sublime "Paradise Nevada", onde guitarras slide, banjo e harmônica colidem gentilmente com uma cama de sintetizadores abstratos. *Alex Antunes*

JOHN CALE e Lou Reed já trataram várias vezes: quando o primeiro "foi saído" do Velvet Underground, em 68; quando se reuniram para o álbum-homenagem a Andy Warhol, *Songs For Drella*, em 91; e até quando encerraram antecipadamente a turnê da volta do Velvet original, ano passado.

Por mais que o estopim das brigas pareça prosaico (grana, ciúmes autorais e da falecida vocalista Nico), a verdadeira divergência entre os dois é a forma de encarar a vida – e a arte. Não é à toa se essas personalidades excludentes conseguem produzir juntas, o resultado é genial.

Mas nem todo mundo sabe que o discreto galês Cale tem uma sólida carreira, com mais de vinte discos (incluindo parcerias, coletâneas e álbuns ao vivo) em 25 anos de atividades. De formação erudita, ele se desdobra na viola, baixo, guitarra e teclados, além de excelente cantor das próprias e perturbadoras letras.

Duas faces "misteriosas" de John Cale ao vivo: de "Jason" tocando guitarra e como *serial killer* ao piano

Raízes brasileiras

Três CDs na melhor tradição da MPB

Do samba ao rock, ou vice-versa. Três nomes que transitam à vontade entre os dois estilos têm ótimos trabalhos resgatados em CD pela Continental/Warner.

A começar do carioca **JARDS MACALÉ**, violonista/arranjador de mão cheia, que volta às raízes no álbum **4 Batutas & 1 Coringa**, reatualizando temas dos mestres sambistas Lupicínio Rodrigues, Nelson Cavaquinho, Geraldo Pereira e Paulinho Da Viola. Só as versões para "Dona Divergência", "Para Ver As Meninas (Samba Infinito)" e "A Flor E O Espinho" já valem o preço do disco.

Outros dois CDs reúnem destaques da MPB da "terrinha" em boas coletâneas. **TOM ZÉ** aparece em disco homônimo, que traz material de álbuns antológicos como *Se O Caso É Chorar* (72) e *Estudando O Samba* (74, *Discoteca Básica* da BIZZ 49).

Já a compilação **Mestres Da MPB**, apresenta a melhor fase dos **NOVOS BAIANOS**, mas peca pela ausência de hits como "Preta, Pretinha". *Celso Pucci*

Questão de alma

Vários motivos para a música soul despertar paixões

Definir a importância de **SAM COOKE** para o soul é difícil. Mas um bom começo é curtir a coletânea **All Hits** (Movieplay), que está sendo lançada agora no Brasil. São 22 hits do *soulman*, que colocava arranjos vocais complicadíssimos em melodias pop: ouça "Wonderful World", "Bring It On Home To Me" e "Having A Party" e comprove.

Único deslize: a falta de "A Change Is Gonna Come", bela canção anti-racismo, composta pouco antes de Cooke ser assassinado, em 63.

Já o encontro das vozes de **DIANA ROSS** e **MARVIN GAYE** no álbum **Diana & Marvin** (Motown/PolyGram) traz como curiosidade o fato de ser um álbum com duas vozes que nunca se cruzaram no estúdio – ambos gravaram suas partes em separado. Apesar de não ter a força de outros duetos de Gaye – que se saiu melhor com Mary Wells e Tami Terrell –, há os hits "Stop, Look, Listen" e "You Are Everything".

Mais Diana na trilha de **Mahogany** (Motown/PolyGram), filme estrelado pela cantora. O disco é mais conhecido pelo seu tema principal – "Do You Know Where You're Going To", que virou até trilha de novela – e pela presença de Jermaine Jackson, um dos irmãos menos talentosos de Michael. *Sérgio Martins*

Quem gosta de soul tem que levantar as mãos para o céu. **Innervisions** (73), um dos melhores álbuns de **STEVIE WONDER**, saiu por aqui, pela primeira vez em CD, via Motown/PolyGram. Nele, Stevie tocou praticamente todos os instrumentos, usou batida caribenha em "Don't Worry 'Bout A Thing", e fez os hits "Living For The City" e "All In Love Is Fair".

Pelo mesmo selo, saiu **The Greatest Hits**, coletânea de **SMOKEY ROBINSON AND THE MIRACLES**, com registros de 60 a 87. Há hits da fase com The Miracles ("The Tracks Of My Tears", "I Second That Emotion") e de Smokey solo ("One Heartbeat", "Cruisin'").

CURTIS MAYFIELD vem em dois CDs da Top Tape: **Live In Europe** traz registros de 87 e **Curtis Mayfield Of All Time – The Classic Collection** com as primeiras gravações solo por seu próprio selo (Curtom), no início dos anos 70. *Toninho Spessoto*

SWEET JANE
ROCK RECORDS
CD - CDSINGLE
AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM ROCK ALTERNATIVO, HARD, PROGRESSIVOS, TRILHAS SONORAS, GUITAR BANDS, TRANCE-AMBIENT ETC...
CD - IMPORTADO/NACIONAL
ENVIAMOS VIA CORREIO PARA TODO BRASIL
AV. PAULISTA, 726
LOJAS 9/10 SÃO PAULO-SP - CEP: 01310-100
FONE: (011) 288-4847

SUPERPROMOÇÃO
PAI DO ROCK
INSTRUMENTOS MUSICAIS
FAÇA-NOS UMA VISITA ATÉ DIA 15/11/94, PREENCHA UM CUPOM E CONCORRA A:
1 GUITARRA FENDER SQUIER STRATO
10 FITAS VÍDEO-AULAS MELLO JUNIOR/MPO
20 CAMISETAS PAI DO ROCK
SORTEIO DIA 21/11 ÀS 21HS NO AEROANTA SHOW DE LANÇAMENTO VÍDEO-AULA MELLO JUNIOR E BANDA
RUA TEODORO SAMPAIO, 865 - PINHEIROS
CEP 05405-050 - SÃO PAULO - SP
TELS.: (011) 883-6779 / 851-1651

free note
SONG BOOKS
MÉTODOS E VÍDEO-AULAS IMPORTADOS E NACIONAIS.
ATENDEMOS TODO O BRASIL
RUA TEODORO SAMPAIO,785
SÃO PAULO - SP
TEL/FAX: (011) 853-4690

Jukebox — Joe Jackson

Se existem alguns nomes no pop que reúnam na sua obra inventividade, inquietação e ecletismo, então **JOE JACKSON** é um deles.

Este multiinstrumentista, arranjador e compositor inglês é um mar de influências e de nuances quase experimentais que se mesclam em elaborados arranjos e melodias inspiradas.

A sua música, apesar dos predicados – que para alguns podem parecer assustadores – passa a muitos quilômetros de distância de toda a chatice de outros ícones subterrâneos que tumultuam uma grande parte do cenário da música pop.

Na verdade, o trabalho de Jackson é pop na sua essência e ele deixa isso bem claro nos discos que faz. São produções variadas que vão desde a new wave com momentos punk – como na primeira fase da sua carreira – até ao jazz tradicional baseado em típicos arranjos para big bands, como no caso do raríssimo *Jumpin' Jive* (81).

Jacksone da new wave com momentos punk ao jazz tradicional

> "Uma obra que reúne inventividade, inquietação e ecletismo"

JJ é o tipo de artista que se pode chamar de camaleão: passa por alguns momentos mais introspectivos – como na trilha sonora que fez para o filme *Tucker* (88) – e depois consegue retomar a sua personalidade naqueles outros trabalhos chamados "oficiais".

O primeiro grande sucesso veio através da música "Steppin' Out", do disco *Night And Day* (82), que liderou as paradas – até no Brasil. Mas os dias de popstar pararam por aí. O próprio Jackson – por mudanças de arranjos e pelas suas "desaparecidas estratégicas" – mostrou que não era isso que queria. O álbum duplo ao vivo que lançou em 88 foi a prova viva disso. Registrado em vários locais e com bandas diferentes, o disco traz quase todas as músicas em versões muito diferentes das originais.

Sumido desde 89 – quando fez seu último trabalho, *Laughter And Lust* –, o camaleão deve estar por aí preparando alguma. ROBERT HALFOUN

Discografia Selecionada

■ **Look Sharp!** (79, A&M) Estréia na qual Jackson, enquanto compositor de primeira linha, foi comparado a artistas britânicos consideráveis, como Graham Parker e Elvis Costello.
■ **I'm The Man** (80, A&M) No mesmo esquema básico do primeiro álbum, aqui Jackson desfila hits como "On Your Radio" e "It's Different For Girls".
■ **Beat Crazy** (80, A&M) Terceiro e último disco que fez com a Joe Jackson Band original, fechando assim sua fase "new wave". Com o espírito dos dois antecessores, mas com maior teor pop.
■ **Night And Day** (82, A&M) Jazz, mas com pop e sons latinos, neste sucessor de *Jumpin' Jive*, que marcou a guinada ao estilo.
■ **Live – 80/86** (88, A&M) Disco duplo, com interpretações diferenciadas de Joe para temas de várias fases da sua carreira.

Todos os discos disponíveis em CDs importados. *I'm The Man* e *Night And Day* saíram em vinil no Brasil, mas estão fora do catálogo

Vídeo

Hey, hey, with The Monkees...

Eles estão à solta! Naquela que se tornou a maior movimentação da história da gravadora/produtora americana Rhino, a companhia vai lançar agora em vídeo todos os 58 episódios da série de TV **The Monkees** (antes só alguns poucos estavam disponíveis), para a qual o grupo foi originalmente formado e que passou com grande sucesso nos Estados Unidos entre 66 e 68 – no Brasil, o seriado também virou objeto de culto ao ser exibido.

Mas ainda há mais sobre **THE MONKEES**: também vão sair o longa-metragem **Head** (direção de Bob Rafelson) e um especial de TV inédito – **33 1/3 Revolutions Per Monkee**.

The Monkees: a série de TV, agora em vídeo

Cogita-se ainda outra produção para o cinema com a banda, fora a reedição dos nove álbuns deles, com *bonus tracks* e outras raridades.

E para comemorar os trinta anos do grupo, eles vão partir numa turnê mundial que deve passar por aqui, já que eles sempre mostraram grande interesse por nosso país – Mike Nesmith mudou o nome de seu selo Pacific para Rio e gravou "Aquarela Do Brasil" (Ary Barroso) e outras canções com referências brasileiras.

Para saber mais novidades sobre o grupo, ligue para: *Hot Line The Monkees – (011) 800 – 432-0020 (USA)* e para obter o material acima, o contato para os vídeos é o da gravadora: *Rhino – 10635, Santa Monica Boulevard., Los Angeles, CA – 90025 (USA).* SERGIO BARBO

REVISTA BIZZ INFORMA

CYNDI LAUPER
1º/11
OLYMPIA - SP

RAMONES & SEPULTURA
(VIPER / RAIMUNDOS)
05/11 - RIO
06/11 - B.HORIZONTE
09/11 - PORTO ALEGRE
11/11 - FLORIANÓPOLIS
12/11 - CURITIBA

PET SHOP BOYS
05, 06 E 07/12
OLYMPIA - SP
09 E 10/12
METROPOLITAN - RIO

JON SECADA
14,15 E 16/11
OLYMPIA - SP
18/11
METROPOLITAN - RIO

MEGADETH
07/12
IMPERATOR - RIO
08 E 09/12
OLYMPIA - SP

REALIZAÇÃO
WATER BROTHER
E
MERCURY CONCERTS
INFORMAÇÕES: (011) 575-1262

PROMOÇÃO
REVISTA BIZZ

Discoteca Básica

STEELY DAN
Can't Buy A Thrill

PERFORMANCE

Lançamento 1972 ■ Produção Gary Katz ■ Faixas "Do It Again" • "Dirty Work" • "Kings" • "Midnite Cruiser" • "Only A Fool Would Say That" • "Reelin' In The Years" • "Fire In The Hole" • "Brooklyn (Owes The Charmer Under Me" • "Change Of The Guard" • "Turn That Heartbeat Over Again" ■ **Notas** O título do álbum foi extraído de um verso de Bob Dylan – "Well, I ride on a mail train, baby/Can't buy a thrill" ("Bem, eu viajo em um trem postal, baby/ Não posso comprar uma emoção") • O disco foi gravado no histórico estúdio Village Recorder, em Los Angeles • O single "Do It Again" vendeu cerca de um milhão e meio de cópias • As notas de apresentação na edição original do álbum foram assinadas por um tal de Tristan Fabriani, que na verdade era um pseudônimo do duo ■ Formatos Disponível nos EUA, na Europa e no Japão, em sua versão original e também na caixa *Citizen Steely Dan: 1972-1980* (MCA), que reúne os seis álbuns e uma faixa inédita. No Brasil, em vinil estava fora de catálogo, mas saiu em CD recentemente, lançado pela MCA/BMG-Ariola.

Becker & Fagen: o duo que vendeu mais de 50 milhões de discos com seu pop sofisticado

Eles detestam os palcos, as entrevistas e os fotógrafos. Amam jazz, literatura *beat*, perfeccionismo e sexo.

O nome foi afanado dos dildos de borracha que povoavam o livro *The Naked Lunch* (*Almoço Nu* aqui no Brasil), de William Burroughs. E a idéia inicial era fazer um pop simples, que se tornaria sofisticado com o passar dos anos.

Dito e feito: quando em meados de 72 iniciaram as gravações de *Can't Buy A Thrill*, já possuíam um grau de sofisticação pouco comum aos grupos de caráter pop da época – como The Grass Roots e Three Dog Night, além de já terem tocado em várias bandas e composto para muita gente.

> ***"Subversão de incorporar harmonias jazzísticas a tessituras pop"***

O Steely Dan – que voltou após um hiato de treze anos – é uma verdadeira instituição musical. Os donos do império são Donald Fagen (teclados/vocais) e Walter Becker (guitarra/baixo/vocais ocasionais), dois caras excêntricos que recrutaram caros e respeitados músicos de estúdio para o grupo.

Numa discografia composta somente por quinze singles e sete álbuns, eles conseguiram vender mais de 50 milhões de discos e *Can't Buy A Thrill* não foi apenas o pontapé inicial deste sucesso, como também a obra que veio a definir a concepção musical do duo.

Ou seja, a subversão de incorporar harmonias jazzísticas a tessituras pop, adicionando pitadas de som latino, ecos de soul music e sombras de Traffic e de The Band. Assim, geraram uma técnica muito específica de tornar viável o que poderia ser insólito.

A arte da transfiguração comandada por Becker e Fagen contou com a ajuda preciosa das guitarras de Jeff Baxter (ex-The Fugs, ex-The Ultimate Spinach) e de Denny Dias (que mesclava Santana com *bebop*), mais a precisão rítmica da bateria de Jim Hodder (ex-The Bead Game) – que emprestou seus vocais a uma das canções, "Midnite Cruiser", um tributo ao jazzista Thelonious Monk.

Neste álbum apareciam alguns dos maiores hits do Steely Dan: canções como "Do It Again", "Reelin' In The Years" e "Dirty Work" (onde os vocais principais ficaram com o tecladista David Palmer, pois Fagen morria de medo de ser um cantor). Quanto às letras deles, eram imagéticas e bizarras – Becker explicou, na época, que "elas evocavam sensações esquecidas". Que tal então despertar arrepios dos anos 70 ao reouvir *Can't Buy A Thrill* – e também todos os seus geniais sucessores que foram lançados pelo Steely Dan? *Fernando Naporano*

ATENÇÃO!
TRÁFEGO INTENSO
EM TODAS AS PISTAS.

C+C MUSIC FACTORY UMA PISTA DE DANÇA NA SUA CASA.

CD • K7 • LP

COLUMBIA Sony Music

PROVA ENTREGA [illegible] 288 PHOTO: URIPOLLI

77
5

SETE SETE CINCO